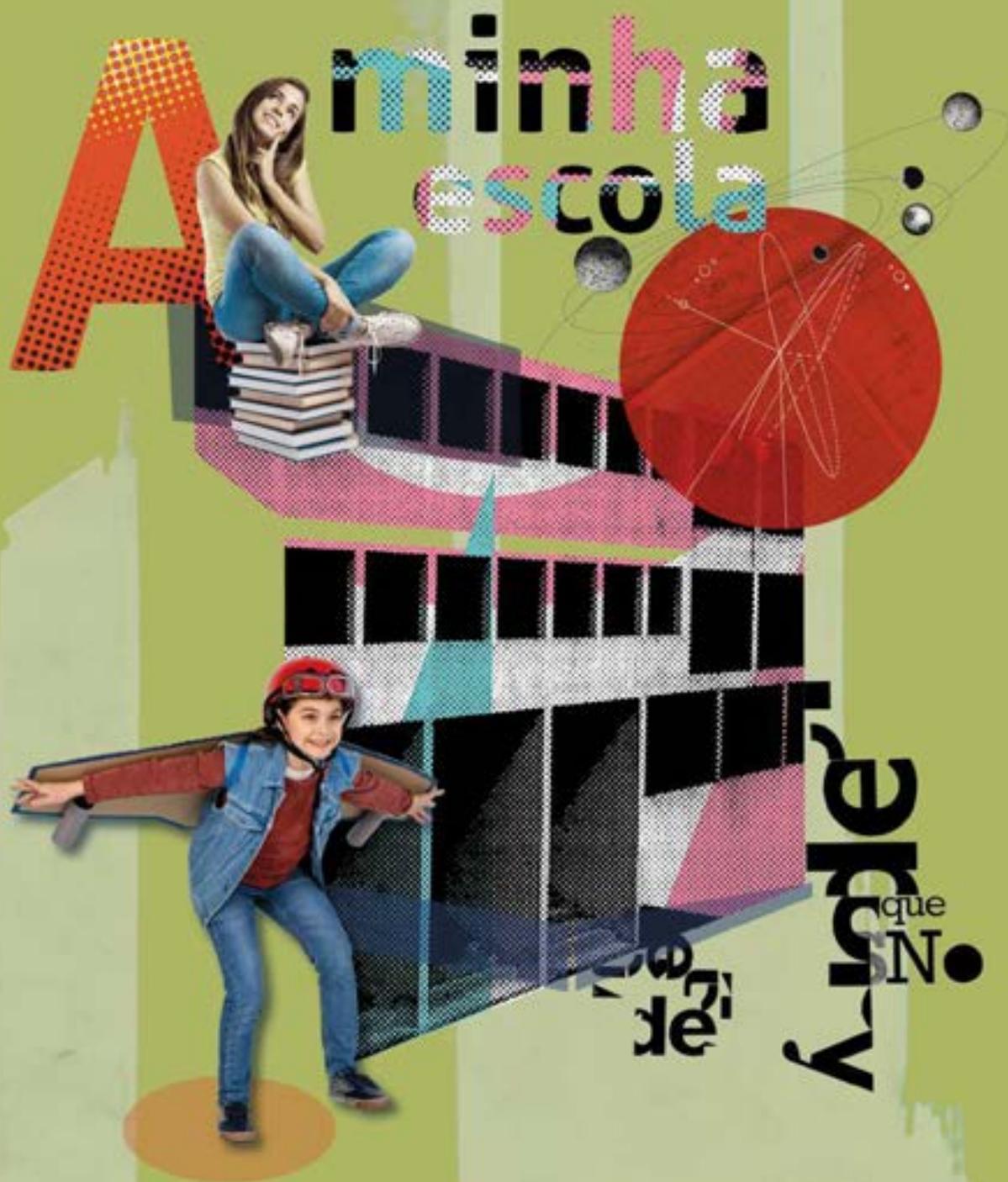


Edição número 36 - dezembro 2023

LATITUDE

ESCOLAS PORTUGUESAS NO ESTRANGEIRO



Ficha Técnica

Proprietário	Direção-Geral da Administração Escolar, (DGAE)
Diretora	Diretora-Geral da DGAE, Susana Castanheira Lopes
Editora Executiva	Diretora de Serviços da DSEEPE, Paula Marinho Teixeira Alves
Revisão de Conteúdos	Alexandra Lopes (DGAE), Josete Perdigão (DGAE)
Design Gráfico e Paginação	Mário Louro (DGAE), Rui Sequeira (DGAE)
Execução Gráfica	Editora do Ministério da Educação e Ciência
Colaboradores	Escolas Portuguesas no Estrangeiro (EPE)
Periodicidade	Trimestral
Sede de Redação	DGAE – Avenida 24 de julho, 142, 1399-024 Lisboa

Agradecimentos

Um agradecimento especial à Professora Doutora Ariana Cosme, atual Inspetora-Geral da Educação e Ciência, por ter acedido tão prontamente ao convite formulado para a redação do editorial deste número da revista, com reflexões sempre aprofundadas sobre o papel da Escola, designadamente das práticas pedagógicas inovadoras no âmbito da gestão curricular e do processo de ensino-aprendizagem.

Agradecemos ao Professor Doutor Domingos Fernandes, Presidente do Conselho Nacional de Educação, o excelente contributo. O nosso muito obrigado também à professora Paula Lopes da Universidade Autónoma de Lisboa pelo seu texto; à professora Elsa Mendes, Coordenadora Nacional do PNC; ao professor Luís Caldas de Oliveira do IST pelo precioso contributo; à Helga Montrond, da Associação Projeto Vitó, uma ONG Cabo-verdiana, pelas excelentes iniciativas; à Sandra Mainsel da Televisão Pública de Angola, pelas relevantes palavras; ao professor Odair Cardoso, Coordenador do Projeto Biosfera de Cabo Verde, pelas importantes iniciativas reportadas.

E porque o desafio de pensar a Escola como uma comunidade de aprendizagem onde o trabalho colaborativo é central e as diferenças acrescentam valor e são entendidas como oportunidades, agradecemos aos professores e alunos das Escolas Portuguesas no Estrangeiro, pelo seu empenho e trabalho patente nos testemunhos emotivos sobre o modo como sentem a escola e como entrecruzam saberes com as comunidades educativas em que estão inseridos.

O nosso reconhecimento a todos os alunos e profissionais do Projeto CAFE pelo trabalho que diariamente desenvolvem e que indubitavelmente muito contribui para a afirmação da língua portuguesa.

Para que a Escola continue a ser esse lugar de múltiplas aprendizagens, mas também de “socialização cultural”, nas palavras da Doutora Ariana Cosme, todos contam e cada um é relevante.

A DSEEPE deseja a todas as comunidades escolares um novo ano repleto de concretizações.

A Editora Executiva

Os artigos que compõem esta edição são da autoria de elementos da Direção, Professores, Alunos, Técnicos Especializados das várias escolas, públicas e privadas, com currículo português, sediadas nos vários países indicados.

As fotografias publicadas nesta edição foram cedidas de acordo com o previsto no RGPD.

Isenta de Registo na E.R.C., ao abrigo do Decreto Regulamentar n.º 8/99, de 9 de junho, artigo 12.º, n.º 1, alínea b).

“Entender as escolas como contextos de esperança é, hoje, uma necessidade para que alunos e professores possam atribuir significados mais gratificantes às tarefas e ao trabalho que lhes diz respeito.”



A relação da escola com a esperança

Ariana Cosme

Não sendo este um desafio que diga respeito apenas à Escola e aos seus professores é, também, um desafio que lhes diz respeito.

Se é verdade que as desigualdades nas escolas não podem ser dissociadas das desigualdades do berço, também sabemos que a nossa existência como seres humanos tem vindo a depender da nossa capacidade de superarmos todo um conjunto de obstáculos e adversidades que pareciam ser intransponíveis. Inúmeros testemunhos que mostram como, para muitos de nós, houve escolas e professores que foram decisivos para sermos quem somos e, de alguma forma, contribuindo para que fosse outro o nosso futuro. Há uma expressão brasileira que me comove, já que é uma expressão que fala de mulheres e de homens que se mostram capazes de tirar leite da pedra; que fala de mulheres e homens que recusam aceitar o campo de impossibilidades e optam, antes, pelo enfrentar exigente e resiliente de desafios que parecem abrir caminhos de esperança e futuro.

A primeira condição para a afirmação desta escola tem a ver com a possibilidade de os professores acreditarem que é necessário, e possível, contribuírem para a afirmação de uma Escola mais inclusiva onde os estudantes possam realizar aprendizagens culturalmente significativas já que

é esta crença que alimentará o desejo de mudança e lhes permitirá, por um lado, mostrarem-se capazes de valorizar as pequenas mudanças que vão ocorrendo, e defendê-los dos efeitos corrosivos da desilusão e da desesperança perante as inúmeras dificuldades a enfrentar e os insucessos com que se vão confrontar.

Sabendo que o centro das atividades educativas nas escolas deve ter em conta a diversidade de necessidades, interesses e saberes dos alunos não podemos perder de vista de que o fundamental é que, na oportunidade dessas atividades educativas, se promova o desenvolvimento da relação que esses alunos deverão estabelecer quer com outras leituras e visões do mundo quer com outros modos de pensar e de agir.

Não se trata de opor o desenvolvimento das competências cognitivas, socio emocionais e éticas à apropriação do património de informações, instrumentos, procedimentos e atitudes culturalmente validado e entendido como socialmente necessário, mas que se compreenda que o desafio que os professores têm pela frente consiste em criar as condições para que a apropriação daquele património constitua, de facto, uma oportunidade de desenvolvimento daquelas competências.

Os professores devem ser entendidos como interlocutores qualificados, já que a sua função não pode ser circunscrita à criação de condições e ao fornecimento dos recursos que são necessários para suscitar as aprendizagens dos alunos.

Gosto de pensar que na experiência com um poema, um estudante se possa confrontar com um mundo que ainda desconhece, redescobrimo-se, de algum modo, a si próprio nessa interpelação, mas para que isso aconteça é necessário garantir que se tem em conta os alunos nas suas singularidades pessoais e culturais, de forma a garantir que a sua relação com aquele poema se possa constituir como uma oportunidade formativa. Para além disso, importa reconhecer que estamos perante momentos de partilha, de discussão e de cumplicidade que favorecem a possibilidade de uma tal atividade ser identificada como uma oportunidade de formação pessoal e social mais ampla.

Sabemos que um papel profissional tão exigente implica que nem sempre se seja bem-sucedido ou que se possa encontrar soluções imediatas para todos os desafios que os professores decidem enfrentar; as aprendizagens constituem mais uma possibilidade que se oferece do que uma situação que se pré-determina. Poderia dizer que a ação de ensinar nas escolas é, sobretudo, a súpula de

momentos de comunicação que, apesar da diversidade das dinâmicas, circunstâncias ou ambientes, implicam sempre, o reconhecimento dos alunos como interlocutores e as vicissitudes que resultam da ação pedagógica deverão ser sempre entendidas como desafios e não como problemas.

Reconhecer que se trata de uma ação de interlocução qualificada exige reconhecer que é uma ação complexa e exigente e que a mudança será mais facilmente enfrentada quando os professores puderem contar com o apoio dos seus pares tornando as escolas em coletivos solidários já que todo o processo formativo vai exigir partilha de soluções, de avaliações e de reflexões que exigem disponibilidade para apoiar ou ser apoiado e cumplicidade quanto baste.

Entender as escolas como contextos de esperança é, hoje, uma necessidade para que alunos e professores possam atribuir significados mais gratificantes às tarefas e ao trabalho que lhes diz respeito.

Ariana Cosme
Professora Doutora
Inspetora-Geral da Educação e Ciência - IGEC



Editorial

Ariana Cosme	3
Domingos Fernandes	6
Paula Lopes	7
Sofia Gonçalves	8
Elsa Mendes	10
Luís Caldas de Oliveira	11
Sandra Mainsel	12
Odair Cardoso	13
Helga Montrond	14
Elísio Macamo	17
José Vieira Lourenço	18

Destques

Inauguração do Polo do Mindelo da Escola Portuguesa de Cabo Verde (EPCV-CELP)	96
Polo do Lubango da Escola Portuguesa de Luanda (EPL-CELP)	96
Inauguração do Polo da Beira da Escola Portuguesa de Moçambique (EPM-CELP)	97
Seleção e recrutamento de docentes	98
II Jornadas da Educação para as Escolas Portuguesas no Estrangeiro	98
III Encontro de Escolas Portuguesas no Estrangeiro	98

Angola

Escola Portuguesa de Luanda-CELP	20
Escola Portuguesa do Lubango	24
Colégio Pequenos Príncipes	25
Escola Portuguesa de Lunda Sul	26
Escola Camilo Castelo Branco	28
Colégio Atlântico	29
Colégio Letras e Cores	30
Colégio Educ'Arte	31
Colégio Português	32
Colégio Leme Educare	33
Colégio São Francisco de Assis	34

Cabo Verde

Escola Portuguesa de Cabo Verde-CELP	38
--------------------------------------	----

Macau

Escola Portuguesa de Macau	42
----------------------------	----

Moçambique

Escola Portuguesa de Moçambique-CELP	36
Colégio Lusíadas	47
Escola Portuguesa de Nampula	48

São Tomé e Príncipe

Escola Portuguesa de S. Tomé e Príncipe-CELP	51
--	----

Tinor-Leste

Escola Portuguesa de Díli-CELP	55
PCAFE de Aileu	58
PCAFE de Baucau	64
PCAFE de Díli	68
PCAFE de Ermera	71
PCAFE de Luiquiá	72
PCAFE de Lospalos	75
PCAFE de Maliana	80
PCAFE Manatuto	86
PCAFE Same	88
PCAFE Suai	91
PCAFE Viqueque	93

A Escola, o perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória e os professores

Domingos Fernandes



A Escola é a unidade básica dos sistemas educativos contemporâneos e, por isso, tem um papel decisivo para que se alcancem finalidades fundamentais da Educação. O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO) assume, no contexto atual, uma particular e decisiva importância pois, para além de um conjunto de Princípios e Valores e de uma Visão, define 10 Áreas de Competências que estruturam e dão sentido ao que, e como, se aprende e ao que, e como, se ensina. É um documento curricular que deverá constituir um importante referencial acerca do que é importante aprender e que, em rigor, exige novas e inovadoras formas de ensinar, de aprender e de organizar a vida pedagógica da Escola. A ideia é que todos os alunos devem aprender a ser autónomos, a utilizar o pensamento crítico, a ser criativos, a ter sensibilidade artística e estética, a desenvolver o saber científico, técnico e tecnológico e a raciocinar e resolver problemas.

Os professores são o fator escolar que mais influencia as aprendizagens dos alunos e são fundamentais para que aquelas competências, quiçá as mais relevantes aprendizagens propostas para a vida escolar dos alunos, possam ser alcançadas. Por isso, têm de ser profissionais muito qualificados para desenvolverem o currículo com alunos oriundos de meios muito diversos dos pontos de vista social, cultural e económico. E trabalharem para que todos aprendam os conhecimentos, as capacidades, as atitudes e as competências previstas no PASEO, indissociáveis do desígnio basilar que é aprender a pensar para resolver uma diversidade de problemas. E, assim, poderem dar o seu incontornável contributo para transformar e melhorar a Escola.

“Os professores são o fator escolar que mais influencia as aprendizagens dos alunos e são fundamentais para que aquelas competências, quiçá as mais relevantes aprendizagens propostas para a vida escolar dos alunos, possam ser alcançadas”.

Domingos Fernandes
Presidente do Conselho Nacional de Educação

Educação: o caminho para a liberdade

Paula Lopes

Palco de tensões e de relações de poder, a Escola é – e sempre foi – um espaço em ininterrupta e inquieta reinvenção. As dinâmicas e as lógicas que a caracterizam mudam segundo o *esprit du temps*, forçando os atores sociais que nela coabitam a constantes adaptações e a novas e (até) inesperadas recomposições. Local privilegiado de ensino-aprendizagem, de cultura (erudita, mas também juvenil), a Escola é hoje um mosaico complexo de socialização (inevitavelmente desigual), onde vínculos relacionais formais e informais geram processos inclusivos ou exclusivos, criativos ou entediantes, inovadores ou obsoletos.

Sublinha o sociólogo Pedro Abrantes, em *Os Sentidos da Escola*, que os alunos não vão simplesmente à escola, apropriam-se da escola, atribuem-lhe sentido(s). Assumindo à partida que todos os contextos podem ser

de aprendizagem e que o processo educativo “é o comportamento que mais marca o quotidiano das nossas vidas e é o mais quotidiano dos processos que orienta o nosso agir”, como afirma Raul Iturra, a construção de identidade de um aluno só poderá ser uma experiência plena em liberdade. Liberdade para refletir e se exprimir, para criar, para construir o seu ‘lugar de fala’. Liberdade para se entusiasmar e para se divertir.

Escreve Mariano Enguita, em *Educação e Transformação Social*, que a educação é vista como “o melhor e principal instrumento para ajudar as pessoas a prepararem-se para uma vida plena, uma cidadania participativa, uma posição económica digna e suficiente, uma convivência não conflituosa, uma apreciação adequada da cultura e das relações sociais em constante processo de mudança”. Pensemos novas iniciativas e projetos na escola numa

dupla perspetiva: como gatilho para o envolvimento, a emoção e o prazer; como caminho para a cidadania esclarecida e para a participação social e consciente.

Em tempos de naturalização tecnológica, de cultura digital e de desordem informacional, urge ensinar a pensar a cultura mediática, desconstruir o discurso dos *media*, questionar práticas e competências mediáticas e digitais. No dia 17 de novembro de 2023 foram aprovadas em Conselho de Ministros (e publicadas em Diário da República) as ‘Linhas Orientadoras do Plano Nacional de Literacia Mediática’. Os alicerces estão conformados, o edifício em construção, a oportunidade nas nossas mãos. Vamos meter mãos à obra?

Paula Lopes



Paula Lopes

Professora Associada na Universidade Autónoma de Lisboa, subdiretora do Departamento de Ciências da Comunicação, coordenadora científica da Licenciatura em Ciências da Comunicação e do Mestrado em Comunicação Aplicada.

A Escola: visões partilhadas e colaborativas

Sofia Gonçalves

“É fundamental atribuímos, cada vez mais, um sentido social e significativo às abordagens pedagógicas, focalizando o papel dos/as docentes como protagonistas da gestão curricular proativa e inovadora e dos alunos e alunas como construtores/as de conhecimento amplo, abrangente e integrado”.



Numa época em permanente mudança e em que os desafios se sucedem nas nossas escolas, torna-se cada vez mais premente adotar estratégias que contribuam para a reflexão e construção de novos paradigmas que permitam a reconfiguração da prática pedagógica numa lógica fundamentada, intencional e situada. Urge proporcionar a docentes e estudantes tempos e espaços para se encontrarem soluções, de acordo com a cultura de cada escola e a identidade pedagógica de cada comunidade.

Todas as escolas, assumindo e promovendo a sua cultura, desenvolvem os seus próprios objetivos e enfatizam diferentes aspetos relacionados com o que é “ser escola” com foco num sistema colaborativo em que os diferentes grupos, responsáveis pela construção de uma educação e sociedade cada vez mais humanistas e democráticas, se relacionam e interagem com um propósito comum. A cultura escolar define-se como um conjunto de “deep patterns of values, beliefs, and traditions that have been formed over the course of [the school’s] history” (Deal & Peterson, 1990, cit. in Matos, 2005, p.18).

Matos, Lens e Vansteenkiste (2009, p.5) apelam à dimensão interrelacional do termo cultura escolar, sublinhando como implica “(...) a functioning system in which different groups that play an

important role at school, will relate and interact with one another in a particular way”.

Numa visão ampla, transformadora e inovadora, defendemos a Escola enquanto espaço de aprendizagem que vai muito além da sala de aula, um espaço de socialização e de construção de identidade, onde alunos e alunas podem explorar diferentes formas de expressão e de desenvolvimento da criatividade e do pensamento crítico.

A concretização do currículo oferece a possibilidade de escolha de diversos caminhos para o sucesso educativo, e daí advém a diferenciação pedagógica e a diversificação de estratégias. Abrantes (2001) entende que esta gestão fica responsabilizada pela “procura dos modos adequados a cada situação concreta para que seja possível promover determinadas aprendizagens de uma forma realmente significativa” (p.43), conferindo aos alunos a oportunidade de aceder a um conhecimento menos segmentado para que possa ser compreendido e relacionado.

Este conhecimento diversificado contribui para a reflexão e posterior ação intencional, pelo que este contexto educativo pode caracterizar-se como educação para e em ação e para os

saberes em uso. Considerando as palavras de Cachapuz, Paixão e Sá-Chaves (2004), estes saberes não são apenas “conhecimentos disciplinares” nem “qualificações profissionais (...) que o processo científico constantemente desatualiza” (p.18), mas sim “competências

fundacionais” que se espera que cidadãos e cidadãs adquiram ao longo da sua vida, de modo a “agir de forma refletida, consciente, informada e regulada por valores, que suportem a dignidade humana, presente na sua diversidade individual, pessoal, social, emocional, cultural e civilizacional” (p.26). Ora, falar de competências implica sempre considerar a estrutura interna da pessoa (os seus conhecimentos, crenças, capacidades cognitivas, os seus valores e atitudes, as suas emoções e motivações) e os contextos educativos e sociais com os quais a pessoa interage. Logo, as competências implicam conhecimentos multidisciplinares que dependem de saberes básicos fundacionais. Os mesmos autores referem ainda que o conceito “aprender a ser” depende de “aprender a conhecer”, “aprender a fazer” e “aprender a viver juntos” (p.17). Assim, é importante desenhar e implementar processos educacionais que promovam a construção coletiva de conhecimento, repensando a atividade pedagógica

e imprimindo nela atividades que conduzam ao desenvolvimento de competências como aprender a pensar, a pesquisar, a comunicar, a raciocinar, a criar e a intervir com sensibilidade.

A escola permite a estudantes espaços para o desenvolvimento da capacidade analítica e crítica, da avaliação e seleção de informação, da formulação de hipóteses e tomada de decisões.

A escola proporciona às crianças e jovens o entendimento da liberdade, da autonomia, da responsabilidade e da consciência de si e do mundo, devendo ser capaz de lidar com a mudança e com a incerteza num mundo em rápida transformação. Acreditamos, ainda, numa escola que possibilita um ambiente de aprendizagem ao longo da vida, contribuindo, assim, para o desenvolvimento pessoal e para a capacidade de intervenção social, numa

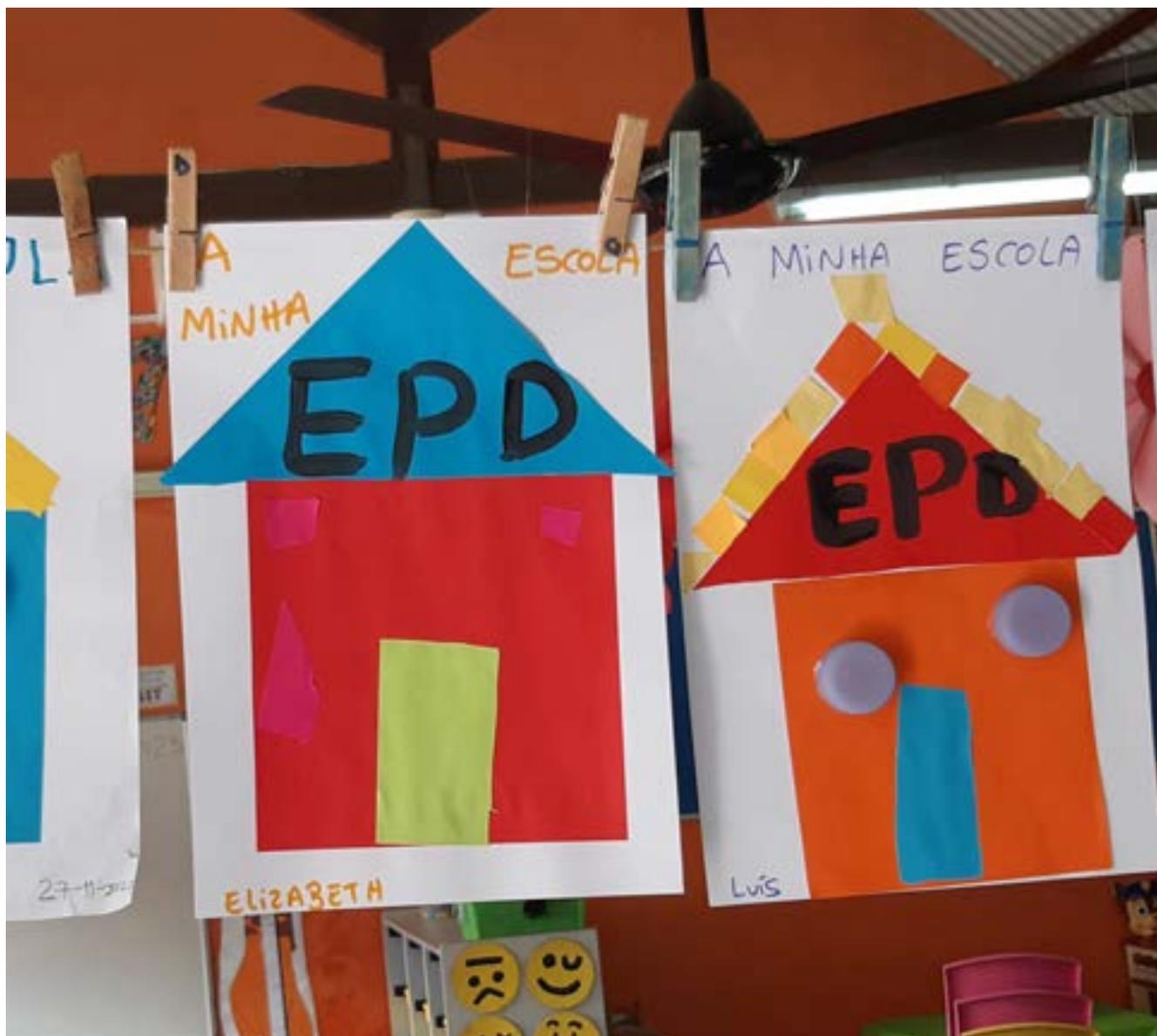
base humanista, inclusiva, que garante o direito de acesso e participação efetiva em todos os contextos educativos, numa busca incessante da construção de uma sociedade justa, baseada na dignidade humana e na preservação do planeta, orientada para a formação de pessoas capazes de refletir e agir socialmente.

A colaboração apresenta-se como uma estratégia fundamental para o desenvolvimento de competências de forma inovadora e vista como uma ferramenta poderosa. Os descritores operativos, por exemplo, expressos no Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória, orientam para a comunicação e colaboração de forma adequada, respeitando o ambiente em que cada estudante se insere, fomentando ambientes de cooperação, partilha e competição. O trabalho em equipa também surge em destaque nesta dimensão, promovendo

a interação com tolerância, empatia e responsabilidade que a aprendizagem em colaboração tanto defende, permitindo a interdependência positiva.

Assim, é fundamental atribuímos, cada vez mais, um sentido social e significativo às abordagens pedagógicas, focalizando o papel dos/as docentes como protagonistas da gestão curricular proativa e inovadora e dos alunos e alunas como construtores/as de conhecimento amplo, abrangente e integrado.

Sofia Gonçalves
Escola Superior de Educação de Coimbra



Levar o Cinema às Escolas Portuguesas no Estrangeiro

Elsa Mendes

“Inserido no Plano Nacional de Cinema, 6 EPE realizaram sessões de cinema e atividades relacionadas. Regista-se um total de 3.546 alunos envolvidos, 225 docentes, para 132 sessões de cinema, que se considera ser um número significativo”.

Desenvolvendo diferentes tipos de atividades cinematográficas, as EPE têm participado de forma contínua no Plano Nacional de Cinema (PNC), um projeto de iniciativa das áreas governativas da Cultura e da Educação que é dinamizado pela Direção-Geral da Educação, pelo Instituto do Cinema e do Audiovisual (ICA) e pela Cinemateca Portuguesa. O cinema português tem-se revelado um veículo privilegiado de disseminação da língua portuguesa e, em 2021, o aparecimento da plataforma streaming do PNC reforçou definitivamente esta evidência, como o demonstram as muitas dezenas de sessões escolares realizadas até 2023. Está previsto o envio de material fílmico de forma alternativa às EPE, em que a rede de internet se tem revelado insuficiente, mas, naquelas que têm esta possibilidade, tem-se destacado a procura de cinema de animação português, de autores como Pedro Serrazina, Regina Pessoa e José Miguel Ribeiro!

DESTAQUE

Cinema na Escola Portuguesa de Cabo Verde (EPCV)

No ano letivo 2022-23, a equipa do PNC da EPVC dinamizou um projeto de literacia dos media em parceria com a Unicef, a Universidade de Cabo Verde, a Direção Nacional de Educação e a Associação de Cinema e Audiovisual de Cabo Verde. A Dra. Valéria Gomes e a Dra. Rita Alves (docentes da equipa PNC na EPCV) promoveram oficinas de formação sobre cinema, em conjunto com o realizador e professor Francisco Veres-Machado e alunos do Curso de Tecnologias, Multimédia e Comunicação da Universidade de Cabo Verde.

O projeto viabilizou o desenvolvimento de múltiplas competências criativas em crianças e jovens - entre os 10 e 15 anos - de seis escolas da ilha de Santiago, que, através da criação de curtas-metragens de animação, ficção e documentário, abordaram temas sobre *bullying* e igualdade de género. Desta experiência resultaram 100 curtas-metragens, das quais 37 integraram a I Mostra de Cinema Documental de Jovens Realizadores, na Universidade de Cabo Verde, em 2023!

Construtoras de um inestimável contributo, não só na área da fruição cinematográfica, mas também enquanto eixos de experimentação cinematográfica junto das crianças e jovens, as EPE têm-se assumindo como verdadeiros polos de educação e cultura!

Elsa Mendes
Coordenadora Nacional do PNC



Mudar mentalidades

Luís Caldas de Oliveira



Uma aula é, por vezes, descrita como um local onde os conceitos passam da apresentação do professor para os apontamentos do aluno sem necessidade da intervenção do cérebro de nenhum deles. Uma aula deve ser mais do que a transmissão de conhecimento: é sobretudo uma oportunidade para mudar a mentalidade dos alunos.

O maior impacto da Educação é, para mim, a transformação da mentalidade fixa numa mentalidade de crescimento. Muitos alunos, principalmente os que nascem em ambientes desfavorecidos, acreditam que as suas capacidades são inatas, procurando apresentar-se como sendo inteligentes e rejeitando situações, como a aula, onde essa ideia pode ser ameaçada. Pelo contrário, quem tem uma mentalidade de crescimento, acredita que pode desenvolver os seus talentos com trabalho, boas estratégias e colaborando com outros. Para estes indivíduos a ignorância ou a falta de uma competência é um estado temporário que não têm receio de assumir.

A mentalidade de inovação está ligada à de crescimento, pois quem tem esta mentalidade tende a assumir o controlo da sua vida, a ter objetivos convincentes para o futuro e uma visão otimista dos eventos adversos, vendo os problemas como oportunidades. Como pode o professor desenvolver uma mentalidade inovadora nos seus alunos? Uma estratégia é a divisão da aula em grupos reunidos pela diversidade e não por serem amigos, em que cada grupo trabalha num problema do mundo real escolhido pelos próprios, mesmo que mal formulado, mas identificando com clareza as pessoas que têm esse problema. Neste modelo, o papel do professor é o de orientar os alunos a aplicarem os seus conhecimentos e de os levar a validar a sua proposta de solução com os beneficiários da mesma. O sucesso desta estratégia enriquecerá não só o cérebro dos alunos como também o do professor.

Luís Caldas de Oliveira

Tem lecionado disciplinas de processamento de sinais, inovação e empreendedorismo para estudantes de Engenharia Elétrica e de Computadores, Engenharia de Gestão de Energia, Informática, Engenharia Biomédica e Engenharia Aeroespacial no Instituto Superior Técnico (IST) (Universidade de Lisboa). Os seus interesses incluem o processamento da fala e, particularmente, síntese e produção de fala, processamento de sinais, internet das coisas, inovação e empreendedorismo. Tem estado envolvido em muitos projetos de investigação e transferência de tecnologia, patrocinados pela indústria, pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia de Portugal e pela Comissão Europeia. Em 1991, foi co-autor do sistema DIXI, o primeiro sintetizador de texto para voz para o português europeu. A Voiceinteraction S.A., uma empresa criada em 2008, comercializa uma versão modernizada deste sistema. De 1991 a 1993, foi consultor nos AT&T Bell Laboratories, em Murray-Hill, NJ. De 2004 a 2009, foi o diretor encarregado dos assuntos administrativos do INESC-ID, um instituto de investigação privado sem fins lucrativos. De 2009 a 2019, foi Vice-Presidente do IST para Empreendedorismo e Relações Empresariais. Entre outras iniciativas, criou a área de transferência de tecnologia do IST, a Comunidade de Spin-Offs do IST e o Programa de Rede de Parceiros do Técnico. Desde 2020, dirige o iStartLab, o Laboratório de Inovação do IST. Gosta de ler e de consertar coisas, mesmo que não estejam estragadas.

“Uma aula deve ser mais do que a transmissão de conhecimento: é sobretudo uma oportunidade para mudar a mentalidade dos alunos. O maior impacto da Educação é, para mim, a transformação da mentalidade fixa numa mentalidade de crescimento”.

Desenvolvimento educativo em Angola: inovações transformadoras para as gerações futuras

Sandra Mainsel

“O maior impacto da Educação é, para mim, a transformação da mentalidade fixa numa mentalidade de crescimento”.

Angola está a testemunhar uma revolução educacional com iniciativas inovadoras moldando o futuro.

O Centro de Formação de Jornalistas oferece cursos exclusivos de jornalismo para crianças durante as férias, mantendo mentes curiosas envolvidas e incentivando o desenvolvimento académico. Os cursos abrangem temas, desde “Noções de Jornalismo Radiofónico” até “Habituação da Língua Inglesa” e “Jornalismo Televisivo”. Ao adaptar a educação à faixa etária, o Centro está moldando cidadãos informados desde cedo.

O projeto “Kandengues Cientistas” é uma iniciativa tecnológica comprometida com a disseminação de princípios de automação, robótica, programação, arte e educação ambiental. Colaborando com instituições académicas e startups, o projeto participa ativamente em projetos e eventos científicos, inspirando e capacitando crianças e adultos. Estas iniciativas refletem a adaptação da educação angolana às demandas de um mundo em constante evolução, capacitando jovens com habilidades práticas e conhecimentos fundamentais.

São as sementes do desenvolvimento educativo que não só beneficiam os envolvidos diretamente, mas também contribuem para um futuro mais informado e progressivo para Angola. Apoiar estas iniciativas inovadoras é fundamental para colher frutos duradouros para as gerações futuras.

Sandra Mainsel



PHD em Gestão de Empresas pela Florida Christian University é académica e jornalista, diretora de multimédia da Televisão Pública de Angola, onde lidera iniciativas inovadoras na convergência de media e tecnologia, tem vários artigos publicados em revistas académicas de destaque, abordando temas relacionados a televisão e novos média.



Conhecer para preservar

Odair Cardoso



Conhecer para preservar – ONG Biosfera sensibiliza estudantes das escolas em Cabo Verde

A ONG Biosfera I – Associação para a preservação ambiental em Cabo Verde – visitou, durante este ano, diversas escolas e agrupamentos, desde do pré-escolar ao ensino secundário, realizando ações de capacitação e sensibilização ambiental, tanto para os alunos como para os professores.

Em cada uma das ações, a nossa equipa de Educação Ambiental abordou temas como a importância das aves marinhas, tartarugas marinhas e tubarões & raias no ecossistema marinho em Cabo Verde, a questão da Pesca Sustentável e ainda sobre a Poluição Marinha, mostrando a importância dos oceanos, as ameaças do plástico. O objetivo foi permitir aos alunos conhecer as espécies protegidas, a importância da conservação de cada uma destas espécies (ameaças sofridas) e também o trabalho que a Biosfera tem vindo a fazer para a proteção e conservação das mesmas.

A par disto, durante as férias de verão, visitamos a colónia de férias na ilha de São Vicente, na qual abordamos, de forma lúdica, com jogos e brincadeiras, diversas questões ambientais com particular destaque para o Programa de Pesca Sustentável, através da mascote “Breno”, uma pequena garoupa, que retrata a história da sustentabilidade dos recursos marinhos para as gerações futuras, junto dos mais pequenos.

Nôs Pucnuk – Uma Aventura nas Desertas de Cabo Verde

A par destas ações fizemos ainda a apresentação da revista infantil “Nôs Pucnuk”, que, rapidamente, conquistou o imaginário das crianças, tornando-se num dos maiores sucessos da Biosfera. O nome é uma expressão tipicamente cabo-verdiana e retrata as atividades de conservação da Biosfera nas ilhas desertas (Ilha de Santa Luzia e nos Ilhéus Raso e Branco).

No total, as nossas diversas ações de sensibilização atingiram mais de 1.645 crianças e jovens, de diversas escolas das ilhas de São Vicente, Santo Antão e São Nicolau, o que para nós é um motivo de enorme satisfação.

Quem é a Biosfera I

Biosfera I é uma ONG para a conservação da Natureza de Cabo Verde, criada em setembro de 2006, com o objetivo de realizar ações de conservação e de sensibilização, de forma a desenvolver uma responsabilidade ambiental, tanto no seio da população cívil como entre os decisores políticos.

A Biosfera I tem concentrado as suas atividades na maior Reserva Natural do País, ou seja, nas ilhas desertas (ilha de Santa Luzia, Ilhéus Branco e Raso), que fazem parte das terras não habitadas do país e que representa a segunda maior plataforma continental do arquipélago e detém uma diversidade biológica notável sob vários aspetos, notoriamente do ponto de vista da avifauna.

Assim, parte da nossa estratégia via a mobilização população cabo-verdiana a desempenhar um papel pró-ativo na defesa do ambiente e em afirmar-se na proteção da Natureza como um dever e um direito dos cidadãos, junto com as autoridades do país. E, é neste sentido, que o Programa de Educação Ambiental, tem assim, junto das escolas, um papel crucial para o sucesso das nossas ações de conservação ambiental. Pois é através dessas ações que procuramos mobilizar voluntários para os trabalhos de campo e por outro lado, criar uma maior consciência ambiental junto da população cabo-verdiana.

Odair Cardoso
Coordenador do Projeto Biosfera –
Cabo Verde

Licenciado em Comunicação Social, pela Escola Superior de Educação, no Instituto Politécnico de Setúbal. Foi jornalista, em Portugal e Cabo Verde. Desempenha atualmente o cargo de Coordenador do Departamento de Comunicação da ONG Estar na Biosfera.

Programa de Educação Ambiental da Associação Projeto Vitó

Helga Montrond

Resumo: Este artigo, apresenta todas as atividades implementadas pela Associação Projeto Vitó, uma ONG Cabo-verdiana criada desde 2009, no âmbito do programa de Educação Ambiental na ilha do Fogo e da Brava nos últimos anos com enfoque principalmente nas escolas da Ilha, tendo como público-alvo crianças e jovens. As escolas desempenham um papel fundamental para o incutir de forma consciente nas crianças, fazendo-os buscar desde cedo reflexões, práticas, ações sustentáveis, consciência de preservação e de cidadania, de forma a garantir a sustentabilidade ambiental o mais urgente possível mediante os tempos atuais que enfrentamos.

A educação para a sustentabilidade ambiental atualmente é de extrema importância para podermos construir uma sociedade e uma comunidade educativa consciente e sensibilizada para a conservação da Biodiversidade de Cabo Verde. Os problemas ambientais já são uma realidade com que temos que conviver diariamente em todo o mundo, principalmente as que estão relacionadas com a questão das ameaças a sustentabilidade ambiental que infelizmente cada vez mais observados no nosso quotidiano e preocupando a humanidade. Tendo isto em vista, faz-se necessário uma mudança de postura/comportamento, em relação ao meio ambiente, para garantir de que a sustentabilidade ambiental, seja de forma individual ou de forma coletiva e para isso é imprescindível fazer ações de Educação Ambiental como uma ferramenta ou método viável atualmente. Apesar da Educação ter um poder transformador, percebemos que as ações ligadas a este respeito dentro do ambiente escolar de forma contínua demonstram efetividade quanto a formação de crianças e jovens sensibilizados e comprometidos com um futuro melhor, ansiando pela sustentabilidade ambiental. Para isto, então, percebemos que a Educação Ambiental precisa de existir de forma contínua, criativa, interdisciplinar e contextualizada para promover reflexões que modifiquem o modo de pensar e agir dos educandos. A educação tem um papel fundamental para o crescimento consciente das crianças, fazendo-as buscar desde cedo reflexões, práticas,

ações sustentáveis, consciência de preservação e de cidadania. As crianças necessitam entender, desde cedo, como é que elas também ajudam a cuidar, preservar e que o futuro depende do equilíbrio entre homem e natureza e do uso racional dos recursos naturais. Nesse contexto, as escolas são lugares essenciais e meramente importantes para que, de forma pedagógica, sejam vistas mudanças de atitudes e comportamentos que podem ser moldados atempadamente por meio da educação. Este é um espaço social privilegiado que promove essas mudanças e é necessário que se acredite que a educação pode mudar atitudes, comportamentos e promover também uma consciência ambiental.

Em relação à sustentabilidade ambiental, não é suficiente apenas falar ou termos a percepção da necessidade da preservação da Flora e da Fauna endémica, eliminação da poluição dos oceanos, diminuição dos plásticos, proteção de espécies biológicas ameaçadas de extinção, reciclagem do lixo, poupança da água, etc., mas sim criar e promover atividades de cariz ambiental, que irá permitir a curto e longo prazo mudança de atitudes. Tendo isto em vista, a Educação Ambiental vai além de discutir temas sobre meio ambiente, pois precisa de haver uma conscientização de mudança de postura de crianças e jovens face a desafios ambientais. Praticar a Educação Ambiental é propor um diálogo onde seja possível repensar a teoria e refletir a prática, trazendo assim a perspetiva da educação como uma construção cultural e social. O facto é que atitudes precisam de ser tomadas de forma imediata, pois quanto mais tempo levamos para incutir na comunidade escolar valores ambientais, mais tempo vai levar para reagir e implementar as soluções necessárias, pior será o futuro, e mais complexo será lidar com as questões relacionadas com Ambiente, minimizando os impactos ambientais.

A Associação Projeto Vitó é uma ONG ambiental que surgiu em 2009, na ilha do Fogo, e em 2010 foi legalizada e iniciou a sua atividade com a conservação das tartarugas marinhas. Em 2012, começou a trabalhar na Reserva Natural Integral dos Ilhéus do Rombo – Ilhéu de Cima



- Licenciada em Ciências Biológicas, ramo ambiente na Universidade de Cabo Verde, com o relatório científico "Atualização dos dados do inventário da Flora e vegetação Autóctones do Parque Natural da ilha do Fogo - Caso de estudo em Monte Velha e Bordeira Exterior.
- Formação em Pedagogia Inicial de Formadores.
- Formadora do curso "Mudanças climáticas e o uso eficiente da água" no âmbito de capacitação em sistema ECCA na formação a distância.
- Formação em elaboração e gestão de projectos e gestão organizacional
- Formadora do curso de Guia turístico no centro de Emprego e Formação profissional da ilha do Fogo e Brava.

“Ações de Educação Ambiental nas escolas da ilha do Fogo e da Brava como soluções para a sustentabilidade ambiental”.

e em 2016 começou os trabalhos com as aves marinhas de Cabo Verde. Nos últimos 4 anos, a Associação Projeto Vitó mobilizou um número importante de parceiros, ganhando relevância, notoriedade e reconhecimento. Desde a criação da Associação, a Educação Ambiental tem sido uma das prioridades para a sensibilização da população, mas em específico crianças e jovens das comunidades escolares da ilha do Fogo e da Brava. Para que tal fosse alcançado, durante os últimos anos o Programa de Educação Ambiental da Associação Projeto Vitó é transversal aos demais 8 Programas de Conservação da Organização, que vêm desenvolvendo diversas atividades educacionais/ambientais, em prol da sustentabilidade ambiental.

A Associação Projeto Vitó tem atualmente uma considerável experiência na implementação de projetos de conservação de ecossistemas e espécies ameaçadas e foi um dos parceiros chave do processo de elaboração da proposta de candidatura da ilha do Fogo à Reserva Mundial da Biosfera da UNESCO. A Associação também é membro do Conselho Consultivo da Reserva da Biosfera da ilha do Fogo. A atuação do Projeto Vitó tem sido ampla na região Fogo, Brava e ilhéus do Rombo, promovendo desde monitorização da vegetação, aves Marinhas, tartarugas marinhas, Educação Ambiental, atividade de apoio a pesca sustentável, a tubarões e raias, répteis terrestres e ao Programa de Voluntariado nacional e internacional.

A transversalidade das ações de Educação Ambiental tem permitido à Associação Projeto Vitó implementar um leque de atividades de cariz educacional, nomeadamente, a assinatura de protocolos de parcerias com 5 Delegações escolares, 10 Agrupamentos escolares, incluindo mais de 60 escolas. Este protocolo permite que todas as atividades de Educação Ambiental sejam aprovadas

pelos autoridades educacionais da ilha do Fogo e Brava; assinatura de protocolos com as associações de estudantes das escolas secundárias; 9 pinturas de mural com ilustrações sobre a fauna e flora da ilha do Fogo, realizadas de forma criativa em todas as sedes dos Agrupamentos escolares da ilha do Fogo; 5 pinturas de mural realizadas em instituições da ilha do Fogo; visitas de estudo ao Parque Natural do Fogo e Floresta de Monte Velha e em vários outros pontos de interesse dentro da ilha do Fogo; palestras de sensibilização nas escolas e comunidades escolares sobre a conservação de espécies; produção de mais de 30 mil espécimes de plantas endémicas nos últimos anos; campanhas de produção de plantas endémicas no Parque Natural da ilha do Fogo, espécies essas em perigo de extinção; criação de 16 jardins botânicos de plantas endémicas nas escolas e nas Instituições da ilha do Fogo; Campanhas de limpeza em 16 praias de desova de tartarugas marinhas; criação de um viveiro de tartarugas marinhas; campanhas de sensibilização porta a porta nas comunidades da ilhas do Fogo, realização de pinturas feitas pelas crianças do pré-escolar ilustrando a importância de proteger as tartarugas marinhas, de cuidar do lixo e de poupar a água; Participação em exposições usando telas informativas sobre aves marinhas, plantas endémicas e répteis terrestres; Realização de um Carnaval ambiental como o tema: “Biodiversidade da ilha do Fogo”, incluindo todas as crianças do Agrupamento Escolar do Município de São Filipe; comemoração de datas ambientais nas escolas da ilha do Fogo; Reflorestação de áreas degradadas do Parque Natural da ilha do Fogo; criação de músicas sobre a Ave marinha “Gongon é de nós tudu”; Campanha SOS EDU com o tema “Salve uma ave nas, protege uma vida”, nas comunidades da ilha do Fogo; programa Minuto Ambiental sobre a proteção das tartarugas marinhas no Rádio Educativa de Cabo Verde, transmitido semanalmente; criação do primeiro desenho animado sobre a importância

da conservação das tartarugas marinhas, intitulado “Tartaruga é nós Identidade, no protegel”; criação do Programa “Criança com a ciência” respondendo questões de curiosidades sobre temas ambientais; Campanha de sensibilização sobre tartarugas marinhas nas principais Praias de desova de tartarugas marinhas na ilha do Fogo; Colocação de painéis interpretativos sobre plantas endémicas e informações sobre Reserva Mundial da Biosfera na zona do Parque Natural do Fogo. Recentemente, o Programa de Educação Ambiental da Associação Projeto Vitó também tem sido realizado com base numa estratégia apoiada em técnicas de marketing e comunicação ambiental, associados a lemas ambientais bem como à produção de um conjunto de materiais para informação e divulgação e ferramentas como redes sociais, cada vez mais populares e utilizadas em todo o espectro da sociedade atual.

Nesse sentido, foram elaborados em parceria com a Delegação Escolar de São Filipe da Ilha do Fogo, inúmeros materiais didáticos, nomeadamente, o logotipo da Educação Ambiental “#Eu sou team vitó”, o livro intitulado “Biodiversidade da Ilha do Fogo”, puzzles, autocolantes, pins com alfinetes, todos com representações das espécies da biodiversidade da ilha do Fogo, e jogos de memória, foi desenvolvidos em parceria com o Tropibio. Todo este trabalho tem o intuito de transmitir a mensagem de conservação da biodiversidade, reforçar a importância da sensibilização e consciencialização ambientais junto das crianças, de forma mais interativa e visual, garantindo a sustentabilidade ambiental.

O objetivo da Associação é ampliar ainda mais as atividades de carácter educativo e ambiental, tendo sempre e como público-alvo as crianças e os jovens, com o intuito de garantir a sustentabilidade ambiental.

Helga Montrond



Quantas línguas fala a língua portuguesa?

Elísio Macamo

“O mundo (...) existe em várias versões o que coloca à língua o desafio de acomodar o multilinguismo como seu destino histórico”.

Não é incomum ouvir alguém da minha terra, sobretudo do Sul de Moçambique, dizer que fulano acordou morto ou que foi à casa de sincrano e o encontrou enquanto não estava lá. Tem sido motivo de muito riso entre os que têm melhor domínio da língua portuguesa entre nós. Sabem que “acordar morto” e “encontrar alguém que não estava lá” são traduções literais da maneira como, em Xangan, a língua com mais falantes nessa região do País, se diz que alguém faleceu durante a noite ou que alguém estava ausente. Rimo-nos, mas entendemos porque entender é o que conta na comunicação.

As coisas complicam-se, todavia, quando se levanta a questão de saber se estamos perante erros linguísticos ou, simplesmente, se estamos perante a inovação linguística. A resposta não é simples. Há, de facto, um certo sentido em que podemos dizer que, sim, estamos perante erros linguísticos. Essas traduções literais não correspondem à maneira como os portugueses, os donos originais da língua, articulam essas ideias. O instinto de qualquer professora de Português seria marcar isso como erro numa prova qualquer. Mas onde está exactamente o erro? Em não dizer as coisas como os portugueses as diriam, ou em não dizer as coisas segundo as regras estabelecidas da língua? E que relação existe entre a maneira como os portugueses dizem as coisas e as regras estabelecidas da língua?

Não me parece fácil responder a questão sem primeiro reflectir sobre a natureza do fenómeno comunicativo. Essa reflexão passa necessariamente por procurar saber se a língua é apenas um instrumento que chega a nós com as suas instruções de uso que se não forem seguidas a risco viciam a própria comunicação. Creio que não. A língua é, sim, um instrumento, mas as suas instruções de uso são apenas regras que nos permitem uma melhor contextualização do que nos vai na alma. Esta diferença parece-me fundamental. Tratar as instruções de uso da língua como algo sacrossanto seria o mesmo

que reduzir o mundo ao que é permitido dizer dentro duma língua. Seria aquela famosa ideia veiculada há várias décadas pelo filósofo austríaco, Ludwig Wittgenstein, segundo a qual os limites da nossa língua seriam os limites do nosso mundo. Isso significaria acima de tudo que a língua existe para descrever e reproduzir um mundo que existe apenas numa única versão.

Ora, a ser esse o caso, qualquer povo que não fosse falante original duma determinada língua – no caso, os povos africanos que se viram obrigados pelas circunstâncias históricas a adoptar a língua portuguesa como sua língua oficial – estaria condenado a fazer uso do Português para reproduzir a ideia portuguesa do mundo. Isso seria um exemplo dramático daquilo que se critica nos estudos pós-coloniais e, com mais força ainda, nos estudos decoloniais. Seria a confirmação do que torna o slógan “devemos descolonizar as nossas mentes” tão irresistível para muitos de nós que fazemos parte dessa condição existencial.

Mas esse não seria o único problema. Tratar a língua como o espelho duma única versão do mundo é condenar os falantes originais dessa língua ao pronicianismo característico de quem não tem consciência da natureza relativa da sua própria condição no mundo. Nos dias de hoje, e depois de tudo quanto já se disse contra a ideia de que haveria uma simbiose natural entre o que é europeu e o que é universal, seria um retrocesso total em relação ao reconhecimento da riqueza cultural que faz o mundo. Seria como, para dizer as coisas em Changane, “mostrar as nádegas da cobra” a todos os conhecimentos especializados sobre o odor asfíxiante presente em toda a tentativa de reduzir o diferente à norma do semelhante. Diz-se que alguém “mostra as nádegas da cobra” quando se quer apontar para uma situação em que alguém tenta fazer valer o que não existe – as nádegas da cobra, no caso, pelo menos em Moçambique... – tomando todas as outras pessoas por estúpidas.

A segunda coisa que faz parte da reflexão é a ideia de que o fenómeno comunicativo consiste também no ato de ir para além do compreensível. A ideia é de um filósofo do Gana, Kwasi Wiredu, falecido há alguns anos. Ele dizia, não muito distante do que Wittgenstein também insinuava, que só é possível traduzir duma língua para outra quando chegarmos aos limites da nossa compreensão na língua de partida. Ele deu a isso o nome de “intradutibilidade”. Dito de outro modo, enquanto o meu conceito de partida me for familiar, isto é, enquanto eu tiver a certeza de que o conceito que uso me permite entender, ainda não estou livre dos pressupostos da minha língua que são, não nos esqueçamos, os pressupostos do mundo que nos é familiar. Só é possível traduzir quando ganhamos consciência de que não entendemos. Aí somos obrigados a confrontar directamente o que não conhecemos e lidar sem rodeios com os limites do nosso mundo.

“Este é o problema que estamos com ele”, diz-se em Angola. Não é preciso ser falante nativo do Kimbundo ou do Kikongo ou seja qual for a língua angolana que produziu esta joia de expressão para entender que estaríamos aqui perante uma visão do mundo que faz do problema sujeito e não objeto da ação humana. É preciso procurar entender o problema e isso não se faz a partir da soberba caracteristicamente etnocêntrica de pensar no lugar dos outros. É, provavelmente, a mais decolonial de todas as expressões linguísticas que a língua portuguesa ganhou no contacto com África. É uma maneira de negar à pessoa aquele lugar privilegiado de enunciação que ele/ela sempre se arroga quando lida com aqueles que considera inferiores ou subalternos. O problema não é externo. Ele faz parte de nós, ou melhor, ele está no nosso seio. Lidar com ele é dialogar com ele.

Continua a fazer sentido olhar para a língua portuguesa como um legado colonial. Nessa perspectiva, ela não é inocente e, por isso, só pode realizar o



“Mas esse não seria o único problema. Tratar a língua como o espelho duma única versão do mundo é condenar os falantes originais dessa língua ao provicianismo característico de quem não tem consciência da natureza relativa da sua própria condição no mundo”.

seu potencial comunicativo se quem se viu obrigado a adoptá-la tiver a audácia de abalar as suas certezas. E abalar as suas certezas significa, primeiro, resistir à tentação de dar por adquirida a versão do mundo que ela veicula e, segundo, libertá-la da ideia de que a única maneira de preservar o seu carácter seria a insistência na sua estabilidade pragmática. Tudo isso converge para uma coisa que me parece de extrema importância, ainda que possa parecer inquietante: uma língua que se tornou “universal” – seja o que for que a gente queira dizer com isso – só pode manter esse estatuto se estiver preparada a contemplar a possibilidade de desaparecer por causa dos actos de apropriação a que está sujeita.

Sendo assim, a grandeza da língua portuguesa não se mede nem pelo número de falantes que ela tem no mundo, nem pelo “domínio” que essas pessoas têm dela. A sua grandeza reside em algo muito mais profundo, a saber, o número de línguas que ela própria é capaz de falar. Não são as pessoas que falam a língua portuguesa. É ela que (devia) fala(r) as línguas que as pessoas falam. Em Moçambique, a língua portuguesa é ela própria quando

fala Changane, Sena, Emacua, Ndau, etc. E isso é assim porque ela aceita a ideia de que o mundo não existe em apenas uma versão. Ele existe em várias versões o que coloca à língua o desafio de acomodar o multilinguismo como seu destino histórico.

Alberto Carreiro, aliás, Fernando Pessoa já tinha, curiosamente, ainda que de forma indirecta, abordado este problema quando falou da importância do acto de desaparecer como um dos maiores desafios existenciais da condição humana. Não se promove a Língua Portuguesa no mundo ensinado as pessoas a falarem melhor essa língua. Por tudo quanto foi dito aqui, isso não faria, naturalmente, nenhum sentido. Seria a asfixia não só da língua como também do mundo dos seus novos falantes. Promove-se a língua portuguesa encorajando os seus falantes originais a aprenderem as outras línguas que a sua língua é obrigada a falar para poder ser um instrumento de comunicação no mundo que ela colonizou.

Elísio Macamo

Professor de Sociologia e Estudos Africanos na Universidade de Basileia na Suíça. Nasceu e cresceu em Moçambique onde fez os seus estudos iniciais. Tem um Mestrado em Tradução e Interpretação pela Universidade de Salford e outro em Sociologia e Políticas Sociais pela Universidade de North London, ambas na Inglaterra. Doutorou-se em Sociologia e Antropologia Social pela Universidade de Bayreuth na Alemanha onde também fez a agregação em Sociologia Geral e Sociologia do Desenvolvimento. Desde 2009 que faz parte do quadro docente da Universidade de Basileia onde já foi director do Centro de Estudos Africanos e chefe do Departamento de Ciências Sociais na Faculdade Histórica e Filosófica.

Regresso à escola na cidade de S. Tomé

José Vieira Lourenço



Vivi em S. Tomé, de dezembro de 2015 a julho de 2016, período em que acompanhei a minha esposa, participante num projeto da Escola + . Sendo professor aposentado, com experiência na formação de professores, ofereci os meus serviços a diversas instituições: Ministério da Educação; Universidade de S. Tomé; várias escolas. A única resposta que tive veio da Escola Portuguesa de S. Tomé, que me convidou para fazer uma substituição de 4 meses, dando aulas de Português a duas turmas da 7.ª classe.

Logo na primeira aula pude apreciar a qualidade dos alunos . Cedo deram provas de que gostavam da disciplina, que dominavam os conhecimentos básicos e que estavam entusiasmados por trabalhar com um professor mais velho que a sua professora anterior e logo puderam perceber que eu tinha mais experiência . Entendi também que estavam desejosos de analisar a obra *O Cavaleiro da Dinamarca*, de Sophia de Mello Breyner, obra de leitura integral. Compreendi que estavam habituados a um ensino magistercentrista. Então tinha pela frente um grande desafio: fazer com que gostassem cada vez mais da disciplina, mas sobretudo evitar aulas expositivas. Por isso adotei metodologias ativas, que obrigaram os alunos a não serem meros recetores passivos. Foi possível fazer das aulas de Português um laboratório onde cada um tivesse direito à palavra e se sentisse agente do conhecimento construído e partilhado por todos. Ensaiei estratégias diversas: trabalho de grupo, debates; discussão dirigida; *roleplaying*, trabalho de pares. Com algum humor, uma aluna disse na aula de despedida: vamos ter saudades suas, professor! Sabemos menos gramática, mas falamos melhor português!

Professor aposentado do Ensino Secundário, licenciado e Mestre em Filosofia Contemporânea. Lecionou Português, Filosofia, Psicologia, Sociologia, Teatro, Oficina de Expressão Dramática. Foi Coordenador do Centro da Área Educativa de Coimbra de 1998 a 2002. Autor de diversos manuais escolares de Filosofia (10.º e 11.º ano) e de Ferramentas do Aprendiz de Filósofo na Porto Editora. Recorda boas experiências e boas memórias da sua passagem por S. Tomé e Príncipe e publicou recentemente nas Edições Minerva Coimbra, a obra *Moli Moli, Ecos de São Tomé*.

“Com algum humor, uma aluna disse na aula de despedida: vamos ter saudades suas, professor! Sabemos menos gramática, mas falamos melhor português!” .

José Vieira Lourenço

Angola



A minha escola!

Escola Portuguesa de Luanda-CELP



A Escola Portuguesa de Luanda (EPL) é um verdadeiro exemplo de dedicação à Educação e à promoção do bom relacionamento entre Angola e Portugal. Fundada em 1986 por um grupo de portugueses residentes em Angola, que se uniram para criar a Cooperativa Portuguesa de Ensino em Angola (CPEA), a escola tinha um nobre objetivo desde o seu início: garantir a educação das crianças da comunidade portuguesa num momento desafiador da história de Angola, que ainda estava em guerra.

Como afirmou José Saramago, a educação é a chave para o desenvolvimento e o entendimento entre os povos. A EPL assumiu essa missão com determinação, abrindo as suas portas com apenas cinco turmas do primeiro ciclo e duas do segundo ciclo do ensino básico, em instalações precárias na baixa de Luanda.

Com o passar dos anos, a escola expandiu a sua oferta educacional para incluir o terceiro ciclo do ensino básico e, posteriormente, o ensino secundário. À medida que o número de alunos crescia, a EPL alugava instalações adicionais, como as da Escola Russa, para poder acomodar todos os que a procuravam. No entanto, a necessidade de um novo edifício foi-se tornando cada vez mais premente pelo aumento constante do número de alunos que a queriam frequentar. Em 2005, as obras da nova escola foram concluídas, graças ao esforço conjunto do Estado Português e do Governo de Angola. Essa inauguração representou uma mudança significativa e atendeu às expectativas de pais, professores e alunos.

A EPL, hoje com mais de 2000 alunos, é um símbolo de cooperação e amizade entre Angola e Portugal. É um exemplo notável de como a colaboração pode fortalecer os laços entre nações, oferecendo educação de qualidade e oportunidades de crescimento para estudantes de 14 nacionalidades diferentes. Além das instalações, é importante destacar o trabalho incansável de todo o seu corpo docente, que desempenha um papel fundamental na qualidade do ensino e na formação dos alunos. Projetos sociais, como a Feira de Natal em prol do Hospital Pediátrico, demonstram o compromisso da escola com a comunidade e sua responsabilidade social.

Ao longo dos anos, a EPL construiu uma tradição de excelência, onde ex-alunos de todo o mundo lembram carinhosamente a sua passagem pela escola. Como disse José Saramago, "A educação não se encerra nos muros da escola, mas continua a moldar vidas para sempre". É por isso que muitos desses ex-alunos escolhem a EPL para educar e formar os seus próprios filhos, perpetuando a tradição e o legado de uma escola que é mais do que uma instituição de ensino, é uma família.

Um bem-haja a todos que contribuíram para essa história de sucesso que é a história da "Minha Escola". A Escola Portuguesa de Luanda é um farol de Educação, amizade e cooperação, e seu impacto positivo na comunidade é verdadeiramente inspirador.

Leonor Sousa
Estela Gonçalves

Feira de Natal



“A Minha Escola” todos os anos realiza a Feira de Natal, na primeira ou segunda semana de dezembro. É uma atividade com presença assídua no Plano Anual de Atividades, contando já com a 26.ª edição. A Feira de Natal, ao longo destes anos, tem sido dinamizada pelos departamentos do Pré-escolar e do 1.º Ciclo, com a colaboração de alguns docentes e turmas dos 2.º e 3.º Ciclos.

Esta atividade nasceu da vontade de ajudar e teve como propósito, durante anos, a angariação de donativos e fundos que revertessem a favor do Hospital Pediátrico David Bernardino. Atualmente, tem sido possível ajudar mais instituições, nomeadamente a Casa da Criança e o Lar da Mamã Muxima.

A Feira de Natal é uma atividade aberta à comunidade educativa, que conta com a participação e envolvimento dos pais e encarregados de educação e com a colaboração de algumas empresas locais. A atividade em si requer uma boa preparação e organização, uma vez que são vários os seus intervenientes: alunos, educadores, professores, assistentes operacionais, direção da escola e encarregados de educação.

Toda a escola é decorada com motivos natalícios, criando um ambiente mais aconchegante e apropriado. A Feira é preparada com minúcia e apresenta a cada ano novas atrações. No seu decurso são apresentadas três sessões de uma peça de teatro alusiva ao Natal recriada por docentes, encarregados de educação e membros da associação de pais. Os alunos do 1.º Ciclo apresentam o Musical de Natal que delicia a plateia. Realiza-se um leilão com as magníficas obras dos alunos do Pré-escolar. Para além de todo o espetáculo cultural, a nossa Feira proporciona ainda uma visita ao Café Natal, para fazer um lanchinho, onde encontra bolos, salgadinhos e bebidas. O Café Natal conta também com a generosidade de algumas empresas locais que oferecem águas e cafés. O supermercado Jofrabo que é um parceiro presente, há vários anos, na Feira de Natal, patrocina o Mercadinho da Jofrabo, onde são vendidos produtos hortícolas de qualidade. Os jogos de Natal, as pinturas faciais, a venda de gelados e algodão doce também deliciam quem nos visita. Por último, são vendidos muitos artigos confeccionados pelos alunos do Pré-escolar e do 1.º Ciclo, no Bazar de Natal.

Todas estas atividades que compõem a Feira de Natal permitem angariar, a cada ano, uma excelente receita que é entregue às instituições, anteriormente mencionadas, pelo Sr. Presidente da Comissão Administrativa Provisória, o Dr. Eduardo Fernandes.

É com muito orgulho que “A Minha Escola” realiza todos os anos a Feira de Natal, procurando desenvolver nos nossos alunos o espírito solidário, permitindo que várias crianças carenciadas tenham um Natal mais caloroso.

Fernanda Nogueira
Maria Cecília Martins
Professoras

Gosto de estar ...na minha escola!

Há teatro na EPL!

Desde o ano passado que a Escola Portuguesa de Luanda tem, finalmente, o Clube de Teatro, projeto proposto e dinamizado pela professora de Português, Manuela Duarte, que já ansiava pela abertura do mesmo, pois a docente considera que este tipo de atividade é uma mais-valia para a comunidade estudantil. O projeto abrange alunos de todos os ciclos e são várias as vantagens da representação como a melhoria da dicção, da projeção da voz, da postura, da criatividade, etc.

São cada vez mais os alunos que procuram o clube de teatro e querem trabalhar questões como a timidez ou a dificuldade em falar em público, para além de servir como uma alternativa lúdica às aulas. Reconhecem que o Clube os tem ajudado a perder a timidez “Já me sinto mais à vontade para fazer as apresentações orais em frente à turma”, diz uma aluna, do 7.º ano.

A professora Manuela reforça que os principais objetivos das aulas de teatro são, acima de tudo, que os alunos se divirtam e experimentem outras realidades por meio de atuações, que envolvem a composição de um espetáculo, com música, cenário e dança. De facto, esta atividade dá oportunidade aos estudantes de interpretar personagens com personalidades e vidas diferentes da sua realidade e de dar asas à imaginação



Vamos dançar?

As professoras Ana Gonzalez e Vanda Alves criaram o Clube de Dança, que iniciou a sua atividade em outubro, e já anda tudo a dançar pelos corredores. São inúmeros os benefícios da dança, pois fortalece o sistema muscular, melhora a postura e flexibilidade, ajuda a combater a depressão e o stress, etc.

“Eu adoro as aulas de dança. Saio de lá bem leve, cansada, mas feliz.”_ explica um dos membros do clube.

Assim, a dança abre o caminho para a criatividade, a improvisação, a musicalidade e expressão corporal instantaneamente, eliminando a monotonia, fugindo da rotina.

Há um poeta dentro de ti?

O Clube de Poesia, dinamizado pela docente, Maria Antonieta Couto, é um espaço acolhedor que tem por objetivo promover a leitura e a discussão de poemas e funciona como ponto de encontro para a descoberta e partilha de obras poéticas. Pode-se declamar, apreciar e descobrir poemas, de vários autores. Também se pode dar asas à tua imaginação e criatividade para escrever os seus poemas.

O clube também promove algumas iniciativas no âmbito da comemoração do Dia da Poesia, do Dia do Autor, entre outras!



“A Educação não se encerra nos muros da escola, mas continua a moldar vidas para sempre”.



Clube de Jornalismo e Comunicação

O Clube de Jornalismo e Comunicação ainda está na sua fase embrionária, pois está a recrutar repórteres, editores de vídeo e imagem, pivôs, ou seja, alunos com vontade de se expressar em português, andar no terreno, à procura de notícias, reportagens, furos bombásticos!

As dinamizadoras, as professoras Alexandra Ferreira, Ana Quelhas e Filomena Tavares, consideraram que havia a necessidade de por os alunos a falar sobre o que os rodeia. O objetivo do clube é criar um espaço para a criação de conteúdos digitais, que tanto agradam, através de um jornal televisivo, da gravação e divulgação de podcasts sobre temas do interesse dos jovens estudantes, pois têm algumas características que os tornam populares e eficazes no ambiente educativo ou apenas noticiar as atividades desenvolvidas na escola, cobrindo, se possível, todos os eventos.

“Vuoi imparare Italiano?”

Ou... como quem diz “Queres aprender italiano?” foi o mote escolhido pelo docente, Manuel Pedras, para a criação de um Clube de Italiano, destinado a toda a comunidade educativa, com o intuito de fortalecer o interesse pela língua e cultura italianas, mas também para promover uma comunidade educativa mais rica e diversificada. As atividades mais apreciadas são as sessões de filmes italianos.

Estes são apenas alguns dos clubes existentes na escola. Os professores têm vindo a apostar na criação de clubes, de várias vertentes e áreas de interesse, uma vez que desempenham um papel significativo no contexto educacional, pois contribuem para o desenvolvimento integral dos alunos, proporcionam oportunidades de interação com colegas, que compartilham interesses semelhantes, e promovem o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais.

Tem-se verificado que as atividades em grupo, fora do contexto sala de aula, incentivam a cooperação, o trabalho em equipa e a construção de amizades, contribuindo para um ambiente escolar mais positivo.

Os Clubes da EPL oferecem um espaço para os alunos explorarem e aprimorarem os seus talentos e interesses, fora da sala de aula convencional. Essas atividades extracurriculares permitem que os estudantes descubram novas paixões, desenvolvam habilidades, que podem não ser abordadas no currículo regular, promovendo, muitas vezes, eventos e atividades que envolvem não apenas os alunos, mas também pais, professores e a comunidade em geral, fortalecendo os laços entre a escola e a comunidade.

O problema... é escolher apenas um ou conciliar os horários!

Clube de Jornalismo e Comunicação



Educação pela Paz – Direitos Humanos

Escola Portuguesa de Lubango

A Educação surge como a forma mais poderosa de mudar o mundo.

A nossa escola ao elaborar o Plano Anual de Atividades e ao dar cumprimento ao PEE teve em atenção a educação para a paz. O nosso contexto, rico em diversidade cultural e diferenças religiosas, viu numa perspetiva interdisciplinar o trabalho prévio de sensibilização de toda a comunidade educativa e de seleção de atividades capazes de promover mudanças no comportamento individual e a nível da intervenção social, prevenindo, assim, conflitos e violência.

Neste pressuposto, demos lugar à atividade “Filosofia para crianças”, com todos os alunos do 1.º CEB, porque se acredita que a capacidade de dialogar, argumentar e respeitar a perspetiva do outro se cimeta e potencializa nos primeiros anos de escolaridade. Como mote, partiu-se da leitura do livro “Pato! Coelho”, de Amy Rosenthal, para estimular os sentidos, compreender a perceção e exercitar o pensamento autónomo e crítico. Desta forma, o importante é perceber que se devem respeitar as diferentes perspetivas.

No contexto Huilano, com acentuadas diferenças e desigualdades de oportunidades, celebramos no dia 20 de novembro, os Direitos da Criança. Os Direitos Universais da Criança têm como principal objetivo conferir proteção integral aos menores, além de estabelecer alguns direitos fundamentais, como: o direito à vida, à saúde, à liberdade, à dignidade, à convivência familiar e social. Debruçámo-nos sobre este último direito, e a nossa Escola uniu-se por uma causa, aderindo à ideia do Dia do Pijama, tendo como principal objetivo angariar donativos a serem entregues a instituições locais com crianças desfavorecidas. É de realçar a participação dos alunos que de “mãos dadas” viveram um dia de harmonia e de aprendizagem, num exercício de cidadania em prol dos mais vulneráveis.

Estas atividades vêm servindo para dar consecução aos objetivos a que nos propusemos, contribuindo para uma Educação pela Paz.

Secção Cultural do Conselho Pedagógico



A minha escola

Colégio Pequenos Príncipes

“A minha escola encerra uma outra escola em si, os meus professores são professores de outros meninos também.”

Esta podia ser uma frase escrita, num cartaz, por qualquer um dos nossos alunos. É nossa intenção passar, desde cedo, a consciência do privilégio que nem a todos os meninos assiste: o acesso a uma escola, a uma sala com material pedagógico de qualidade, a um ambiente rico e estimulante.

A pensar nas crianças com uma realidade muito diferente desta, iniciámos este ano letivo um ambicioso projeto, voltado para o reforço pedagógico junto de uma comunidade muito específica e tendo por base uma orientação muito definida: garantir que as crianças acolhidas no Orfanato Mamã Muxima tenham acesso a saberes essenciais, complementem as suas aprendizagens e adquiram as competências necessárias para ultrapassarem os desafios académicos e profissionais futuros, garantindo a sua inclusão no mercado de trabalho. Temos vindo a conseguir trabalhar o raciocínio verbal e lógico-matemático junto destas crianças aos sábados, complementando a sua semana de aulas. Acreditamos que com uma educação não tradicional, baseada no afeto, na escuta e na compreensão, conseguimos proporcionar experiências de aprendizagem

significativas e contextualizadas, a partir daquilo que cada criança quer e necessita!

Por isso, defendemos o envolvimento de mais escolas neste embrionário programa... Certos de que, assim, é possível abarcar mais faixas etárias e estender esta nossa intervenção a outras áreas essenciais do saber, desde à alfabetização formal, ao empreendedorismo e a programas especificamente desenhados para o seu desenvolvimento pessoal e social.

Queremos ser mais e maiores. Sentimos ser nossa responsabilidade formar. Conseguirmos ter, connosco, as pessoas certas, professores jovens, motivados e em constante atualização, uma vantagem. Sermos agente de mudança, adaptação e crescimento junto de uma comunidade tão desfavorecida, como esta instituição, é para nós um privilégio.

Cátia Barroca
Diretora-Geral



A minha escola

Escola Portuguesa Lunda Sul

Vamos falar da Escola Portuguesa Lunda Sul em que coabitam várias “escolas”: Escola de culturas, Escola de Experiências, Escola de Professores, Escola de e para Alunos. É uma escola com cerca de 160, alunos até ao 6.º ano de escolaridade, localizada em Saurimo, Lunda Sul, Angola, de ensino privado, com currículo português.

EPLS - Escola de Culturas

Os nossos alunos são, na maioria, angolanos. No entanto, temos alguma diversidade, com alunos de ascendência cubana, congoleza, mauritana, vietnamita, brasileira e portuguesa. Cada um traz um pouco mais a este espaço e partilha o que conhece e do que gosta. O currículo português é enriquecido por estes aportes dos alunos e das suas vivências.

Nos últimos dias de novembro recebemos uma aluna vietnamita para o 5.º ano, que ainda pouco sabe dizer em português. Esperamos que brevemente diga mais do que o “Bom dia” com que nos brinda e que possa ser feliz connosco.

EPLS - Escola de Experiências

A escola é um viveiro de experiências. Gostaríamos de partilhar convosco algumas das que vivemos este ano letivo.

O mês de outubro foi o mês dedicado à alimentação saudável e tivemos um menu recheado de atividades: conhecer a Roda dos Alimentos (atividades de Ciências, Estudo do Meio e Expressão Plástica), comemorar o Dia Mundial do Ovo e o Dia Mundial da Alimentação.

A comemoração do Dia Mundial do Ovo foi muito bem recebida. Como calha na 2.ª sexta-feira de outubro, este ano foi a 13, mas foi um dia de sorte. Nas salas de aula do 1.º ao 6.º ano falou-se da importância nutricional do ovo, os alunos trocaram ideias e falaram das imensas receitas que conhecem com ovos como ingrediente, fizeram pequenos cartazes, etc. Em língua portuguesa puderam conhecer adivinhas e outras charadas cuja solução foi o ovo e colá-las nos cadernos.

No Dia Mundial da Alimentação, a 16 de outubro, retomou-se a sequência didática com a parte mais apetecida. Os nossos alunos trouxeram consigo um ovo cru e uma peça de fruta: com isto conseguimos fazer sandes fantásticas de ovo cozido e salada, ou de omelete e uma salada de fruta. Nada como uma experiência gastronómica para digerir melhor a ideia: o ovo é um alimento muito versátil, com benefícios para a saúde pois é rico em proteínas, vitaminas e minerais e pobres em teor calórico, cabendo em qualquer dieta e a fruta é uma opção saudável para qualquer refeição.

A nossa escola viveu muito fora de portas em novembro. Destacamos o Dia internacional da Preguiça vivido pelos alunos a partir do 4.º ano. Cerca de 60 deslocaram-se à Lavra do Ti Mola, um espaço a cerca de 40 minutos da escola, que generosamente se abriu para nós passarmos uma manhã esplêndida. Pudemos brincar, nadar no braço do rio que por ali passa, almoçar e, é claro, preguiçar à vontade na relva. Foi um dia idílico para todos. Ficou a promessa de levar outros até ao local, muito agradável e seguro.

Novembro marcou o princípio das nossas atividades regulares na Mediateca, um espaço em que realizamos atividades de leitura e educação literária, jogos e podemos ter acesso aos computadores. Todas as quintas-feiras vamos até lá passar 90 minutos que sabem sempre a pouco. Mas não é a nossa única parceria: a Rádio Lunda Sul (que faz parte da Rádio Nacional de Angola) recebe a nossa colaboração às quartas-feiras no espaço de Dúvidas de Língua Portuguesa e os nossos alunos já marcaram presença no espaço juvenil das sextas-feiras de manhã. Para ir à rádio, escolhemos os que tiveram melhor desempenho nos jogos e desafios semanais (de matemática ou português) e estes aproveitam para conhecer melhor os meandros deste meio de comunicação.

Vivemos o “Vá para fora cá dentro” no pátio e no campo de jogos. No pátio da escola, realizou-se um Torneio de Jogos de Tabuleiro muito concorrido, de xadrez e dominó (múltiplos de 5) e no campo de jogos, quinzenalmente houve, um jogo de futsal com equipas convidadas de

outras escolas, para as nossas equipas feminina e masculina. Foi tempo de conviver e marcar uns golos...

EPLS - Escola de Professores

Diz-se que “santos da casa não fazem milagres” e que “são poucos, mas bons”. O nosso intuito é contrariar a primeira expressão e confirmar a segunda. Assim, os professores da nossa “casa” foram convidados a escrever umas palavras que são um retrato pessoal da “sua” escola.

Sandra Vunge
angolana e portuguesa
Professora de Português e HGP

“Cheguei à instituição no ano letivo 2019/2020, com o objetivo de cumprir apenas um ano letivo. Todavia, fui apanhada pelo COVID 19, que nos obrigou a reaprender a ensinar e no meu caso, também, a estreitar laços com a diretora Maria. Este foi um momento de viragem para mim, ensinou-me que os alunos com mais dificuldades precisam de mais trabalho, paciência e amor. E que os bons alunos, de que todos os professores tanto gostam, quase não precisam de nós. Vi cada aluno com dificuldades a florescer um bocadinho à medida que o tempo passava e que não era a minha frustração de não aprenderem naquele dia, mas a alegria de que estavam a aprender.

Eu passei a olhar para a escola e a considerá-la minha, um local onde não encontrava apenas alunos, mas seres humanos fantásticos que tenho e tive o privilégio de acompanhar no seu percurso académico. Guardo cada um deles no meu coração como pérolas que tive o privilégio de colher.

A minha escola é a minha casa, local onde sou feliz e realizada.

A EPLS é família, alma e coração.”

Dénia Quintana, cubana,
Professora de Apoio

“Escola de oportunidades com um olhar ao futuro.”

“Na nossa escola damos prioridade à construção de relacionamentos



sólidos, baseados no respeito mútuo e na compreensão. A ligação é muito próxima entre professores e alunos fortalecendo o processo de ensino, num ambiente de apoio e colaboração dentro do nosso espaço escolar. Isso reflete-se no ambiente acolhedor em sala de aula, onde cada aluno se sente valorizado e encorajado a participar ativamente.”

Arsénio Morais, português,
Professor de Expressão Plástica e
Tecnológica

EPLS - Escola de e para Alunos

A escola como espaço vivido é de e para alunos, por isso, vamos conhecer a escola pela escrita dos alunos do 5.º e 6.º anos.

“A escola é muito divertida e os colegas maravilhosos. Eu pratico aqui o meu desporto favorito que é o futebol.”

Ilídio Baião

“No primeiro dia de aulas, eu fiquei muito feliz, porque conheci muitas meninas e de entre elas destaco a Alahine e a Deusa.”

Samira Zemichel

“Eu adoro esta escola, nas aulas o professor Jesus fala coisas muito giras e importantes. E às vezes ele tira um segundo para brincar connosco, ele é um bom professor.

Os meus amigos sempre me ajudam nos momentos difíceis. É nos intervalos que eu brinco, corro, como e muito mais.

Na disciplina de educação física nos jogamos enquanto as meninas brincam.

Eu adoro a minha escola, não há melhor.”

João da Cruz

“Quando cheguei eu conheci a minha escola. Primeiramente, queria dizer que a minha escola é muito boa, porque tem bons professores que são pacientes e lindos.

Quando cheguei à EPLS, eu pensei que iam gozar comigo, mas receberam-me muito bem e eu fiquei muito contente. Eu aprendo com facilidade e fiquei a ver as coisas de outra maneira.

As minhas colegas são lindas, fofas e simpáticas.

Não sei mais como descrever a minha escola, mas a verdade é que ela é o máximo e que não quero ir embora daqui.”

Cristina Ngonga

“A minha escola é privada, por isso é preciso ter manuais e materiais para escrevermos e fazermos atividades.

Na minha escola fazemos atividades extracurriculares e aqui existem regras que passarei a enumerar: não deves andar de chinelos, não deves conversar durante a aula, não deves mascar pastilha elástica na sala de aula, deves sentar-te direito, deves prestar atenção na aula, deves participar na aula. É por isso que eu gosto e respeito as regras da minha escola, também gosto de aprender coisas novas todos os dias.

E nós alunos do 5.º ano temos 12 disciplinas.”

Cataleia Calupeteca

“A minha escola é muito divertida, tem muito bons professores que ensinam

bem. Na minha escola faço muitas coisas bonitas, jogos divertidos, vamos à Mediateca, ao rio.

Essa é a escola mais linda do mundo.”

Pacilénia Mário

“A minha escola é bonita e os professores são bons, uns são bons comigo e outros não. Eu gosto das funcionárias da limpeza apesar de falarem muito, tem um carinho especial pela sra. Maria, funcionária da secretaria, que me avisa sempre que me falta alguma coisa, não esquecendo o sr. Domingos, funcionário da secretaria, que é muito bom para mim.

A Diretora Maria é boa, mas fica muito encarnada quando fica nervosa. A professora Sandra é muito amável, mas escreve muito, o professor Jesus fala muito ao explicar, mas escreve pouco. Eu tenho colegas muito bons, umas vezes, e outras são insuportáveis.

Concluindo, esta é a minha escola e não a trocava por nada.”

Maria Mualufuma

“A minha escola é muito linda, local onde gosto de aprender, cantar, dançar, brincar e jogar futebol. Eu gosto dos meus colegas porque eles também gostam de brincar, correr, gritar e saltar. Na minha escola há bons professores, especialmente, o professor Jesus que pede para fazermos coisas importantes, o professor Arsénio que ensina muito bem.

A minha escola é muito linda e organizada.”

Rafael da Silva

A minha escola

Escola Camilo Castelo Branco



É com muito orgulho que somos uma Escola Portuguesa de referência no ensino e na cultura em Angola. A nossa perspetiva de ensino é voltada para o sucesso e formação integral de todos os alunos que escolhem viver esta aventura connosco!

O perfil da nossa escola está sempre em construção constante, perspetivamos transformações que nos levem a ser uma escola do futuro, o que desafia a Direção Pedagógica, os Docentes e os Gestores da instituição. A ECCB investe no desenvolvimento global dos seus alunos, proporcionando-lhes experiências e aprendizagem variadas e de elevada qualidade, dinamizando projetos diferenciadores, com a participação das famílias.

Vivemos recentemente uma experiência enriquecedora e transformadora na ECCB, a Semana Global do Empreendedorismo Angola - Empreendedorismo na Escola. Focados no desenvolvimento da aprendizagem acerca do empreendedorismo, os alunos discutiram perspetivas sobre a educação empreendedora em Angola. Em grupos, exploraram aspetos fundamentais para um currículo envolvente. O resultado promete ecoar futuras iniciativas empreendedoras em Angola. Uma iniciativa inspiradora que, sem dúvida, terá impacto na elevação de alunos empreendedores.

Educar para os direitos humanos é ensinar a respeitar os direitos dos demais, é educar para a paz, para a tolerância, para o amor, é ensinar a doar-se. A Educação Pré-Escolar e o Primeiro Ciclo do Ensino Básico juntaram-se à Associação Mundos de vida na celebração do Dia do Pijama, associando-a ao Dia da Convenção Internacional dos Direitos da Criança. Uma causa nobre que fomentou nos nossos alunos a solidariedade, a empatia e a generosidade.

Na ECCB, a Educação Pré-Escolar está envolvida na dinamização do projeto Abraçar os Oceanos, um projeto que desperta a consciência ambiental. Certos de que, na escola, aprendemos valores e comportamentos que nos acompanharão na idade adulta e nos definirão como cidadãos, consideramos importante promover o interesse dos alunos em preservar e proteger o meio ambiente, com a consciência de que toda a nossa vida se liga aos oceanos.

Percebendo a necessidade de uma educação mais comprometida com a sustentabilidade, a Educação Pré-Escolar contou com a presença de uma Engenheira Agrónoma, para nos apresentar ações, medidas e boas práticas para o desenvolvimento da sustentabilidade e dinamização da nossa Horta Pedagógica - Horta dos Castelinhos. A Horta Pedagógica permite a aquisição de valores éticos, sociais, culturais e ambientais, além disso, possibilita práticas sustentáveis que podem ser desenvolvidas dentro deste "laboratório vivo".

A ECCB está a desenvolver um projeto de extrema importância, direcionado para o Património da Arte e da Cultura, o Projeto Cultural de Escola. O mesmo está integrado no Plano Nacional das Artes difundido pelo governo português e tem como objetivo promover e aproximar todos e cada um dos cidadãos do Património, da Arte e da Cultura. A ECCB continuará a proporcionar o desenvolvimento eficiente de projetos de valor acrescido e com significado, com os alunos e com toda a comunidade educativa, ajudando os alunos a construir a sua identidade.

Somos orgulhosamente uma Escola Portuguesa no mundo, a levar a cultura além-fronteiras.

Os primeiros passos na direção da Educação pela Paz

Colégio Atlântico

Terão as nossas crianças noção de quão privilegiadas são por terem direito à educação? Enquanto impulsionadores no ensino o que devemos fazer para tornar as nossas crianças promotoras de intervenções sociais? Será que estamos preparados para esta realidade? Seremos nós capazes de agir perante isto?

O projeto do Colégio Atlântico é centrado e virado para a comunidade, tendo como título “De mãos dadas por um mundo melhor”, em que o tema central está direcionado para um mundo mais sustentável, inovador e desta forma queremos mostrar que podemos tirar proveito das novas tecnologias. Temos a missão de incentivar os mais novos a terem hábitos sustentáveis, não esquecendo nunca que devemos atuar sempre de forma positiva, remando em direção à Educação pela Paz, tendo por base os direitos da criança.

Sendo as nossas crianças umas privilegiadas por poderem usufruir de uma educação sem limitações, em conselho pedagógico achamos importante que ao longo do ano, fossem implementadas atividades que fizessem com que as nossas crianças refletissem sobre a necessidade de ajudar o outro, sendo a partir daqui mais empáticas e sensíveis, tornando-se indivíduos mais ativos na intervenção social.

Neste primeiro período, surge na turma do 3.º ano o interesse sobre o Projeto Malala, uma vez que este foi tema no Manual

de Português e o mote perfeito para dar uso às tecnologias. Sendo emergente a procura por mais informação, em conselho de turma sugeriu-se que o 3.º ano desse seguimento a um tema tão fulcral como este. É de salientar ainda que todas as crianças ficaram sensibilizadas e com vontade de saber mais sobre esta personalidade emblemática que é Malala, a quem já foi atribuído o Prémio Nobel da Paz. Sendo assim, conseguimos estruturar um projeto que desencadeou outras atividades, que tal como ela têm como principal objetivo privilegiar o direito à educação, pois Malala é um símbolo mundial de resiliência para a defesa da educação e da luta contra o preconceito e igualdade de género.

Influenciados por Malala, os alunos e toda a comunidade escolar do Colégio Atlântico, de maneira que sensibilizados pelo dia da Erradicação da Pobreza (16 de outubro) provocaram uma ação de solidariedade que resultou na angariação de bens alimentares para uma instituição carenciada.

“Uma criança, um professor, um livro, uma caneta pode mudar o mundo” persuadidos por tais palavras, os alunos têm como objetivo realizar em cada período uma feira de artesanato, com recurso a materiais reutilizáveis com intuito de angariar valores para um bem maior.

Carolina Sotomaior
Professora do 1.º CEB



A minha escola

Colégio Letras e Cores

O Colégio Letras e Cores, nasceu em 2009, após os proprietários depararem-se com a escassez de instituições de ensino de qualidade. Preocupados com as futuras gerações e com o “Homem do Amanhã” e sob o lema “Educar para um futuro melhor”, nasceu o Infantário Letras e Cores, a 5 de dezembro de 2011, como resposta a uma necessidade sentida pelas famílias residentes no Município de Benfica, que não dispunham, até então, de um espaço acolhedor e de um serviço de qualidade onde pudessem confiar a guarda dos seus filhos mais novos.

Devido ao bom trabalho e aos inúmeros pedidos dos encarregados de educação, no sentido, do alargamento dos serviços prestados, equacionou-se a possibilidade de alargar o infantário para colégio, com turmas de 1.º ciclo.

Assim sendo, em fevereiro de 2015, surge a 1.ª turma de 1.º ciclo de Ensino Angolano. Nos anos seguintes foram abrindo as restantes turmas do 1.º ciclo. Desde então, o Infantário Letras e Cores, passou a denominar-se de Colégio Letras e Cores devido à autorização por parte do Ministério de Educação de Angola para a administração do 1.º ciclo do ensino básico, ou seja, desde o berçário até à 6.ª classe do 1.º ciclo do ensino básico, cumprindo os programas e currículos portugueses, sendo considerado por isso um colégio internacional. Mas a busca e determinação em ser um colégio Português em Luanda, não só pelos proprietários e profissionais, mas também pela promessa às nossas famílias e clientes culminou a 19 de maio de 2023, quando o Colégio Letras e Cores recebeu a nota de reconhecimento do ensino Pré-escolar e 1.º ciclo do Ensino Básico do Ministério da Educação Português, que tanto trabalhou para alcançar!

O nosso trabalho tem sido orientado para a excelência no cumprimento do currículo português, assim como metas curriculares, festas e tradições! Com a missão de levar a língua portuguesa mais longe, ensinando igualmente hábitos e costumes, aprendendo e relacionando os hábitos e costumes de Angola, o Colégio Letras e Cores tenta harmonizar as aprendizagens das nossas crianças, numa simbiose perfeita de não atropelo das duas culturas que por norma se completam!

Entre as datas festivas de Angola e Portugal, o Letras e Cores vai dando significação das mesmas às nossas crianças para que aprendam de uma forma divertida e lúdica ambas as culturas.

Com base nesse princípio, no passado dia 20 de novembro comemoramos o Dia do Pijama, por ser um dia educativo e solidário feito por crianças que ajudam outras crianças. Na semana que antecede este dia, as educadoras e os professores organizam, em sala com as crianças e com as famílias, um conjunto de atividades lúdicas e educativas inspiradas pela Missão Pijama. A data coincide com o dia da Convenção Internacional dos Direitos da Criança que é explorada igualmente em contexto de sala com as Educadoras e Professores.

Ana Granada
Diretora

“Entre as datas festivas de Angola e Portugal, o Letras e Cores vai dando significação das mesmas às nossas crianças para que aprendam de uma forma divertida e lúdica ambas as culturas”.



A minha escola

Colégio Educ'arte

Projetos educativos socialmente inovadores que proporcionem a melhoria da qualidade de vida das pessoas de forma empreendedora, que assentam na cooperação, na intervenção social, mas também na inovação, na sustentabilidade em estratégias dinâmicas onde cada projeto é único e adaptado a cada contexto e a cada comunidade.

Ainda nos bastidores que antecipavam o início da abertura do ano letivo 2023/24, a equipa pedagógica traçou esboços sobre diálogos voltados para a expansão de novos projetos educativos.

Com os alicerces firmados, arregaçamos as mangas e esforçamos-nos para tornar real projetos (re) pensados em torno dos objetivos da investigação em Educação que passam por cinco etapas: descrever, explicar, levantar problemas (teóricos e práticos), compreender os processos internos e os condicionamentos de qualquer prática educativa ou formativa que se centraliza na renovação do saber e da descoberta de respostas para os desafios e interrogações futuras (Amado, 2007). Perante este panorama salvaguarda-se um dever ético entre os intervenientes, a instituição e a sociedade em geral, sendo que o nosso Colégio procura

estar alerta e consciente dos seus fundamentos teóricos, servindo-se dos mesmos para recolher e analisar dados. Mais do que em qualquer outra profissão, o docente assume "(...) a função específica de ensinar, pelo que recorre ao saber próprio da profissão, apoiado na investigação e reflexão partilhada da prática educativa" (Decreto-Lei nº 240/2001). Nesta linha de pensamento, apresentamos a justificação e motivação dos esboços criados, observados e (re) inventados que permitiram a elaboração do desenho de projeto – Arte & Loja.

Partindo do tema apresentado "Projetos educativos socialmente inovadores que proporcionem a melhoria da qualidade de vida das pessoas de forma empreendedora", apresentamos o projeto de Educação Financeira desenvolvido de forma interdisciplinar, porém com os alicerces assentes nas aulas de Área de Projeto. Este projeto está a mostrar-se uma ferramenta poderosa no que concerne as aprendizagens significativas, uma vez que tem apresentado resultados onde os discentes se mostram conscientes e capacitados a fazer a diferença, encontrando neste espaço oportunidade de vender e comprar produtos construídos e/ou confeccionados pelos próprios.

Neste sentido, temos vindo a observar um trabalho de cooperação, onde os nossos alunos "brincam trabalhando" de forma empreendedora, baseados na intervenção social, inovação, sustentabilidade e estratégias dinâmicas. Temos verificado que o empreendedorismo, ao ser introduzido na educação, capacita os alunos a identificarem oportunidades, inovarem e desenvolverem soluções. A educação financeira é fundamental para preparar os estudantes a gerir as suas finanças de forma consciente. Neste ponto salientamos que para além da construção da loja, os nossos alunos encontraram espaço para conseguirem o seu próprio dinheiro.

Ao oferecer uma educação que incorpora projetos inovadores e dinâmicos, o Colégio atenta em fornecer as ferramentas necessárias para formar futuros cidadãos ativos, participativos e conscientes de uma sociedade em constante evolução e mudança. O Colégio Educarte teve a honra de inaugurar o espaço – Arte & Loja – no dia 18 de outubro de 2023.

Branca Figueiredo
Professora de 1.º CEB



A minha escola

Colégio Português

“Lançámos o desafio aos nossos alunos, para que convencessem os seus familiares (de preferência, os avós) a partilharem alguma(s) das suas histórias de vida...”



Os cidadãos angolanos e portugueses estão ligados por laços históricos e afetivos, comungam e exprimem-se há séculos através da versátil e maravilhosa língua portuguesa. Meio de transmissão privilegiada da cultura e dos valores humanistas dos povos, de registo de emoções e recordações intensas e inolvidáveis, ela é a garantia da transmissão do conhecimento e da sabedoria às gerações mais novas.

Esse saber acumulado, preciosamente guardado no baú das nossas memórias, merece ser dado a conhecer, para que possamos continuar a beneficiar dele, a emocionarmo-nos e a enriquecermo-nos. Deste modo, lançámos o desafio aos nossos alunos, para que convencessem os seus familiares (de preferência, os avós) a partilharem alguma(s) das suas histórias de vida – que tivessem deixado uma marca profunda nas suas almas, pela importância histórica, pela sua beleza, pelo seu caráter afetivo. Poderiam fazê-lo em prosa, em verso, escrevendo pela sua própria mão ou ditando aos seus filhos ou netos, registando num ficheiro áudio ou num pequeno vídeo amador. Aqui ficam, pois, para conhecimento e apreciação, alguns desses trabalhos.

Professores do Departamento de Línguas e Humanidades do CP

A minha avó contou-me, por telefone – sim, porque ela vive em Portugal –, que ela e o meu avô, que já não é vivo e se chamava Emílio, se casaram e tiveram sete filhos! A minha mãe é a número seis. Quando a minha mãe tinha seis anos, a família toda foi para Portugal, onde estavam os irmãos do meu avô, e lá viveram durante muitos anos.

Os motivos que os levaram a ir viver para fora de Angola foram as dificuldades ao nível da segurança que tinham aqui, porque havia muitos sinais de um país pós-guerra, como a falta de alimentos, as escolas não ofereciam boas condições. A minha mãe e os seus irmãos (os meus tios e as minhas tias) iam para a escola, que não tinha mesas nem cadeiras, e então levavam um banco para poderem sentar-se durante as aulas. A saúde também foi um dos motivos, principalmente a do meu avô, que tinha problemas no coração.

Quando chegaram a Portugal, viveram em casa de um dos irmãos do meu avô e, depois de um ano, conseguiram ter a sua própria casa.

A minha mãe é a única filha, de entre a totalidade (seis) dos irmãos, que regressou a Angola, pois todos os outros vivem na Europa. Perguntei-lhe porque decidira viver em Angola e ela respondeu-me que foi o destino e o amor à sua terra natal.

Bruna Ramos, 11 anos

Uma história ocorrida com o pai e contada pelo próprio à sua filha, que a registou.

“Um acontecimento marcante da minha vida ocorreu em Angola, no mês de agosto de 1967, no último dia de uma digressão do Orfeão Académico de Coimbra, que percorreu várias localidades – de Luanda para o Uíge, Salazar, Malange, Nova Lisboa, Sá da Bandeira, Lobito, Malange e Luanda de novo – durante 27 dias.

De regresso, no aeroporto, e como despedida, cantámos o Hino do Orfeão

Académico – o Amen de Berlioz da Fuga da Danação de Fausto.

Eu tinha, então, 19 anos e estava entre os 40 orfeonistas. Um senhor aproximou-se de mim e perguntou-me se eu era de Viseu. Perante a minha resposta afirmativa, questionou-me novamente, pretendendo saber se eu era filho do senhor José Pereira. Ao ouvir a minha resposta, abraçou-me emocionado, pois era um grande amigo do meu pai.

O senhor Ferreira, como se chamava, estava em Angola há 18 anos e, porque eu era muito parecido com o meu pai, não hesitou em me abordar.

Ainda hoje me emociono ao recordar aquele momento único.”

Sofia Pereira, 6.º ano, 11 anos

Do meu avô materno e já falecido...

Menino dos anos 30

Nascido a 23 de março,
Sozinho com sua mãe
Cresceu com um abraço.

Amor de mãe tinha muito
Amor de pai não senti,
Menino dos anos 30
Que muito evoluiu.

Incógnito de pai
Incógnito de vida,
Menino do Estado Novo
Que vida sofrida!

Pé descalço na terra
Sempre a batalhar,
Após as batalhas vencidas
Foi sempre a prosperar.

Vida adulta a florear
Primaveras a brilhar,
Com muito amor e dedicação
Fez família e união.

Viu os filhos a crescer
Viu os netos também,
Mas criou uma menina
Que até hoje é minha mãe.

Mariana Alves, 11 anos

A minha escola

Colégio Leme Educare



A minha escola é a superestrutura onde Exploramos o Agora para Educar o Futuro...

O mundo tem-se apresentado em constante mudança. As evidências estão patentes no nosso dia a dia, onde a educação tradicional já não se adequa às necessidades que as próximas gerações apresentam. No entanto, a Educação, que se faz presente em todas as civilizações, será sempre um pilar intrínseco no desenvolvimento do ser humano como um todo. O sentimento de vulnerabilidade em relação ao presente e a incerteza em relação ao futuro obriga-nos a encontrar uma ação urgente para transformar o curso da humanidade e salvar o planeta de diversificadas ruturas.

Aliado a um pensamento estratégico e sabendo que a Educação representa um papel vital para enfrentar esses desafios, queremos estimular e dotar as nossas crianças para dar respostas assertivas combatendo alguns desses flagelos.

Explorar o Agora para Educar o Futuro?

Sim, precisamos de tomar medidas urgentes para alterar o rumo, porque o futuro das novas gerações depende do futuro do planeta e ambos estão em risco. É imperativa a reconstrução desta relação com o planeta, a relação de uns com os outros e com a tecnologia.

O “agora” é a oportunidade de transformar o passado e projetar o futuro de uma forma mais equilibrada, em harmonia com a natureza e a humanidade.

Na Educação, não consideramos uma tarefa impossível. Temos esperança que o ser humano, com toda a sua criatividade e toda a sua inteligência, seja mobilizado para garantir que a inclusão, a equidade, os direitos humanos e a paz definam o seu futuro. Explorar o meio que nos rodeia, dar a autonomia às crianças para dar respostas às suas dúvidas, criar mentes inovadoras, com pensamentos criativos de forma a dar resposta a algumas inquietações sobre o futuro, é um dos objetivos a alcançar.

Sabemos que o conhecimento e a Educação são as bases para a renovação e a transformação.

Como?

- Com base nos princípios de colaboração e solidariedade;
- Enfatizando a aprendizagem ecológica, intercultural e interdisciplinar;
- Desenvolvendo a capacidade de crítica e aplicando esse conhecimento;
- Proporcionando espaços educacionais inclusivos;
- Transformando futuros mais justos, equitativos e sustentáveis;
- Proporcionando oportunidades educacionais, que surgem ao longo do percurso escolar, e diferentes espaços culturais e sociais;
- Explorando e pesquisando com recurso à inovação tecnológica;
- Ativando a participação ativa da comunidade escolar.

À minha escola não cabe apenas o grande objetivo de estimular o desenvolvimento cognitivo. O desenvolvimento emocional é primordial para que a criança desenvolva todas as suas outras capacidades. Toda a evolução é bem-vinda e estamos certos de que todas as descobertas potenciam o ser humano. Levamos assim as crianças a experienciarem um mundo cheio de conhecimento a fim de se tornarem futuros adultos ativos no desenvolvimento da sociedade.

É aos professores e educadores que se pede que assumam as rédeas da Educação e que, através de teorias e práticas pedagógicas privilegiadas, toquem o coração de cada criança. Um ensino alicerçado nas descobertas e experiências será totalmente capaz de gerar autonomia, liberdade, respeito, responsabilidade e sucesso académico.

In: Projeto Educativo 2023/2027

Direção: Maria de Lurdes Santos e Coordenações

O Clube Europeu

Colégio São Francisco de Assis

“Malas feitas, cheias de sonhos, alegrias, sorrisos, amizade, amor, esperança e de mochilas solidárias, é hora de partir e distribuir”.

Numa entrevista entre pares sobre “Jovens – O futuro da Europa” dinamizada pelo Clube Europeu do Colégio S. Francisco de Assis, à pergunta: “Como pensas ou gostarias de fazer a diferença na sociedade, no futuro?”, o André (aluno do 10.º ano) respondeu com muita convicção que “a minha mãe sempre me disse que eu não vim ao mundo para ser só mais um. Todos viemos ao mundo com um propósito (...) eu gostaria de fazer a diferença no mundo do trabalho e também no que respeita aos direitos humanos, gostava de fazer voluntariado (...)”.

O nosso Colégio não se limita a ser uma mera instituição de ensino. É, na verdade, uma janela aberta para o Universo, ou talvez, para vários universos. É um lugar onde uma comunidade diversa encontra a sua casa, centrada na gigantesca encruzilhada multicultural de Luanda, e aí habita.

Na nossa escola todos fazemos a diferença, porque somos todos diferentes, mas orquestramos juntos e em harmonia a defesa dos valores que norteiam o nosso Colégio: um propósito muito claro na defesa e promoção de valores, entre eles o respeito pelo próximo, a solidariedade, a empatia e a cooperação. No desenvolvimento de uma diversidade de competências sociais trilhamos um caminho claro, lúcido e muito consciente com vista à promoção dos direitos humanos.

Destacando-se, o nosso projeto educativo, pela mensagem altamente inspiradora que transmite, importa focar a nossa atenção para a sua implementação prática. E neste palco das ações (e emoções), tão rico quanto memorável e apaixonante para os nossos alunos, o voluntariado assume o papel de grande protagonista como é marcante exemplo a “Viagem Solidária!” que, anualmente, se desenvolve e tem como destino São Tomé e Príncipe. Poderíamos chamar-lhe “viagem de finalistas”, mas seria redutor resumir o trabalho, empenho, dedicação, altruísmo, espírito de entreatajuda e solidariedade que esta experiência possibilita aos nossos alunos. Para os finalistas do 12.º ano do Colégio São Francisco de Assis, a viagem de finalistas do ensino secundário é uma experiência repleta de emoções, da qual trazem a memória de todos os dias, de todos os rostos, todos os desafios e de muitas perguntas (para algumas talvez nunca encontrem uma resposta).

Em suma, trazem a aprendizagem de uma consciência social e de enorme gratidão pela experiência de terem feito a diferença na vida de alguém (que com toda a certeza ficará com essa marca, essa memória para a vida) e, ainda, o sentimento enriquecedor de ser “voluntário”.

Esta viagem conta com a colaboração prévia de pais e alunos do primeiro ciclo que preparam, criteriosamente, mochilas solidárias com materiais escolares para meninos institucionalizados, órfãos, que vivem em situação de





extremas carências, e que irão recebê-las pelas mãos dos nossos finalistas.

Depois de recolhidas as ajudas - pais, professores, alunos, auxiliares e toda a comunidade levantam pronta e rapidamente o braço, respondendo à chamada, quando o desafio é ajudar! - as responsabilidades passam para os alunos do 12.º ano que serão os mensageiros da boa vontade e do espírito solidário que se vive no Colégio, fazendo chegar estas mochilas ao seu destino. Malas feitas, cheias de sonhos, alegrias, sorrisos, amizade, amor, esperança e de mochilas solidárias, é hora de partir e distribuir. Em troca, a maior recompensa para quem é voluntário, ou gostaria de o ser, como o nosso aluno André: o sorriso no rosto de uma criança, um abraço sentido, num sentimento de gratidão profunda que a dimensão das palavras nem sempre consegue alcançar, expressa tão somente pelo silêncio de um olhar a transbordar de felicidade.

A viagem de estudo solidária, há anos promovida no CSFA Luanda Sul, muito mais do que uma simples experiência, é a expressão máxima da formação integral dos nossos alunos. O voluntariado, que inicia com a “construção” de cada mochila solidária entregue, não apenas impacta positivamente as vidas das crianças em S. Tomé e Príncipe, mas molda de maneira indelével o caráter e a consciência social dos nossos estudantes.

Ao abraçarem a causa do voluntariado estes fazem a diferença no mundo e tornam-se agentes de uma profunda transformação dentro de si mesmos, incorporando valores que transcendem fronteiras, se abrem ao Universo ecoando na construção de um futuro mais solidário, compreensivo e preocupado com o Outro!

Dalila Correia
Professora de Geografia e Coordenadora do Clube Europeu

Saberes partilhados – histórias de vida

Num mundo em incessante evolução, onde o conhecimento é abundante, confirma-se que a escola desempenha um papel primordial na formação dos cidadãos. No entanto, frequentemente, esquecemos o património de experiências e de saberes que reside naqueles que estão mais próximos de nós: pais/encarregados de educação.

Ao longo do ano letivo transato, as salas de aula do Colégio, mais propriamente as da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento, foram palco de uma experiência única e enriquecedora. Os pais/encarregados de educação foram convidados a partilhar os seus saberes profissionais e pessoais com os alunos. A ideia deste convite era simples, mas preponderante: solicitar aos pais/encarregados de educação a partilha das suas histórias de vida, perspetivas e conhecimentos com os educandos. Afinal, quem melhor para ensinar do que aqueles que têm aglomerado saberes através das suas próprias experiências de vida? O resultado? Uma caminhada memorável de aprendizagem, preenchida de orgulho, de entrega e de partilha. A ligação ideal.

Pais/encarregados de educação de diversas profissões, origens e saberes de vida, dirigiram-se à sala de aula com sorrisos e uma dose extra de entusiasmo. Cada um trouxe consigo uma história única, um conjunto de lições aprendidas e a paixão pelo que fazem. As aulas transformaram-se em locais de partilha de conhecimento, mas, igualmente, de fortificação dos laços familiares.

Um engenheiro mostrou a beleza da matemática, enquanto uma profissional da área da saúde explicou os segredos da anatomia humana. Por outro lado, um empreendedor

revelou os encantos da inovação e da descoberta de novos caminhos e um psicopedagogo evidenciou a importância de se estar focado na realização de uma tarefa. Cada lição foi um presente, não apenas para os alunos, mas para todos os que puderam assistir a estas enriquecedoras sessões. O orgulho e a admiração nos olhos dos educandos eram evidentes. Ver os seus Pais/ Encarregados de Educação a desempenharem papéis de professores, a partilharem as suas paixões e experiências, criou uma ligação única entre gerações.

A Educação não é apenas a acumulação de factos, mas, também, a partilha de valores, perspetivas, tomadas de posição e de experiências. Através da partilha de saberes, os pais/encarregados de educação demonstraram o seu compromisso com a educação dos seus educandos. Que esta iniciativa possa continuar a crescer e a inspirar outros colégios/escolas, lembrando-nos que a aprendizagem eficaz e completa requer a colaboração entre as instituições educativas, os pais e a comunidade nunca devendo ser, por isso, uma experiência solitária, mas antes coletiva, enriquecedora e plena de significado.

A palavra-chave é, sem sombra de dúvida, partilha.

Esta experiência mostrou-me que o conhecimento vai muito além dos livros e das aulas, e que aprender com as histórias de vida dos nossos familiares é uma das situações mais especiais que podemos fazer e valorizar. (Testemunho de um aluno)

Telma Ferreira
Professora de Português



Cabo Verde



A expressão artística em sala de aula: um testemunho

Escola Portuguesa de Cabo Verde-CELP

Iniciei este trabalho em janeiro de 2021, com uma turma do 1.º ano de escolaridade. Estávamos em plena pandemia, numa grande instabilidade, entre aulas síncronas e assíncronas. Para crianças de cinco, seis anos, tudo era novo e nada fácil: era o vaivém constante, as regras de convivência comprometidas pela falta de abraços, pelos distanciamentos.

Neste contexto, era importante encontrar um ponto de interesse comum na turma, que estimulasse o desenvolvimento da criatividade, assim como as capacidades e competências das crianças, que contribuísse para o desenvolvimento da sua personalidade e que desse resposta aos interesses e necessidades de aprendizagem de cada um. Importante, também, seria encontrar algo que permitisse o trabalho presencial e *online*. Assim, considerei que a expressão artística poderia ser um elo facilitador para a comunicação e o estímulo das aprendizagens.

Acredito que as expressões artísticas podem melhorar o raciocínio, a memória e a autoestima do aluno, além de fortalecerem os laços entre pares. Através da arte, conseguimos abordar subjetividades, permitindo que os sentimentos, as sensações e as expressões também sejam explorados e trabalhados na criança.

Trabalhar e aprender arte na escola traz diversas vantagens: estimula a criatividade; mostra ao aluno uma nova perceção do mundo; a criança aprende a expressar-se no mundo em que vive, na mesma medida em que consegue compreendê-lo; desenvolve o sentido crítico. De um modo geral, a criança aprende por meio de associações, ou seja, liga temas e acontecimentos para que os possa entender melhor. Por isso, a arte auxilia a aprendizagem em sala de aula, ajuda a criança a estabelecer

relações, a vivenciar conceitos e a criar a partir de novas vivências e/ou aprendizagens.

Toda a criança gosta de pintar, cortar, colar e explorar o mundo das cores com um pincel. Não é só uma questão de gosto, passatempo ou criatividade. A arte vai mais além, ela faz parte de um processo natural de desenvolvimento cognitivo e motor. O ensino da arte está presente na escola desde as suas primeiras etapas.

Acredito que o currículo deve aproximar-se da realidade e da experiência de vida dos alunos, de modo a estabelecer paralelos com situações reais, e permitindo, assim, interligar e compreender melhor os conteúdos apresentados.

Um outro aspeto que tive em conta para uma melhoria da qualidade das aprendizagens e do sucesso escolar dos alunos passou também pelo ambiente da sala de aula e pela gestão do espaço. Este trabalho permite dinâmicas diferenciadas e inclusivas em sala de aula.

Com base nos pressupostos apresentados, foi este o desafio que me propus para os quatro anos seguintes. De referir que estas atividades são trabalhadas, reunindo várias formas artísticas e em articulação com outras áreas disciplinares.

Como funcionamos?

Por período, estudamos um artista plástico e exploramos a sua obra, sendo este trabalho desenvolvido nas diversas vertentes da aprendizagem: português, matemática, estudo do meio e expressões artísticas.

Trabalhar a arte em todas as suas variantes dá-nos uma enorme possibilidade de cortar com os

padrões de memorização e repetição de conteúdos, desenvolve a capacidade de interrogar, de procurar respostas, de descobrir forma e ordem, de repensar, de reestruturar, pode significar a diferença entre um aluno criador, flexível, consciente de si próprio e um aluno sem capacidades para aplicar o que aprendeu e com dificuldades de se relacionar com o seu meio. O ambiente de partilha, a cooperação e a colaboração entre pares permitem a inclusão e a integração de todos no grupo turma. Este projeto permite ainda a participação e o envolvimento ativo dos pais nas atividades desenvolvidas, promovendo a cooperação entre casa e escola. Quando nos propomos trabalhar determinado projeto, iniciamos com um brainstorming, com a planificação em sala de aula e partilhamos, via TEAMS, informação sobre o projeto com os pais. Assim, em casa, alunos e pais podem trocar ideias, procurar materiais, pesquisar. Esta parceria torna o trabalho mais estimulante, permite obter melhores resultados e conduz a uma efetiva comunicação entre escola/casa/escola. Relativamente à gestão do trabalho em sala de aula, os processos tornam-se mais simples, dinâmicos e interativos, e os resultados mais eficazes e efetivos.

Na análise que faço deste trabalho, ressalta, sobretudo, a capacidade de observação, atenção, memória e concentração que as crianças desenvolvem, essencial nesta idade e aplicável na vida quotidiana. As mudanças e a agitação constante em que estamos, são refletidas nos alunos, pois vivem em permanente agitação e desassossego. É importante pararmos para olhar, observar e refletir. As aulas de expressão artística possibilitam essa paragem necessária!

Maria Afonso
Professora do 1.º Ciclo





Educar para a sustentabilidade

Desde há quatro anos que a EPCV tem vindo a estabelecer parcerias com associações locais cabo-verdianas, no âmbito das atividades de Cidadania e Desenvolvimento. O objetivo destas é criar nos nossos alunos e na comunidade local, hábitos e práticas que contribuam para o exercício de uma cidadania ativa e participativa, porque sabemos que a alteração de comportamentos exige o investimento e a participação de todos (escola, famílias, empresas, associações e responsáveis governamentais).

A sustentabilidade ambiental: uma prioridade

A sustentabilidade ambiental tem sido uma das áreas privilegiadas, ou não fosse este o grande desafio que enfrentamos a nível global. Nesse sentido, a escola tem dinamizado e estabelecido parcerias para a recolha de plástico e de vidro usados, inicialmente, na escola, mas com a intenção de que estas ações se estendam a outras organizações e à comunidade em geral, uma vez que a separação e tratamento de resíduos ainda não é uma prática em Cabo Verde.

A parceria com a empresa Caboplast (Sociedade Industrial de Transformação e Produção de Materiais de Plástico) já vai no terceiro ano e consiste na recolha de plástico que é reciclado e reutilizado no mercado. Outra parceria, mais recente, com a empresa Ekonatura (Centro de reciclagem comunitário de São Francisco), permite a recolha do plástico e também do vidro. Estes materiais, depois de transformados são misturados com cimento branco e outros produtos e reutilizados em materiais de construção e peças de artesanato variado. A participação dos alunos nestas ações tem-se desenvolvido em várias vertentes: sessões de sensibilização, decoração de bidões, recolha do plástico e do vidro, visitas às empresas parceiras, além da participação no workshop “Capitão Fanplástico” dinamizado pela Associação para a Defesa do Ambiente e Desenvolvimento (ADAD), pelo Soapbox South Africa e pelo Indian Ocean Commission (IOC), programas da ONU.

Ser tartaruga não é fácil

A preservação das tartarugas exige cada vez mais investimento, tanto em meios humanos e materiais como na formação de uma sólida consciência cívica. A escola tem sensibilizado os seus alunos para esta problemática, envolvendo-os, sempre que possível, em ações que visam a preservação das tartarugas no oceano. Essas ações têm sido desenvolvidas em parceria com a Associação Ambiental Caretta Caretta, que tem como objetivo a conservação da vida marinha, mais concretamente, da tartaruga-marinha-comum (Caretta Caretta). A EPCV-CLP participou também na construção do maior cercado de nidificação da ilha de Santiago.

Voluntariado: somos todos responsáveis

Nesta área, a escola mantém o projeto “Dar + de ti”, em parceria com a Fundação DONANA, também responsável pelo Banco Alimentar em Cabo Verde, recolhendo produtos alimentares e brinquedos que são direcionados para comunidades locais devidamente identificadas.

Outras ações foram ainda desenvolvidas, nomeadamente, na área do empreendedorismo e da alimentação sustentável. Este início de milénio leva-nos a repensar os grandes objetivos da educação. Não podemos educar tendo em vista apenas a realização pessoal e profissional dos nossos jovens. Cada vez mais o envolvimento em causas comuns é indispensável e prioritário, daí dever ser fomentado como objetivo e como prática. Incentivados por nós, as nossas crianças e jovens poderão reinventar e criar um mundo mais sustentável.

Irene Gabriel, Celeste Freitas
Professoras

A EPCV-CLP e o Plano Nacional de Cinema: um par de sucesso

“O cinema não tem fronteiras nem limites.
É um fluxo constante de sonho.”

Orson Welles

Foi no ano letivo de 2020/2021 que a EPCV-CLP, com o objetivo de desenvolver projetos de excelência e inovação para promover condições para a melhoria do sucesso escolar e educativo dos alunos, iniciou a sua participação no Plano Nacional de Cinema através do desenvolvimento de um projeto próprio que concretizasse o seu Projeto Educativo:

“Hoje, mais do que nunca, a escola deve preparar para o imprevisto, o novo, a complexidade e, sobretudo, desenvolver em cada indivíduo a vontade, a capacidade e o conhecimento que lhe permitirão aprender ao longo da vida. Aquele que reconhece o valor da Educação estuda sempre e quer sempre aprender mais.”

(Projeto Educativo da EPCV – CELP 2020/23: p. 4)

O Projeto Literacia dos Media em Escolas de Cabo Verde, cuja missão é “criar junto do público escolar as condições para que possa desenvolver-se o gosto pelo cinema, valorizando-o enquanto forma de arte, e promover um programa de literacia para o cinema e de divulgação de obras cinematográficas nacionais” (OBJETIVOS | Plano Nacional de Cinema (pnc.gov.pt), aliado à missão da EPCV-CLP são um par de sucesso.

Desde 2020 que os alunos da EPCV-CLP realizam trabalhos de Literacia dos Media, desenvolvendo o gosto pelo cinema em língua portuguesa. As atividades realizadas vão desde o visionamento de filmes e exploração de ideias, exposição de trabalhos de arte com desenho e pintura de imagens de filmes da lista do Plano Nacional de Cinema, passando pela realização de oficinas sobre Literacia dos Media para produção e realização de curtas de animação, de ficção e documentário. Este trabalho culminou numa Mostra de Curtas, no ano letivo de 2021/2022 realizada pelos alunos da escola.

Como o cinema “não tem fronteiras nem limites”, a EPCV-CLP levou-o até à comunidade escolar da ilha de Santiago. Fê-lo em parceria com a Unicef, a Universidade de Cabo Verde, a Direção Nacional de Educação do Ministério da Educação de Cabo Verde e a Associação de Cinema e Audiovisual de Cabo Verde com o Projeto Literacia dos Media em Escolas de Cabo Verde.

A Coordenadora do PNC na EPCV, Professora Valéria Gomes, e a Professora Rita Alves, membro da Equipa do PNC, realizaram oficinas de formação sobre cinema documental e de animação, num trabalho conjunto com o realizador e professor Francisco Veres-Machado e alunos do Curso de Licenciatura em Tecnologias, Multimédia e Comunicação da Universidade de Cabo Verde.

As oficinas, que integraram os currícula e os projetos educativos de seis escolas públicas dos ensinos básico e secundário da ilha de Santiago, tiveram como objetivo desenvolver competências criativas, técnicas

e estéticas e motivar para a reflexão e para a ação crianças e jovens entre os 10 e os 15 anos. Para isso, e recorrendo-se a vários domínios da componente curricular de Cidadania e Desenvolvimento, realizaram-se curtas-metragens de animação, ficção e documentário, além de se refletir sobre a produção de vídeo e de cinema documental.

O produto final do Projeto resultou na realização de 100 curtas-metragens, com uma duração situada entre 45 segundos e 3 minutos, permitindo criar futuros realizadores na área do cinema documental. Das 100 curtas apresentadas, 37 foram selecionadas para integrar a I Mostra de Cinema Documental de Jovens Realizadores, que decorreu na Universidade de Cabo Verde, em janeiro de 2023, tendo sido premiados alunos das escolas participantes.

Valéria Gomes
Professora



Saberes partilhados – Histórias de Vida

Educação pela Paz – Direitos Humanos

Escola Portuguesa de Macau

A Educação pela Paz e a Comemoração do Dia Mundial dos Direitos Humanos são temáticas intrínsecas ao projeto educativo inicial e contínuo da Escola Portuguesa de Macau. No âmbito daquelas são desenvolvidas atividades, dentro e fora do contexto sala de aula, que têm como propósito contribuir para a promoção holística de competências, atitudes e valores, que promovam o respeito, a tolerância, a assertividade, a inclusão e a cooperação, contribuindo para a paz, a cidadania e para a consolidação da democracia, num universo estudantil internacional e intercultural. Conceitos como, igualdade, liberdade, justiça, integridade, diversidade e segurança, são trabalhados transversalmente de modo a preparar os alunos para o exercício de uma cidadania responsável, participativa, ativa, consciente e crítica.

Como se disse, o espaço Escola Portuguesa de Macau é palco de uma constante dinâmica de trabalho pluridisciplinar desenvolvido a este nível temático, com particular destaque para as disciplinas de Educação Cívica e Desenvolvimento e as Oficinas de Filosofia. Aqui, as aulas fornecem ferramentas e situações práticas concretas para que os conceitos-chave sejam definidos, explorados e aprofundados, construindo um ambiente propício à reflexão e ao diálogo entre os alunos, que, por esta via, debatem vários problemas da sociedade e as suas possíveis soluções. Outros exemplos que orgulham a nossa comunidade escolar, são a comemoração do Dia Internacional dos Direitos Humanos, do Dia Internacional Contra a Corrupção, do Dia Internacional da Paz, bem como várias campanhas solidárias (humanitárias, ambientais e de proteção animal), exposições e projetos educativos interdisciplinares, que englobam várias áreas do saber e as suas diferentes perspetivas, iniciativas que contam com a participação dos encarregados de educação, nomeadamente as de partilha de histórias de vida, palestras sobre a Lei e a Justiça em parceria com instituições locais, e sobre outros temas educativos relevantes em conjunto com entidades associativas, governamentais e universitárias.



A Escola Portuguesa de Macau, como já aludido, caracteriza-se pela interculturalidade e diversidade geográfica dos seus alunos. Este seu enquadramento único favorece a assimilação cultural, privilegiando a inter-relação cooperante entre os grupos e pares, permitindo preparar verdadeiramente as crianças e os adolescentes para uma sociedade que se quer justa, democrática e plural.

Cláudia Rouxinol
Professora de Educação Cívica e
Desenvolvimento
Sandra Fonseca
Professora de Filosofia

O Design centrado no ser humano



A Escola Portuguesa de Macau é uma escola multicultural, que preserva o bem-estar dos seus alunos e que se preocupa em manter o legado histórico português deixado pelos nossos antepassados. Insere-se na Região Administrativa Especial de Macau (R.A.E.M) e situa-se na costa meridional da China, na foz do Rio das Pérolas.

O quadro elaborado e pensado pelas professoras de Artes do 2.º ciclo (Rute Amaro) e do 3.º ciclo (Ana Cardoso), docentes da disciplina de Educação Visual na Escola Portuguesa de Macau, mediante o contexto da sua envolvência e comunidade, teve como preocupação transmitir a ideia de que o Design está centrado no ser humano, representando, através da imagem, um aluno como “centro” de toda a imaginação, inovação, criatividade, conhecimento, sucesso, futuro e projeção de sonhos, fatores que nos levam a alcançar os nossos objetivos. O perfil do aluno da Escola Portuguesa de Macau reflete a riqueza cultural e o futuro das novas gerações, pois os alunos de hoje serão os adultos de amanhã.

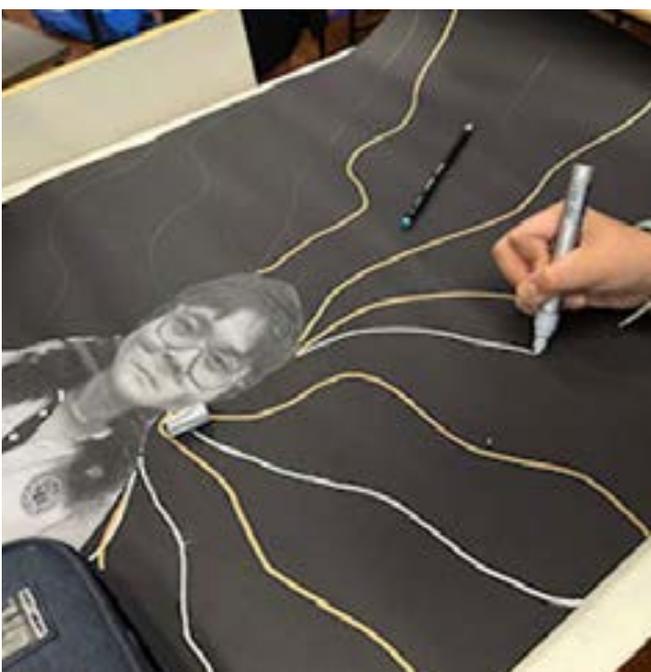
Durante a sua execução, foram escolhidos desperdícios de materiais, existentes na sala de aula e que foram reaproveitados, dando uma nova vida à obra, pois nos dias de hoje é muito importante reciclar os materiais, dando-lhes outra sustentabilidade. Utilizou-se jornais, revistas, papéis coloridos, cartolina e criou-se o aluno com restos de tecidos de uniformes da escola, decorando o quadro com retalhos de padrões de azulejos e emblemas. A sobressair da cabeça do aluno está a sua imaginação, a sua envolvência, ou seja, procurou-se enquadrar o património de Macau através de monumentos históricos, ruas, costumes, inserindo-se também frases em português sobre a saudade, o amor pela pátria e a fusão entre as culturas macaense e portuguesa.

O Ocidente sempre respeitou a cultura do Oriente e até hoje o seu relacionamento é de paz e harmonia entre os povos. A obra contém também as três línguas mais faladas no território, português, cantonês e inglês, alguns caracteres chineses e nuvens ondulantes de inspiração nos bordados da antiguidade da corte chinesa, como o traje dos reis.

A realização desta obra em conjunto foi bastante enriquecedora, a relação entre as duas diferentes culturas e o respeito mútuo entre professoras da mesma área, nascidas em países diferentes, mas que têm muito em comum, é prova de que a multiculturalidade faz toda a diferença e de que só temos a ganhar como seres humanos, abrindo assim outros horizontes e formas de ver e analisar o mundo à nossa volta. Macau é um lugar mágico, “primeiro estranha-se e depois entranha-se”.

A Arte é muito importante para o desenvolvimento e crescimento intelectual de um aluno.

Ana Cardoso e Rute Amaro
Professoras de Educação Visual



Moçambique



Uma escola de afetos, uma escola projetada para o futuro

Escola Portuguesa de Moçambique-CELP

É a escola de todos os que aqui se entrelaçam em relações de aprendizagem (formal e informal), relações de trabalho, de colaboração e cooperação, relações de amizade e parceria. Como muitos gostam de repetir, por vezes à exaustão, a minha escola/casa é “A Casa Amarela”, a minha família de coração e adoção é “a família da Casa Amarela”.

Esse é, creio, o traço mais marcante da nossa identidade: escola de afetos e de multiculturalidade, onde cada ex-aluno, cada ex-professor, cada ex-colaborador, cada ex-encarregado de educação, volta e nos visita como se de um reencontro com a família se tratasse. E, tal como em todas as famílias, encontramos-nos e enriquecemo-nos nas nossas individualidades e diferenças e é essa riqueza, particularmente sentida nesta “casa”, que nos torna tão especiais e nos enche de orgulho.

Então, como sintetizar em duas páginas tudo aquilo que nos marca no percurso que temos vindo a trilhar:

Inclusão

- Multiculturalidade;
- Pluralismo e tolerância religiosa;
- Pedagogias diferenciadas;
- Respostas ajustadas às necessidades de cada um;
- Serviços especializados coordenados pela equipa EMAEI;
- Musicoterapia, Psicomotricidade, Desporto, Yoga, Cozinhas Pedagógicas;
- Planos de transição para a vida ativa ajustados ao contexto;
- Projetos de Cooperação.

Educação humanista, holística, integradora dos vários saberes

- Valorização da Educação para a Arte e para a Cultura Desportiva
- Promoção da Educação Literária e de domínio funcional

da língua portuguesa;

- Promoção da literacia científica e tecnológica;
- Educação para o exercício de uma cidadania ativa e responsável, comprometida com as causas sociais e ambientais, promotora da consciencialização para a sustentabilidade.

Valorização da Excelência

- Estratégias de ensino orientadas para a excelência de resultados académicos;
- Mobilização de recursos variados para apoios nas dificuldades e para a obtenção de patamares de elevada qualidade da aprendizagem;
- Participação em competições/concursos nacionais e internacionais de educação científica, e de educação para uma cultura democrática e reflexiva

Cooperação

- Parceria ativa e regular com outras escolas, portuguesas, moçambicanas e internacionais;
- Apoio a projetos pedagógicos inovadores;
- Formação de docentes e técnicos nacionais (moçambicanos);
- Apetrechamento e dinamização de bibliotecas escolares;
- Construção de curricula para comunidades específicas (ex. Vila da Gorongosa – Programa de Educação para a rapariga).

Mas a “minha”, a “nossa escola”, é muito mais do que uma escola – no país onde se encontra, Moçambique, é também um instrumento fundamental da cooperação bilateral entre Portugal e Moçambique, estreitando relações de proximidade cultural e afetiva entre países irmãos.

O carinho que o Senhor Presidente da República, Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa, nutre pelo povo moçambicano, generosamente retribuído, reflete essa proximidade que a EPM-CELP assume também como um traço da sua identidade.





A cooperação é “alimentada” em diferentes áreas de formação, tendo como substrato a difusão e expansão da língua portuguesa, fator inequívoco de construção e consolidação da unidade nacional. Num país com a dimensão e diversidade geográfica e cultural de Moçambique, esta vertente do trabalho que temos vindo a desenvolver ganha uma projeção de extrema importância para os dois países.

Destaque para alguns núcleos de ação:

O Projeto «Mabuko Ya Hina» (os nossos livros), de dinamização de atividades de incentivo à leitura e à escrita, de formação de docentes e técnicos bibliotecários nas áreas da Gestão e Dinamização de bibliotecas escolares (bibliotecas fixas) e Maletas de Leitura (bibliotecas móveis). Este projeto da EPM-CELP resulta da parceria entre a Rede Nacional de Bibliotecas Escolares (RBE) e o Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano de Moçambique (MINEDH), integrando no seu programa de ação o «Plano Nacional de Leitura» e o «Plano Nacional de Ação de Leitura e Escrita»;

O Centro de Formação da EPM-CELP – constituindo-se como o primeiro Centro de Formação de uma Escola Portuguesa no Estrangeiro, reconhecido pelo CCPFP da Universidade do Minho, dinamiza estágios e programas de formação dirigidos a docentes e técnicos moçambicanos, promove formação interna a pessoal docente e não docente, dinamiza Cursos de Português para Estrangeiros, apoia e coorganiza, com o Centro Cultural-Instituto Camões, os processos de candidatura a Bolsas de Estudo para a EPM-CELP destinados a estudantes moçambicanos carenciados.

O Editorial – através de publicações regulares na área da literatura infantojuvenil e em coleções como “Pensar a Educação”, a EPM-CELP tem vindo a construir um acervo importante não só para os seus alunos, mas também para divulgação da língua portuguesa, promovendo jovens autores, valorizando diferentes expressões do Português nas suas variáveis geográficas (da Europa ao Brasil, a África ou a Timor,...);

Finalmente, a “minha”/“nossa” escola é muito mais do que tudo isto, “abraça” o país em que se encontra, trabalha

denodadamente por estender a sua missão a territórios onde até aqui se estendia pelos livros que aí fazia chegar, pelos projetos de cooperação na área da promoção de competências leitoras, pelos projetos de valorização da educação de raparigas,...

A “minha” escola cumpre hoje um sonho plasmado no diploma legal que esteve na base da sua fundação (decreto-lei 211/2015 de 29 de setembro): a abertura de novos polos de ensino do currículo português tutelados pelo Ministério da Educação de Portugal.

Foi com um enorme orgulho que, no passado dia 7 de dezembro, se inaugurou o Polo da Beira da Escola Portuguesa de Moçambique. O momento histórico foi marcado pela presença do Senhor Secretário de Estado da Educação de Portugal, Dr. António Leite, que se fazia acompanhar por dirigentes do mesmo Ministério, pelo Senhor Embaixador de Portugal em Maputo, Dr. António Costa Moura e por diversas individualidades locais.

A cerimónia, simples e sóbria, assumiu grande valor simbólico: representa o arranque de uma nova fase na estratégia nacional de cooperação com os países da CPLP, com a abertura de escolas de currículo português, tuteladas pelo Ministério da Educação de Portugal, que visam o aprofundamento das relações entre estes países e a expansão da língua portuguesa como fator consensual de unidade na consolidação desta organização. Ficou a promessa, explícita e enfaticamente assumida pelo Sr. Embaixador, de este ser o primeiro de um universo de novos polos da EPM-CELP a abrir a médio prazo: Nampula, Cabo Delgado, entre outros.

É assim, com redobrado orgulho, que hoje falo da “minha”/“nossa” escola como atravessando o momento mais feliz da sua história de 24 anos, a caminho do seu primeiro quartel de século e acompanhando celebrações que não podemos deixar de mencionar – o cinquentenário do 25 de Abril de 1974 e o que isso significou com o nascimento de Estados Africanos independentes de língua oficial portuguesa.

Luísa Antunes
Presidente da CAP da EPM-CELP

A minha escola

Colégio Internacional Lusíadas

A cooperação é “alimentada” em diferentes áreas de formação, no dia em que escrevemos este artigo, querendo partilhar um pouco da nossa identidade, assinalam-se dez anos sobre a morte de Nelson Mandela. Como homem e estadista, deixou-nos um legado de luta e resistência, de resiliência e de dignidade, de exemplo. Um enorme exemplo! Refletiu, falou e agiu de acordo com uma ideia de bem que congregasse todos, uma ideia universal. Por isso, a sua memória é respeitada. Por isso, o seu exemplo continua a ser fonte de inspiração.

Como Nelson Mandela, também nós, Colégio Internacional Lusíadas (CIL), acreditamos que a Educação é uma “arma” poderosa que pode mudar o mundo. Mas mudar o mundo é uma tarefa exigente. Exige que fixemos o olhar no horizonte, onde está a utopia, importante para que, como nos lembrou Eduardo Galeano, não deixemos de caminhar. Porque é caminhando que o caminho se abre, se faz.

A minha escola

O caminho que estivermos dispostos a percorrer há-de dizer de nós, do nosso Colégio. Do contributo que dermos para, juntos, mudarmos o mundo. Nesta gigantesca tarefa a que nos propomos, o primeiro passo tinha de ser partir em busca de referências. Procurámos e encontrámos.

A Mãe Olívia, fundadora do Projeto Esperança Moçambique. Um projeto que começou por ajudar três, quatro meninos, e que hoje apoia cerca de trezentos, distribuídos por três centros. Meninos a quem o HIV/SIDA levou o pai e/ou a mãe. Meninos a quem a pobreza poderia ter roubado o futuro. Há vinte e quatro anos que a Mãe Olívia não deixa que isso aconteça. Através do seu testemunho, aprendemos sobre empatia e solidariedade. Uma semente de que estamos a cuidar para que germine.

A Casa de Vidro, situada na Macaneta, é um projeto de cariz ambiental que transformou o vidro em paredes, que se uniram numa casa aberta à Comunidade, um alerta para a sustentabilidade em Moçambique. Ao visitá-la, aprendemos sobre a importância de preservar a Natureza. Aprendemos também que nela nada se perde, sobretudo se tivermos a capacidade transformadora de sonhar a obra. Imbuídos desse espírito, vamos tornar o CIL ainda mais amigo do Ambiente.

Quando a pensamos (n) o nosso Colégio, não o resumimos a um espaço e às aprendizagens do currículo que nele se promovem. Não. Querêmo-lo de portas abertas à realidade e a quem nela trabalha com um objetivo reformador. Queremos que o nosso Colégio seja, sobretudo, um compromisso para com o futuro que, com base na prática de uma cidadania ativa, atenta e mobilizadora, possamos construir.

A Direção



A história da Etelvina

Escola Lusófona de Nampula

No dia 9 de setembro, a Etelvina acompanhou a sua mãe à reunião de abertura do ano letivo da que viria a ser a sua nova escola.

Chegadas de Cabo Delgado, província flagelada por ataques terroristas, onde a família vivia com “o coração nas mãos” por tanta insegurança e falta de aulas, acataram os conselhos dos familiares e rumaram a Nampula.

As suas primas não falavam de outra coisa senão da Escola Lusófona de Nampula que ia iniciar o ano letivo no dia 11 de setembro e, através dos tios, soube que a sessão de abertura teria lugar no sábado anterior.

– Mãe, vamos com a tia à sessão de abertura da Escola,... ó mãe, vamos lá! – pedia Etelvina pela enésima vez.

Perante a insistência da filha e a própria curiosidade, D. Soraya condescendeu.

A Senhora Diretora da Escola Lusófona de Nampula (ELN), deu início à sessão e começou a discursar, mas ela distraía-se e só foi ouvindo a espaços:

“ELN, na sua fundação – Escola Portuguesa de Nampula – situa-se na Rua Filipe Samuel Magaia n.º 1009, casa n.º 444/5, vulgarmente conhecida por Rua das Flores. Esta nasceu a partir de uma reunião informal de antigos residentes

em Nampula, em junho de 1993. De nacionalidade portuguesa, havida a 8 um deles, um ex-professor, Sebastião Teixeira da Silva Cardoso, surgiu a ideia da abertura de uma escola, que todos os presentes abraçaram, e, a partir daí, constituíram-se várias comissões para lhe dar vida. Nesse mesmo ano, precisamente, a 16 de novembro, a Escola começou a funcionar. O objetivo da sua existência ficou logo bem definido: “defesa e divulgação da Língua e Cultura Portuguesas”.

A ELN pertence à Rede de Escolas de Ensino Português no Estrangeiro, tendo participado no I Encontro das EPE em Cabo Verde, realizado em 2019, e também no II Encontro das EPE em S. Tomé e Príncipe, em maio deste ano, dos quais se colheram ensinamentos e experiências vivenciadas que nos enriquecem.

A Escola Lusófona de Nampula é a única escola com currículo português na terceira maior cidade de Moçambique e a única da região norte deste país. Portanto, ela integra: i) quer os filhos de portugueses e luso-descendentes – que, por algum motivo, tiveram de vir para cá morar e permitir-lhes continuar os seus estudos numa escola com currículo português [...]; ii) quer ainda de filhos de moçambicanos e iii) mesmo de outras nacionalidades. Por várias vezes, esta escola recebeu alunos transferidos vindos tanto de Portugal como de outras

escolas fora de Portugal, com currículo português, e já transferiu alunos desta para outras de igual currículo.”

Não ouviu mais nada, porque pediu baixinho à sua mãe para ir brincar nos baloiços que a prima lhe tinha dito haver na Escola.

Quando a sessão terminou, a D. Soraya pediu para fazer uma visita guiada pelos espaços do edifício e pelo logradouro. Etelvina olhava atentamente para tudo, quis saber quem tinha feito a machamba... e, no fim, cheia de entusiasmo, dirigiu à mãe um chorrilho de perguntas:

– Ó mãe, ouviste o que a Senhora Diretora falou sobre as atividades que os alunos fazem? E que aprendem a trabalhar nos computadores? Até as provas são eletrónicas! E fazem saídas para visitar os museus e ...

– Etelvina, a mãe esteve a ouvir tudo com muita atenção e vimos juntas as fotos das atividades desenvolvidas pelos alunos que estão expostas no placard, mas primeiro terei de falar com o teu pai, minha filha...

– Pois é, mamã, mas já vou adiantando que eu gostaria muito que esta viesse a ser A MINHA ESCOLA!

Etelvina Maria Gonçalves, 5.º ano
Co-autora: Maria José Gustavo
Supervisora: Elsa C. Ussene



Atividades realizadas no ano de 2023

Ambiente escolar

O ambiente escolar permite o contacto com experiências que não ocorrem no contexto familiar, ampliando as possibilidades de conhecer coisas novas e descobrir habilidades.

A diversidade na escola é um desafio constante para quem trabalha com a Educação. Afinal, o respeito à diversidade é um dos princípios básicos para a construção de uma sociedade mais justa e por isso deve estar inserido ao longo de todo o desenvolvimento humano.

Visitas de Estudo

No contexto atual, as visitas de estudo são tidas como uma ótima ferramenta pedagógica para professores e alunos; um complemento importante ao currículo escolar, pois, em muitos casos, permitem a apropriação das aprendizagens realizadas em contexto de sala de aula. Esta escola tem realizado visitas de estudo, sempre que necessário. Por exemplo, as últimas visitas realizadas foram ao Museu Nacional de Etnologia, em Nampula, à Rampa dos Escravos, em Mossuril e à Fortaleza de São Sebastião, na Ilha de Moçambique.

Meio Ambiente

Conscientes de que a qualidade do meio ambiente depende de quem o rodeia, a ELN não fica à margem da sua responsabilidade na limpeza. Neste ano, a concentração aconteceu às 6h00, no pátio da Escola, com a presença desejável da comunidade escolar. Depois da divisão das atividades, cada um com o seu material, foi limpando a rua na qual se situa a escola. A participação de alguns pais e encarregados de educação mereceu uma salva de palmas, a pedido da Diretora da Escola.

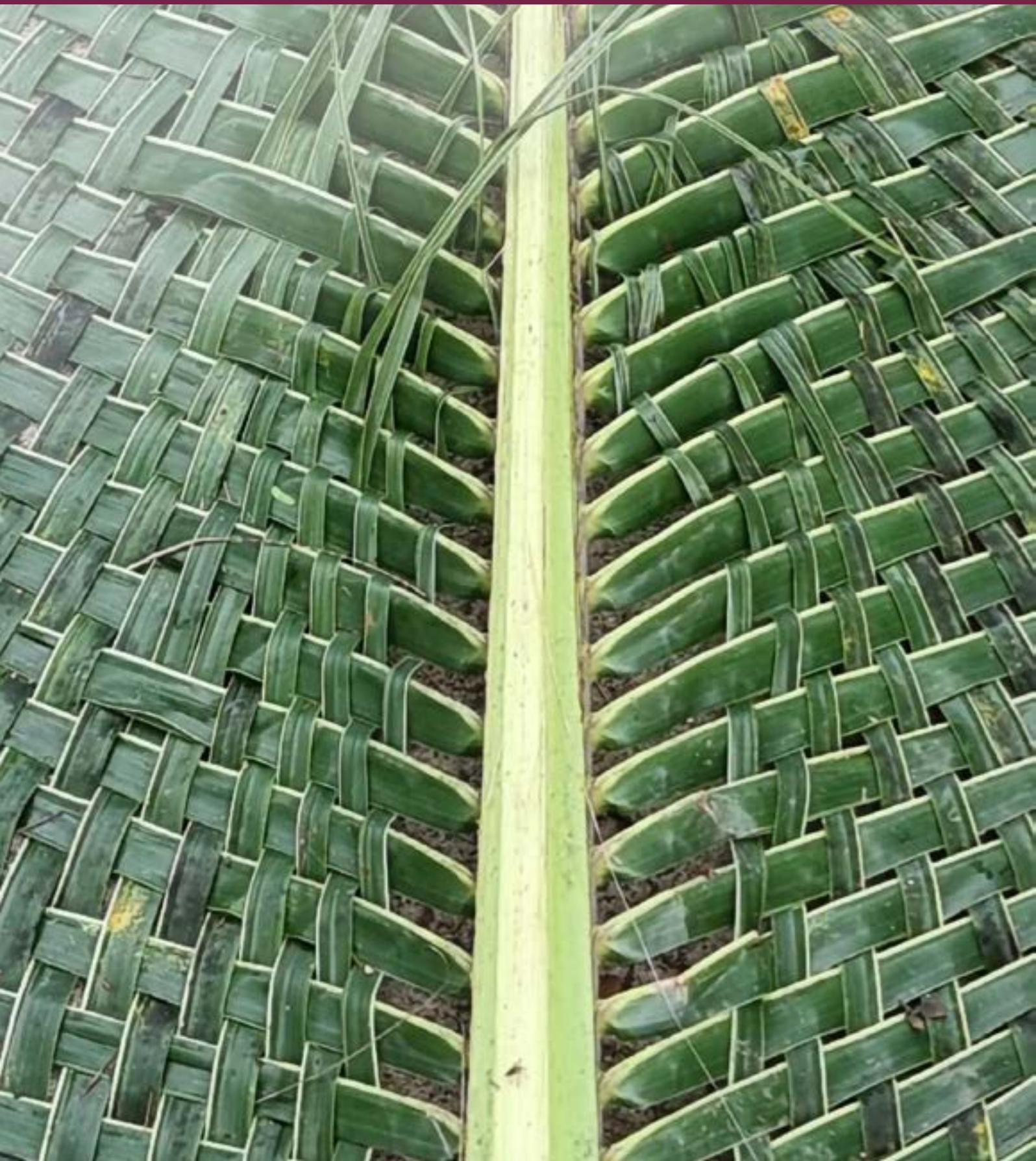
Atividades do fim do 1.º Período

O fim de período letivo está a aproximar-se e é justamente nesta época que a escola envolve toda a comunidade escolar em movimentos de solidariedade – recolha de donativos para as crianças carenciadas e vulneráveis – importa referir que é com empenho que a comunidade participa. Esta tem sido a atividade que antecede o encerramento das aulas que, geralmente, tem sido marcado por atividades mais lúdicas, que permitem que o aluno tenha vontade de voltar à escola com maior entusiasmo.

Elsa Ussene, Maria José Gustavo, Miguel Magalhães
Direção da Escola



São Tomé e Príncipe





Exposição “Desafios”

Escola Portuguesa de São Tomé e Príncipe-CELP

“Desafios” é o nome que damos ao evento artístico que acontece no 3º período desde 2021. O nome escolhido alude ao que se propõem os nossos alunos e que tem resultado de uma forma ímpar na vida cultural da nossa ilha.

Atualmente o Desafios já cresceu, tanto na sua amplitude cultural como no espectro de abrangência do seu público alvo. Iniciou como uma exposição de pintura no Centro Cultural Português, realizada com obras dos nossos alunos, no ano seguinte passou a integrar artistas plásticos santomenses, mais tarde fizemos a integração de obras de várias escolas santomenses, transformado esta exposição num evento cada vez mais completo e estimulante.

No último ano, durante o II Encontro das Escolas Portuguesas no Estrangeiro, o potencial de crescimento elevou-se para parcerias entre EPE, que se espera para este ano.

EXPOSIÇÃO DESAFIOS II

Durante a semana de 1 a 5 de maio, foi realizada a segunda exposição “DESAFIOS”, dinamizada pelos grupos de recrutamento 240 e 600 da EPSTP-CELP, esteve aberta à

comunidade, na Casa da Cultura de São Tomé e Príncipe. Esta decorreu em simultâneo com o “II Encontro das Escolas Portuguesas no Estrangeiro” e com a “Semana Cultural”. Diversas obras, produzidas pelos alunos da EPSTP, por alunos do Liceu Nacional e Escola Manuel Margarido, estiveram patentes. As novidades desta exposição foi o facto de pintores convidados: Guilherme Carvalho, Osvaldo Reis e Leonel Varela terem vendido obras suas, logo no dia da inauguração, bem como existir uma parceria artística entre a EPSTP e as escolas públicas de São Tomé e Príncipe. Desde grandes telas até desenhos, pinturas de pequena dimensão a esculturas, ilusões de ótica e esculturas anamórficas estiveram presentes nesta colorida exposição. Para além da diversidade de suportes existiu igualmente diversidade de temáticas Luso-São Tomenses, contribuindo para uma maior riqueza cultural.

O percurso da exposição foi organizado de modo a seguir um trajeto, em que primeiramente nos eram apresentadas reproduções artísticas realizadas por alunos do ensino básico, na disciplina de Educação Visual, perspectivas cónicas de edifícios franceses e São Tomenses, telas diversas, esculturas, entre outros.

Semana Cultural

A semana cultural na Escola Portuguesa de São Tomé e Príncipe, realiza-se em maio, e é um evento repleto de atividades de diversas tipologias que envolvem várias disciplinas, Clubes e Projetos. Durante esta semana não existem aulas convencionais, os alunos aprendem com a partilha e vivenciam momentos únicos de aprendizagem prática e lúdica. Todas as turmas percorrem postos de acolhimento, que têm preparadas atividades temáticas para cada grupo. Cada experiência é preparada com a orientação dos diferentes grupos disciplinares, que em parceria adequam a proposta de atividade à faixa etária que recebe.

Os alunos do 12.º ano são parte integrante da organização, na medida em que colaboram desde o início até ao fim do evento, como elementos da organização. Sem eles nada seria possível. A diversidade de experiências acontece com a rotação de grupos entre experiências, assim durante 4 dias vivem-se momentos de pura alegria e gosto pela aprendizagem e partilha. A organização das atividades prevê a interligação dos alunos entre ciclos e a vivência de atividades e curiosidades das mais diversas áreas do saber. Organiza-se de 3.ª a 6.ª feira, sendo que à quarta-feira faz-se o corta-mato da EPSTP.

A festa culmina na celebração do Dia de África, que é seguramente um dos momentos mais marcantes de todo o ano e motiva visitas internacionais para presenciar esse momento de pura partilha cultural, que a todos sem exceção enche de orgulho e alegria. Os alunos tiveram a oportunidade de participar de exposições, palestras, apresentações de teatro, dança e música, além de oficinas de atividades

artísticas, culinária tradicional e jogos de interior e exterior assim como atividades desportivas de diversas.

A semana cultural proporcionou experiências enriquecedoras e divertidas, incentivando a integração entre as disciplinas e estimulando a criatividade dos estudantes. Foi um evento marcante, que fortaleceu a identidade cultural dos alunos e contribuindo para sua formação integral, em sintonia com os princípios inscritos no Projeto Curricular de Escola, em associação com o PNA. A semana cultural celebrou a articulação curricular de uma forma integral e harmoniosa, envolvendo em simultâneo os nossos 650 alunos e 52 professores, que usufruíram de estações de acolhimento onde se desenvolveram as atividades, de forma rotativa, entre turmas. Desta forma, os alunos foram surpreendidos com sucessivas descobertas que visam abrir horizontes e despertar interesses e sensibilidades através de experiências que resultam do trabalho cooperativo e que terminou com as comemorações do dia 5 de maio, dia Mundial da Língua Portuguesa.

Atividades

Curtas animações; coreografia e dança exterior; maratona de leitura; “Entre mundos”; laboratório aberto; feira das TIC; jogo do stop; jogos matemáticos; “Da gamela à tela”; jogos tradicionais; karaoke, origami; construções de formas geométricas; “Desenhar a Alma”; “Sala Histórica”; “Desenhar com Luz”; “Educação financeira”, Hokey; Friesby; painéis humanos; “Torres de esparguete”; gincana; peddy paper e corta-mato.





Celebração do Dia de África

A celebração do Dia de África é um evento que na Escola Portuguesa de São Tomé e Príncipe - CELP, envolve toda a comunidade educativa e configura uma atividade que articula o empenho dos alunos, dos professores do pessoal não docente e, de uma forma muito destacada, os encarregados de educação, que assumem um papel de grande destaque neste evento.

Por ser celebrado a 25 de maio, o Dia de África é celebrado pela nossa escola no sábado seguinte e associamos esta data à festa de final de ano letivo. Neste evento cada ano de escolaridade organiza um *stand* dedicado a um país africano, onde se podem observar imagens e itens de cultura desse país e experimentar iguarias gastronómicas típicas. Cada *stand* é decorado e organizado pelos alunos, e pelos Diretores de Turma, em associação com os encarregados de educação. Durante a manhã a comunidade educativa é convidada a partilhar com os alunos da escola, momento diversos de cultura apresentados em vários espetáculos no palco da escola, até à hora de almoço. Durante todo o dia, a alegria, o convívio, a cor e o orgulho de fazer parte desta comunidade educativa, estão presentes nos rostos e nas imagens coloridas que se recolhem neste dia tão importante para África e para a nossa escola.

Pedro Lorena
Professor

Timor-Leste



A minha escola... valoriza o passado local

Escola Portuguesa de Díli-CELP

“Ao valorizar o passado, a nossa escola repensa valores de ética, solidariedade, igualdade, respeito e cidadania e permite que se reflita sobre o presente e se perspetive um melhor futuro para todos”.

A nossa escola, Escola Portuguesa de Díli – CELP – Ruy Cinatti, pauta as suas ações educativas, pelo princípio da participação ativa, inovação e qualidade, assim como o princípio basilar da cidadania esclarecida.

É uma preocupação do departamento do 1.º Ciclo do Ensino Básico, levar os alunos a “(...) valorizar a suas identidade e raízes (...) reconhecendo a diversidade como fonte de aprendizagem para todos, (...) a identificar acontecimentos relacionados com a história (...) local e nacional, localizando-os no espaço e no tempo (...) e a assumir atitudes e valores que promovam uma participação cívica de forma responsável, solidária e crítica. (...)” [in Aprendizagens Essenciais / Articulação com o Perfil dos Alunos, p. 2]

Neste sentido, e no que concerne a especificidade da localização da nossa escola, a par da operacionalização das aprendizagens de Estudo do Meio e Cidadania e Desenvolvimento, importa contextualizar, o mais possível, os temas a tratar, numa perspetiva

interdisciplinar entre as várias componentes do currículo.

O mês de novembro é profícuo em acontecimentos marcantes na vida e história de Timor-Leste e as oportunidades de aprofundamento dos conhecimentos emergem naturalmente, privilegiando a atividade prática e tornando os alunos agentes ativos no desenvolvimento das suas aprendizagens.

A título de exemplo, as turmas de 3.º ano, - pesquisaram, visitaram os vestígios históricos da sua cidade de Díli e fizeram o registo fotográfico com ajuda e orientação dos pais e familiares. Fizeram o seu enquadramento histórico através da recolha de relatos orais e, na escola, construíram um painel coletivo. Posteriormente, de forma imersiva, aprofundaram os conhecimentos numa visita ao Museu da Resistência.

A par do feriado nacional “Dia da Juventude”, que assinala o massacre de Santa Cruz ocorrido a 12 de novembro de 1991, as turmas de 4.º

ano visitaram as instalações do Centro Nacional “CHEGA!”. Com o objetivo de promover a consciencialização sobre os motivos que levaram os jovens a manifestarem-se no dia 12 de novembro de 1991, e algumas das consequências dessa manifestação, os nossos alunos foram recebidos e guiados pela exposição permanente. Esta, reúne informação sobre os prisioneiros políticos que ali estiveram, permite identificar alguns vestígios do que ainda permanece nas celas da prisão e dá uma perspetiva histórica, a partir das imagens e informação resumida nos frisos cronológicos que podem ser consultados.

Ao valorizar o passado, a nossa escola repensa valores de ética, solidariedade, igualdade, respeito e cidadania e permite que se reflita sobre o presente e se perspetive um melhor futuro para todos, desenhando caminhos de paz.

Ângela Sousa e Maria José Machado





Na minha escola
Fazemos magia
Tudo acontece
Em boa companhia.

Entro com um abraço
Saio com mil sorrisos,
Para todas as crianças
Cinco dias bem divertidos.

Grupo D
Educadora Diana Abrantes

A minha escola

A minha escola é um ninho
Cheio de encantos e amor
Os amigos recebem-me
Com o coração cheio de calor

Ao começar as aulas
Canto para alegrar o meu dia
Depois, na sala, com meus colegas aprendo
Pois aqui ninguém vadia

Hoje vou ter teste
Por isso, o poema não posso continuar
Digo um adeus, um até amanhã e bom fim de semana
E paro de falar, pois o dia vai acabar.

Reginaldo Fernandes
8.ºC



“Será que o nosso corpo tem música?”

O Grupo H, do Departamento de Educação Pré-escolar da EPD, desenvolveu, na nossa escola, o projeto “Será que o nosso corpo tem Música?”, no âmbito da comemoração do Dia Mundial da Música.

Durante a primeira semana de outubro foram realizadas diversas atividades no âmbito da sensibilização para a importância da música na nossa vida e saúde. Assim, foi solicitada a participação da enfermeira da EPD, que colaborou numa atividade desenvolvida com o grupo, em contexto de sala, onde todas as crianças tiveram a oportunidade de escutar o som do seu coração e o das outras crianças, através de instrumentos médicos tais como o estetoscópio e o aparelho de medir a tensão arterial, reproduzindo vocalmente os sons que ouviam. Foi também explicado ao grupo que o coração tem diferentes batimentos, ritmos, de acordo com as emoções e com o esforço que o nosso corpo desenvolve.

As crianças reproduziram o som do coração através de um tambor e na sala de música tiveram a oportunidade de explorar diferentes instrumentos de percussão, de forma a replicar sons e ritmos do coração. Simultaneamente foi elaborado pela educadora de infância do grupo, um vídeo com o registo dos momentos mais significativos, no decorrer do projeto “Será que o nosso corpo tem música?”.

Grupo H
Educadora Filomena Dias



A minha escola

A minha escola situa-se na cidade de Díli, em Timor-Leste. Tem o nome de “Escola Portuguesa Ruy Cinatti, em homenagem a este escritor português que viveu em Timor, onde estabeleceu laços fortes com a população local, tendo defendido a preservação do ecossistema do país e a sua cultura.

A minha escola não é grande, mas proporciona aos seus alunos tudo o que é preciso: cantina; ginásio; biblioteca; sala de informática; campos de futebol e basquetebol. Tem muitas atividades: visitas de estudo; torneios; caminhadas; concertos; concursos, entre outros, que contribuem para o desenvolvimento integral dos alunos.

A EPRC-CELP tem um ambiente multicultural, onde alunos de diversas nacionalidades convivem e se enriquecem, tendo um papel fundamental na difusão e promoção da língua portuguesa.

7.º C

A minha escola

A minha escola é o lugar onde o meu jardim de saber floresce. Tem muitas salas e professores simpáticos. Na sala de aula, partilhamos risos e os professores ensinam-nos coisas incríveis. Aprendemos coisas novas todos os dias, desde matemática até histórias divertidas. O recreio é o tempo da escola que gostei mais. Muitas brincadeiras com amigos, algumas vezes partilhamos a comida que trazemos da casa, feita pelas nossas queridas mães.

A biblioteca é como um tesouro cheio de livros e através destes descobrimos mundos novos. Há um lugar cheio de cheiros deliciosos que nos abre o apetite com as comidas que são preparadas pelas cozinheiras da escola. Este lugar é a cantina da escola.

O nosso diretor é uma pessoa bem-disposta e amigável, uma pessoa que está sempre a sorrir e a falar connosco como amigos. Em dias especiais, fazemos festas na escola, com muita música e alegria.

A minha escola é o lugar onde cresço, aprendo e me divirto todos os dias.

Honagia Sousa Almeida
9.ºA

As crianças do grupo J, da Educação Pré-Escolar da EPD, aceitaram o desafio e sob a temática “A minha escola” deram asas à imaginação e construíram uma escola, utilizando material reciclado.

Grupo J
Educadora Patrícia Mata

A minha escola... valoriza o passado local

A nossa turma gosta muito de fazer visitas de estudo porque é divertido, interessante e mais motivante, por sairmos da escola e fazer coisas diferentes. Nas nossas visitas, aproveitamos para estudar mais sobre a história do passado de Timor-Leste e valorizar mais o que outras pessoas fizeram por nós.

Quando visitámos o Centro Nacional “Chega”, ficámos impressionados por causa do sofrimento das pessoas e ficámos a pensar em como é que elas conseguiram aguentar. Ficámos espantados com essa forma de luta dessas pessoas, pela sua sobrevivência e pelo nosso país. Apesar de tudo, visitar

este local e ver as celas da prisão foi muito interessante e importante para uma melhor compreensão. Assim, damos mais valor ao passado e, sabemos contar aos outros muitas coisas da história de Timor-Leste.

Texto Coletivo – 4.º C

Desde o Pré-escolar que frequento a Escola Portuguesa de Díli,

Nesta escola foi onde fiz grandes amizades com pessoas fantásticas. É o lugar onde aprendi a ler e a escrever. Nesta escola aprendi muito, não só ao nível académico, mas também como ser uma pessoa melhor, ser independente, responsável e como ter uma boa perspetiva de vida.

Sinto-me privilegiada por andar nesta escola, pois as instalações escolares oferecem condições que outras escolas não têm. É um privilégio estudar nesta escola, porque sei que me vai ajudar no futuro.

Clotilde Araújo
10.º A



Centros de Aprendizagem e Formação Escolar



Desbravando horizontes: uma Odisseia Educativa em Timor-Leste

PCAFE-Aileu



Com a chama ardente da mudança e o desejo intrépido por desafios renovados, entreguei-me de coração ao Projeto Centros de Aprendizagem e Formação Escolar (Projeto CAFE) em Timor-Leste, no ano de 2018. Este projeto, enraizado no tecido do sistema de ensino público timorense, visa promover a língua portuguesa para impulsionar o desenvolvimento de Timor-Leste. Embarquei numa experiência verdadeiramente enriquecedora, distante da minha realidade enquanto professora em Portugal. Neste contexto, deparei-me com um país jovem, em pleno processo de construção, marcado pelas profundas marcas da luta pela sua independência.

A minha chegada a Timor-Leste não foi apenas uma mudança geográfica; foi uma peregrinação temporal, um regresso à infância dos meus pais, a uma era que não vivi, mas que conheci através das narrativas vívidas das suas histórias e aventuras. Fui enfeitada pelas tradições, costumes e cores vibrantes desta cultura. Os sorrisos contagiantes, olhares profundos e cintilantes das crianças que acenam alegremente “malae, malae...” encantam-me, transformando-se numa sinfonia visual constante. O festim, com as meninas e moças pomposamente trajadas, pés descalços e sapatos nas mãos, torna-se uma peça essencial no cenário dominical. No meu primeiro dia, fui envolta por uma calorosa recepção, com alunos, professores e funcionários da escola alinhados harmoniosamente ao som da música tradicional e ao compasso da dança cultural. Foi um momento de arrebatamento, onde as lágrimas, teimosas, buscavam a superfície, tornando-se um marco inextinguível na minha memória. Todas as incertezas que pudessem pairar sobre esta aventura foram dissipadas neste ponto fulcral.

Apesar de o português ser língua oficial, deparei-me com uma comunidade com pouca proficiência linguística, mas ávida por aprendizagem. Sob o lema “Fala mal, fala bem, mas fala português”, estabeleci laços com alunos, professores e funcionários, ministrei aulas e formações, promovendo não só conhecimentos, mas também a língua portuguesa. Esta vivência conferiu uma ressignificação ao papel de professora, quando me deparei com o desafio de transmitir conhecimentos científicos em português a

indivíduos com marcadas barreiras linguísticas e de lecionar disciplinas científicas de outras áreas. Este processo exigiu não apenas adaptabilidade e trabalho árduo, mas também uma abordagem criativa e inclusiva para superar as barreiras linguísticas e proporcionar uma experiência de aprendizagem enriquecedora.

A escola, mesmo com recursos escassos, revelou-se um laboratório de resiliência, onde aprendi a extrair o máximo dessas limitações materiais e humanas, testemunhando a notável força deste povo. Ao longo dos anos, o Projeto CAFE persiste, enfrentando adversidades, mas o esmero e o labor de cada professor emergiram como fontes inesgotáveis de inspiração. O compromisso em ultrapassar obstáculos e atingir metas com meios limitados tornou-se a insígnia do nosso esforço coletivo.

Ao longo desta viagem, tenho extraído ensinamentos que me transcendem. A simplicidade revelou-se como uma virtude poderosa, e a dedicação como o elemento que ultrapassa barreiras. Agora, almejo que os meus alunos absorvam não apenas conhecimentos teóricos, mas também um compromisso profundo em fazer a diferença. Em Timor-Leste, descobri uma nova dimensão na educação, indo para além da transmissão de informações; é o ato de moldar mentes e corações, esculpindo um futuro que seja tanto sustentável quanto inclusivo. Esta experiência representa não apenas um capítulo na minha vida, mas uma oportunidade de alargar horizontes ao mergulhar nas riquezas da cultura timorense. Um dia, ao regressar a Portugal, levarei comigo não apenas memórias, mas uma experiência humana singular. Neste cruzamento de culturas e ensinamentos, deparei-me não apenas com desafios, mas também com a oportunidade de um crescimento pessoal profundo e de contribuir de forma significativa para a formação das gerações futuras. Volvidos 6 anos e apesar de almejar alguma mudança, ainda me revejo profundamente conectada a este projeto e continuo a sentir aquela vontade de trabalhar na terra do sol nascente.

Andrea Pereira, professora do CAFE de Aileu

Finalistas do CAFE de Aileu em viagem ao CAFE de Manatuto

No dia 1 de dezembro partimos de Aileu até Manatuto para uma viagem de convívio e amizade com colegas e professores que caminharam juntos connosco no nosso percurso educativo, neste ano escolar de 2023. A viagem tinha também outro grande objetivo: um encontro de amizade e união com os nossos irmãos finalistas do CAFE de Manatuto.

Partimos cheios de alegria e parámos na praia do Cristo Rei para almoçar e conviver. Já no caminho para Manatuto, parámos na famosa praia do Dólar. Tivemos direito a umas horas de praia, com um banho no mar. A experiência ficou mais divertida e inesquecível pela oportunidade de ver baleias e golfinhos ali tão perto! Um momento feliz e emocionante para todos. Ao fim da tarde, chegámos à escola CAFE de Manatuto. E fomos tão bem recebidos por todos! Com direito a danças tradicionais e salendas, como é tradição de bem receber em Timor-Leste. Foram três dias fantásticos, muito bonitos e de grandes amizades. Conhecemos algumas coisas de Manatuto: o mercado, a praia branca e subimos ao alto de Santo António, onde a vista é lindíssima!

Até pudemos ver os famosos crocodilos de Manatuto, que nos apareceram mesmo em frente à escola! Jogámos, dançámos, convivemos e partilhámos experiências. Celebrámos em conjunto a união de ser alunos finalistas no Projeto CAFE de Timor-Leste, que é uma coisa especial e

que nos identifica. No domingo, regressámos a Aileu, cheios de alegria e felicidade pelas novas amizades para a vida.

Ainda passámos pelo Mercado de Natal, da Fundação Oriente, para representarmos o Auto de Natal que tínhamos preparado e que o nosso Coordenador, o professor Mário Meireles, tinha desafiado para fazermos, ajudou a ensaiar e, assim, deixámos mais uma marca positiva da nossa vivência no CAFE de Aileu. A dramatização foi um sucesso, reconhecido pelo público presente, com muitos aplausos.

A assim, mais felizes e realizados, já de noite, chegámos a Aileu a cantar de alegria por três dias muito felizes e dez anos de conquistas na escola CAFE de Aileu. Obrigado aos professores que nos acompanharam nesta viagem a Manatuto e a todos os que nos acompanharam na viagem maior da nossa vida até aqui no CAFE de Aileu.

Muito obrigado ao CAFE de Manatuto pela amizade e carinho que recebemos.

E agora, vamos todos juntos continuar a construir o nosso futuro.

Orlanda Mendonça e Anatórcia Borges



Testemunhos



A minha segunda casa durante 10 anos

Eu sou Orlanda Mendonça, tenho 18 anos e sou aluna finalista da escola CAFE de Aileu, desde 2013, naquele tempo ainda conhecida como Escola de Referência.

Quando entrei na escola tinha 8 anos e entrei para o 2.º ano. Os primeiros dias foram muito difíceis porque tinha medo dos professores portugueses, não sabia falar e entender a sua língua. Com o passar do tempo, comecei a perceber que a escola que frequentava era muito diferente das outras escolas. Com atividades dinâmicas e interessantes, os professores ensinavam com calma e com muita preocupação para todos aprendermos. Todos tinham preocupação e carinho por nós...

Por isso aprendi tantas coisas de saber e tantas coisas para a vida, que me formaram como a pessoa que sou hoje. Tantas coisas boas aprendi e desenvolvi, agradeço aos meus professores, timorenses e portugueses, que ensinaram nestes 10 anos na escola CAFE de Aileu, e nos prepararam para o nosso futuro.

Ao nosso coordenador de Aileu, professor Mário Meireles, à minha escola, quero agradecer porque ajudou a desenvolver outras competências, como a de ser cantora, e com a sua ajuda e incentivo, me tornou já conhecida não só na minha escola, em Aileu ou em Timor-Leste e até em Portugal. A escola CAFE também tem um papel muito importante em desenvolver outras habilidades.

Por último, queria agradecer a Deus porque me deu um lugar inesquecível, com pessoas e professores formidáveis para viver e aprender durante estes 10 anos.

Professores e pessoas que sempre estiveram ao serviço da educação das crianças e jovens de Aileu.

Orlanda Mendonça

Os meus 10 anos de CAFE de Aileu

Sou Anatórcia Borges, tenho 18 anos e sou uma das finalistas do CAFE de Aileu. Com os meus colegas completei 10 anos na escola CAFE. Estou nesta escola desde 2013, entrei para o 2.º ano.

Quando entrei nesta escola, foi muito difícil, tinha medo dos professores portugueses, pois não sabia falar a língua portuguesa. Cada vez que não sabia falar ou entender o que diziam, eu ficava nervosa, chorava e naqueles momentos, nem sabia chamar a professora, só saía «Malae, malae.» Mas com o tempo fui aprendendo a língua, aprendi rápido e cada dia aprendia muitíssimas coisas, seja de ciência, de matemática, de línguas e da vida também.

É um grande orgulho fazer parte desta família do Projeto CAFE, os professores são dedicados, empenhados e todos os dias têm grande preocupação connosco para nos ajudarem em construir o nosso futuro. Foi neste lugar maravilhoso que cresci e me preparei para ser uma mulher timorense com futuro. Agora, com a ajuda da Escola CAFE, estou mais preparada para ajudar a desenvolver o meu país. E vou continuar a lutar por mim e por Timor-Leste, como fizeram os resistentes. Agora, não com armas de guerra, mas com as armas que me deram: a caneta e o livro.

Anatórcia 12.º B Escola CAFE de Aileu

Chamo-me Gabriel Bere de Jesus, sou timorense e vivo no município de Aileu. Eu frequentei a escola CAFE de Aileu desde o terceiro ano da escolaridade, no ano de 2013 e terminei o meu secundário no ano passado de 2022.

Ser um aluno do CAFE é uma experiência muito rica e muito desafiadora. Rica porque temos a oportunidade de aprender muito, especialmente a língua portuguesa que é muito importante no meu país. Em Timor temos duas línguas oficiais Português e Tétum, porém a maioria da população timorense só fala Tétum, apenas poucas pessoas falam português, no entanto ser um aluno de CAFE em Timor significa estar em um dos melhores ou se não, o lugar certo para aprender Português, ou posso dizer ser um estudante na escola CAFE significa estar num lugar muito honrado e privilegiado que representa os poucos que falam Português, além dos mais velhos timorenses que falam português ainda, porque viviam na época da colônia Portuguesa.

Para além disso, temos professores portugueses e timorenses juntos a nos ensinar com carinho, persistência e sobretudo com amor. Eles trabalham duro todos os dias para ensinar na escola, encorajar-nos para que possamos esforçar mais, estudar muito. E o melhor de tudo, cumprir a função muito importante dos professores que é despertar o conhecimento na mente dos seus alunos. Eles nos ensinaram uma lição muito importante que nunca irei esquecer, normalmente nas aulas eles dizem: "coloquem o conhecimento em primeiro lugar " e para mim nada é mais valioso do que isto.

Temos também um ambiente escolar calmo, limpo e acolhedor que facilita muito a nossa aprendizagem, graças à cooperação entre Ministério da Educação timorense e o governo de Portugal. Desafiadora porque é um processo longo que exige muita paciência, esforço e muita responsabilidade no estudo nesta escola, pois o nosso país é jovem, foi colonizado pelos portugueses durante 500 anos, declaramos a nossa independência em 1975, foi invadido pelos indonésios durante 24 anos e, por fim, restauramos nossa independência em 2002. Tivemos várias crises até mesmo guerra cívil em 2006. Por causa de tudo isso a maioria dos nossos pais são analfabetos e para eles nós somos a esperança deles.

Carregando esta responsabilidade de garantir o sucesso para os nossos pais e a nossa pátria também não é fácil. Um dia a minha mãe me disse "lembre se sempre, filho, antes os teus/nossos avós, pais, heróis morreram, derramaram sangue e lutaram para conquistar o nosso país, a nossa liberdade e a independência, cabe a ti, agora continuar a lutar porém não com a arma e a violência, mas continuar a lutar com caderno lápis e caneta." É uma ideia tão encorajadora quanto desafiadora, que levo sempre comigo na minha cabeça quando estudo e é verdade eu devo continuar a lutar com caderno, lápis e caneta, ou seja, devo lutar sempre com conhecimento.

Vejo a escola CAFE como minha segunda casa, dentro dela existe uma família grande, eu sou parte desta família e CAFE que estará sempre no meu coração.

E por último um abraço caloroso de Crocodilo para todos os amigos e irmãos ao redor do mundo.

Gabriel Bere
Aluno finalista de 2022



Uma jornada educativa além-fronteiras: reflexões de uma professora em Timor-Leste

Com a chama ardente da mudança e o desejo intrépido por desafios renovados, entreguei-me de coração ao Projeto Centros de Aprendizagem e Formação Escolar (Projeto CAFE) em Timor-Leste, no ano de 2018. Este projeto, enraizado no tecido do sistema de ensino público timorense, visa promover a língua portuguesa para impulsionar o desenvolvimento de Timor-Leste. Embarquei numa experiência verdadeiramente enriquecedora, distante da minha realidade enquanto professora em Portugal. Neste contexto, deparei-me com um país jovem, em pleno processo de construção, marcado pelas profundas marcas da luta pela sua independência.

A minha chegada a Timor-Leste não foi apenas uma mudança geográfica; foi uma peregrinação temporal, um regresso à infância dos meus pais, a uma era que não vivi, mas que conheci através das narrativas vívidas das suas histórias e aventuras. Fui enfeitiçada pelas tradições, costumes e cores vibrantes desta cultura. Os sorrisos contagiantes, olhares profundos e cintilantes das crianças que acenam alegremente “malae, malae...” encantam-me, transformando-se numa sinfonia visual constante. O festim, com as meninas e moças pomposamente trajadas, pés descalços e sapatos nas mãos, torna-se uma peça essencial no cenário dominical.

No meu primeiro dia, fui envolta por uma calorosa recepção, com alunos, professores e funcionários da escola alinhados harmoniosamente ao som da música tradicional e ao compasso da dança cultural. Foi um momento de arrebatamento, onde as lágrimas, teimosas, buscavam a superfície, tornando-se um marco inextinguível na minha memória. Todas as incertezas que pudessem pairar sobre esta aventura foram dissipadas neste ponto fulcral.

Apesar de o Português ser língua oficial, deparei-me com uma comunidade com pouca proficiência linguística, mas ávida por aprendizagem. Sob o lema “Fala mal, fala bem, mas fala português”, estabeleci laços com alunos, professores e funcionários, ministrei aulas e formações, promovendo não só conhecimentos, mas também a língua portuguesa. Esta vivência

conferiu uma resignificação ao papel de professora, quando me deparei com o desafio de transmitir conhecimentos científicos em português a indivíduos com marcadas barreiras linguísticas e de lecionar disciplinas científicas de outras áreas. Este processo exigiu não apenas adaptabilidade e trabalho árduo, mas também uma abordagem criativa e inclusiva para superar as barreiras linguísticas e proporcionar uma experiência de aprendizagem enriquecedora.

A escola, mesmo com recursos escassos, revelou-se um laboratório de resiliência, onde aprendi a extrair o máximo dessas limitações materiais e humanas, testemunhando a notável força deste povo. Ao longo dos anos, o Projeto CAFE persiste, enfrentando adversidades, mas o esmero e o labor de cada professor emergiram como fontes inesgotáveis de inspiração. O compromisso em ultrapassar obstáculos e atingir metas com meios limitados tornou-se a insígnia do nosso esforço coletivo.

Ao longo desta viagem, extrai lições que me transcenderam. A simplicidade revelou-se como uma virtude poderosa, e a dedicação como o elemento que ultrapassa

barreiras. Agora, almejo que os meus alunos absorvam não apenas conhecimentos teóricos, mas também um compromisso profundo em fazer a diferença. Em Timor-Leste, descobri uma nova dimensão na Educação, indo para além da transmissão de informações; é o ato de moldar mentes e corações, esculpindo um futuro que seja tanto sustentável quanto inclusivo.

Esta experiência representa não apenas um capítulo na minha vida, mas uma oportunidade de alargar horizontes ao mergulhar nas riquezas da cultura timorense. Um dia, ao regressar a Portugal, levarei comigo não apenas memórias, mas uma experiência humana singular. Neste cruzamento de culturas e ensinamentos, deparei-me não apenas com desafios, mas também com a oportunidade de um crescimento pessoal profundo e de contribuir de forma significativa para a formação das gerações futuras. Volvidos 6 anos e apesar de almejar alguma mudança, ainda me revejo profundamente conectada a este projeto e continuo a sentir aquela vontade de trabalhar na terra do sol nascente.

Andrea Pereira, professora do CAFE de Aileu



Da Terra Baucau Agroecological Farm

PCAFE-Baucau

“O Fernando Madeira, fundador da quinta, organizou uma sessão de formação sobre sustentabilidade e todos puderam saborear, com grande entusiasmo, esse maravilhoso tempo”.

Conforme proposto no Plano Anual de Atividades de 2023 do CAFE de Baucau, realizou-se nos dias 17 e 18 de novembro uma atividade de sustentabilidade na “Da Terra Baucau Agroecological Farm”, tendo participado as duas turmas de 11.º ano do CAFE de Baucau, acompanhadas de sete professores e de um professor convidado – Mário Louro (CAFE de Ermera), diretor de uma das turmas no ano transato.

Os alunos levaram o que era necessário e, felizes, chegaram à quinta! Ali, desfrutaram de um tempo de aprendizagem, conhecimento e algum lazer, mas também de um estreitamento de relacionamentos entre alunos e alunos-professores, num habitat de frescura, ar puro e muita alegria. No final, cada um plantou uma árvore ou uma semente e recebeu uma plantinha para cuidar e tratar na respetiva casa.

Por último quero dizer: não se esqueçam de tentar o que vocês realmente desejam; o esforço é o caminho para a vitória, tentar e continuar tentando porque um sonho é um desafio.

É preciso lembrar que em Timor-Leste existem muitas riquezas e somos responsáveis por todas elas. Se continuarmos deixando as coisas passarem, quanto tempo isto vai durar?!

Então levemos a sério, lembremo-nos que somos os donos, então somos responsáveis por tudo.”

Nénia Milénia Silva, 11.º A

Testemunhos dos alunos:

“No dia 17 de novembro a nossa turma, 11.º A/B do CAFE de Baucau, foi acampar no “Da Terra” Baucau Dewake. Chegámos lá quase às 18 horas. Quando lá chegámos arrumámos imediatamente as malas, montámos as tendas de campismo e até terminarmos descansámos, conversámos, contámos histórias, cantando juntos.

Às 20h fomos chamados para jantar e depois de terminado o jantar sentámo-nos num círculo para acender uma fogueira, tendo antes pedido ao sr. Fernando para conversar um pouco para que pudéssemos iniciar a nossa atividade. Depois disso iniciámos as nossas atividades, cantámos e acendemos uma fogueira e à meia-noite fomos descansar.

De manhã cedo levantámo-nos e tratámos da nossa higiene, depois tomámos o pequeno almoço juntos. Em seguida, começámos a fazer as atividades como explorar o “Da Terra” com o sr. Fernando e ele explicou e contou histórias sobre como o “Da Terra” começou. Ele também compartilhou muitas das suas experiências, aprendemos muito sobre a sua história. Antes de continuarmos esta atividade fomos todos aprender como é a melhor maneira para plantar uma semente e um caule, praticámos todos juntos com o sr. Fernando e por fim foi-nos oferecida uma planta para cuidar e preservar em casa e para sermos os continuadores. Depois voltámos para descansar e nos divertirmos.

Dos dias que passámos juntos aprendemos muitas coisas: Timor-Leste tem muitas plantas muito úteis que devemos proteger, porque há muitos segredos nessas plantas, da maioria das plantas que devem ser preservadas nas nossas tradições. Toda a comida que recebemos naquele dia veio daquele lugar, de plantas que foram cuidadas.





“No dia 17 de novembro a Quinta do sr. Fernando abriu as suas portas para receber os visitantes da Escola CAFE de Baucau. A quinta, localizada na Dewake, ofereceu a oportunidade de nos conectarmos com a natureza, aprender sobre agricultura sustentável e desfrutar de atividades divertidas ao ar livre. À noite jantámos juntos com os professores. O jantar foi feito por duas senhoras e pela mana Eta, uma refeição compartilhada na mesa, arroz com moringa, carne assada e legumes diversos. Depois sentámo-nos num círculo à volta do fogo que os alunos fizeram com a ajuda do professor Mário Louro. Cantámos juntos acompanhados com a guitarra do menino Ferdinando. Foi uma maravilhosa noite.

No dia seguinte, explorámos os vários cultivos orgânicos e aprendemos sobre os métodos utilizados para preservar o solo e garantir alimentos saudáveis. O guia e fundador da quinta, pessoa experiente, ensinou e compartilhou conhecimento sobre a importância da agricultura sustentável e dos diversos tipos de sustentabilidade, respondeu às questões dos alunos curiosos. Houve também a oportunidade de plantar e de levar para casa uma planta. Eu e a turma tivemos um dia maravilhoso explorando a quinta e aprendendo sobre as práticas agrícolas. Nunca nos divertimos tanto num ambiente rural!! Foi proporcionado aos alunos a oportunidade de aprenderem, de forma interativa, sobre a importância da agricultura e do meio ambiente.

Se está procurando uma pausa revigorante da agitação da cidade, a Quinta da Terra é o lugar preferido para se reconectar com a natureza, aprender e criar memórias duradouras. Não perca a chance de vivenciar essa experiência rural inesquecível!”

Nácia Alice Gomes Pinto n.º 21 – 11.º B

Os Roteiros Geoculturais como estratégia educacional e de valorização territorial do município de Baucau Timor-Leste

O território timorense apresenta grandes potencialidades a nível do seu património geológico. Para além do petróleo, das rochas e dos minerais conhecidos e explorados, existem outros recursos naturais, os geoculturais que assumem uma importância cada vez maior, nos nossos dias, por estarem associados ao ecoturismo.

O geoturismo é considerado um segmento do ecoturismo em que o principal objetivo de quem o pratica é o interesse pelas paisagens geológicas com valor científico e didático e pelos afloramentos rochosos, minerais e fósseis existentes em determinados locais. Timor-Leste é um país de geologia muito complexa e com grande diversidade de paisagens tendo por isso um rico património geocultural. É um país muito jovem onde a Natureza ainda se encontra em situação de extrema pureza levando a acreditar que o geoturismo poderá vir a ter um importante papel no desenvolvimento económico, social e cultural do país. Partindo do princípio que os alunos de hoje serão os futuros responsáveis pelo desenvolvimento do país é de crucial importância alertá-los para a valorização da riqueza do seu património geológico.

No CAFE de Baucau, nas aulas de Geologia, privilegiam-se as saídas de campo como estratégia didática facilitadora do processo ensino aprendizagem. Ao longo do ano letivo

é habitual a planificação e a implementação de saídas de campo com o objetivo de desenvolver aprendizagens verdadeiramente significativas e duradouras.

A abordagem da Geologia numa saída de campo apresenta-se com uma perspetiva completamente diferente e complementar do trabalho na sala de aula. As saídas de campo, permitem uma observação direta em ambiente natural de materiais e/ou processos geológicos, motivam os alunos, despertam o seu interesse e conduzem a uma participação mais ativa. Foi numa dessas saídas de campo subordinada ao tema “Geologia urbana da cidade de Baucau” que foi proposto aos alunos do 12.º Ano CT a construção de roteiros geoculturais e turísticos do município de Baucau, referenciando todos os geossítios que fossem do seu conhecimento.

Para concretizar este trabalho recorreu-se ao uso de smartphones. Em Timor-Leste, em escolas públicas como é o caso do CAFE de Baucau, são poucos os alunos que possuem computadores portáteis ou tablets, mas tal como no resto do mundo os smartphones conquistaram o seu espaço, e são poucos os alunos, do ensino secundário, que não possuem um smartphone. Neste cenário é importante promover o seu uso como um instrumento auxiliador do processo ensino





aprendizagem e foi nesse sentido que se orientaram os alunos para uma utilização adequada dos smartphones, tendo sido sugeridas ferramentas digitais que contribuíssem para a uma eficaz concretização dos objetivos propostos.

A montanha Matebian localizada em Quelicai, a Ponte Natureza localizada em Venilale, a Pedra Anel localizada em Watabo'ó, as grutas de Triloka localizadas em Vemasse e as salinas de Laga foram alguns dos locais de interesse geológico que mereceram destaque nos roteiros geoturísticos elaborados pelos alunos da turma 12.º Ano CT.

Os roteiros geoturísticos foram divulgados à comunidade escolar no Dia Internacional da Geodiversidade, instituído em 2021 pela UNESCO, e que se comemorou em outubro de 2023 pela segunda vez.

No próximo ano letivo pretende-se alargar esta atividade a todos os CAFE dos treze municípios de Timor-Leste. A referenciação dos geossítios e a sua divulgação à comunidade possibilita a aquisição de conhecimentos que conduzem à compreensão da singularidade geológica de uma região ou de um país e contribuem para a valorização do património natural na perspetiva da sua conservação podendo ajudar, no futuro, ao desenvolvimento económico, social e local das comunidades.

Hélia Gomes
Professora de Geologia do PCAFE



Palavras do mundo, um mundo de palavras!

PCAFE-Díli

A ponte intercultural é, inevitavelmente, construída com palavras. Nunca estamos longe das palavras. Com a família, com os amigos, nas escolas, no trabalho... constantemente as palavras. No entanto, há sempre novas formas de construir pontes, novas ideias para apreciar o poder das palavras e novos projetos para tentarmos entender, um pouco melhor, a importância das palavras nas nossas vidas.

A Escola CAFE de Díli, mergulhada no espírito acima apresentado, enquanto espaço de aprendizagem, de cooperação, de oportunidades e de esperança, desenvolveu, ao longo deste ano letivo (2023) projetos alicerçados em palavras, textos, livros, ações e partilhas. Assim sendo, elencamos, neste artigo, três desses projetos; dois dos quais viram as suas candidaturas selecionadas para serem apresentados em comunicações no âmbito das VIII Jornadas Pedagógicas, promovidas pelo projeto FOCO.UNTL: “Uma viagem intercontinental pelos países da CPLP” e “A história infantil como ferramenta de trabalho pedagógico em contexto de Timor-Leste (hakerek história infantil)”; o outro projeto intitula-se “Asas para ser”, um voo da Educação Pré-escolar para o mundo. É precisamente com este voo que iniciamos a viagem pelos projetos supracitados.

Tal como os pássaros recém-nascidos abandonam progressivamente a segurança do seu ninho, também as crianças ensaiam os primeiros voos fora do ambiente materno com o início da Educação Pré-escolar. O processo de

desenvolvimento integral das crianças, representado metaforicamente pelos pássaros pela faculdade de voar, simboliza a conquista associada à autonomia que vão desenvolvendo em todas as dimensões, de que se destaca a capacidade de se expressarem e de interagirem e compreenderem o mundo através da palavra. O pássaro que desenhámos, construámos e montámos na porta da Sala 10, no CAFE de Díli, inspira-nos a cada dia tentar um novo voo, a arriscar todos os dias um pouco mais, a ensaiar novos voos que nos transportem um pouco mais longe, um pouco mais alto para ver que na diferença de perspetiva só pode haver beleza. E que é através da descoberta da palavra que abraçamos o mundo.

Aproveitamos este espaço para partilhar um projeto desenhado no início do ano letivo anterior que se prolongou no tempo – do jardim de infância para a família, com asas para o mundo. O projeto pedagógico “Asas para ser” poderá ser entendido como um exemplo de como a primeira infância pode ser projetada num espaço de liberdade e enriquecedor para as crianças de Díli. Recupera-se a metáfora das asas e do voo para nos inspirar numa busca incessante para dar sentido às aprendizagens da escola para o mundo. Projetamos no dia a dia uma escola que não se limita a um espaço ou tempo definidos, mas que procura criar oportunidades para ser, para aprender a ser. Mas como se faz tudo isso? Apesar de não ser possível descrever com o detalhe necessário, este projeto parte do princípio de que as crianças são autoras no processo de criação de narrativas a

que se associam atividades diversas, de natureza artística, que procuram fomentar a socialização, a criatividade ao mesmo tempo que são momentos importantes para a formação da sua identidade.

Todo o processo tem subjacente o desenvolvimento da expressão pelo domínio cada vez mais apurado de comunicarem através da construção e da reconstrução de narrativas de formas diversas. São bons exemplos a produção que fizemos dos livros harmónio, livros móveis, livros pop-up e livros digitais. Produzimos, contamos, recontamos, interpretamos, declamamos, cantamos... porque o domínio da língua é uma componente fundamental, não só para a aquisição de competências cognitivas, mas também para o desenvolvimento sócio afetivo e de afirmação cívica.

Porque quanto mais aprofundadas forem as interações mediadas pela linguagem, maior será o desenvolvimento integral da criança. Gostaríamos de assegurar que com este projeto procuramos dar voz individual e coletiva para que cada criança expresse na primeira pessoa emoções, sentimentos e pensamentos. Procuramos a oportunidade para que cada criança encontre o seu espaço para tomar decisões, fazer escolhas, assumir responsabilidades. Deste voo, virão outros – individuais e em grupo – procurando “asas para ser”, na liberdade de aprender a viver com os outros.

O projeto “História infantil como ferramenta de trabalho pedagógico em contexto de Timor-Leste (hakerek história





infantil) nasceu de uma sequência de ações que concorreram para o mesmo: formação, trabalho em fórum de sala de aula, trabalho em fórum de orientação de estágio, articulação colaborativa em diferentes níveis de ensino, envolvimento da biblioteca escolar, itinerância dos autores e criação de materiais a partir da história existente (físicos e digitais). Sabendo-se que as histórias narradas trazem conhecimentos que auxiliam a efetuar análises e a desenvolver uma mente mais preparada a formar novas respostas para os desafios da aprendizagem e da vida, em sede de

reunião de professores de língua portuguesa da Escola CAFE de Díli, ficou decidido que dois professores e dois formandos do departamento iriam participar na formação de escrita criativa “Hakerek história infantil/Escrever uma história infantil”, promovida pelo Ministério da Educação de Timor-Leste, com um consequente concurso literário (o qual iria premiar dez histórias vencedoras em língua portuguesa e dez histórias vencedoras em língua tétum). Das várias dezenas de professores timorenses concorrentes, os quatro participantes da nossa escola

foram premiados dentro do grupo de histórias vencedoras em língua portuguesa).

As histórias vencedoras foram: “A Teka Teté”, escrita pela formanda Anatercia Santos, com abordagem às temáticas do Ambiente e dos meios de transporte; “João e o Cão ão-ã”, do formando Marcos Soares, com abordagem ao Ambiente e à geografia local; “Mia, Mio e Roro”, da professora Crismancia Sereno, sobre a amizade e a economia doméstica; e “Um menino bem-sucedido”, do professor Isidoro

Amaral, sobre a família e a tradição timorense. Estas histórias, originais e correlacionadas com as vivências dos próprios alunos, foram trabalhadas em contexto de sala de aula, com excelentes diálogos entre os professores/escritores e as turmas participantes e diversas tarefas desenvolvidas: dramatizações a partir da história e situações comunicativas reais baseadas nos temas em estudo; teatro; ilustrações; recontos; resumos; continuação da história e elaboração de poemas. Por outro lado, foi possível constatar que estas atividades contribuíram para melhorar a qualidade do sistema de ensino e aprendizagem; diversificar práticas pedagógicas; envolver pais e encarregados de educação na vida escolar dos alunos e criar laços entre a escola e a comunidade circundante. Estas histórias também foram apresentadas nas VIII Jornadas Pedagógicas e na comemoração do Mês Internacional da Biblioteca Escolar.

“Uma viagem intercontinental pelos países da CPLP” é um projeto que teve a sua origem aquando da preparação para a celebração do Dia Mundial da Língua Portuguesa. Esse foi o momento em que professores e alunos do ensino secundário decidiram criar um grupo que promovesse e divulgasse palavras escritas por autores de países da CPLP,

através de leituras (encenadas) de poemas e textos narrativos, leituras, essas, acompanhadas por canções vindas desses mesmos países. O projeto cresceu e, para além de língua portuguesa e temas de Literatura e Cultura, foi trabalhado nas disciplinas de História, Geografia e Geologia, com importantes ações de geolocalização através do *Google Earth Web*. No que diz respeito às palavras, destacamos a celebração do Dia Mundial da Língua Portuguesa, nos dias cinco e seis de maio de 2023, não só em todos os espaços escolares (do Pré-escolar ao ensino secundário), mas também no salão nobre do Instituto Nacional de Formação de Docentes e Profissionais da Educação de Timor-Leste (INFORDEPE), em espaços comerciais e em espaços de leitura; a participação na festa do dia 13 de maio, dia da celebração da padroeira da escola (Nossa Senhora do Rosário de Fátima); a participação na comemoração do dia 10 de junho, em Baucau; o desenvolvimento de um trabalho realizado em parceria com a Escola 4 de Setembro, UNAMET, Balide (para a comemoração do dia da constituição da CPLP, 17 de julho); a participação ativa aquando da presença do escritor Luís Cardoso na nossa escola, 22 de agosto de 2023, com leituras de passagens da obra deste escritor e dedicadas ao mesmo; e, ainda, o trabalho de cooperação

com a nossa biblioteca escolar (como centro aglutinador) no II Concurso de Leitura, em parceria com as escolas 4 de Setembro, UNAMET, Balide, e EBF Aituri-Laran, e na celebração do Mês Internacional da Biblioteca Escolar.

Com estas ações foi possível fazer leitura encenada de autores importantes da CPLP, como, por exemplo, Cecília Meireles, Mia Couto, Fernando Pessoa, Vera Duarte, Eliseu Ié, Juan Balboa, Alice Neto de Sousa, Crisódio T. de Araújo, Luís Cardoso, Fernando Sylvan, Paulina Chiziane, José E. Agualusa, Sophia de Mello Breyner, e reinterpretar canções de Cesária Évora, Paula Fernandes, Matias Damásio, Xutos e Pontapés, Calema, Alcatraz, ... as quais enriqueceram, sobremaneira, as leituras encenadas.

Aqui chegados, refira-se, pois, que a Educação não se deve confinar ao espaço escolar, deve, igualmente, procurar abranger um espaço de participação e pensamento social. Desta forma, saberemos valorizar as culturas e tradições de outros e saberemos adotar diferentes perspetivas num diálogo intercultural fundamental para promover a diversidade e fomentar a compreensão internacional.



Artigo coletivo de 10 professores (portugueses e timorenses) da ESCOLA CAFE de Díli (Timor-Leste): Ádila Faria, Domingas Soares, Carolina Costa, Manuela do Rosário, Sónia Santos, Crismancia Sereno, Isidoro Amaral, Pedro Tavares, Anatercia Santos e Marcos Soares.

O que foi para mim estudar na Escola de Referência de Ermera

PCAFE-Ermera

“...tive o prazer de conhecer e de aprender com diferentes professores, tanto timorenses como portugueses...”

O meu nome é Jemaex e tive o prazer de frequentar, do 1.º ano ao 12.º ano, a Escola Referência de Ermera / CAFE de Ermera.

Aqui, neste pequeno texto, quero falar um pouco daquilo que foi o meu percurso ao longo destes 12 anos. Antes do começo do meu primeiro ano letivo, a minha avó matriculou-me e levou-me conhecer as novas instalações que seriam a minha escola. Era uma escola muito bonita e pintada de cor-de-rosa. Na altura, eu tinha 7 anos. Fiquei muito contente e impressionado com a quantidade de livros que havia e também com os materiais para jogos dentro e fora de sala de aula. Para além disso, tive a oportunidade de conhecer os professores portugueses vindos de um país tão longe como Portugal, para me ensinar. Fui inserido numa turma muito simpática e cheia de energia, onde o ambiente era favorável para a aprendizagem.

Do 1.º ao 9.º ano tive a sorte de encontrar excelentes professores que me ajudaram a ler, escrever, ser bom a realizar outras tarefas, ser autónomo e responsável. Todas estas coisas que eu aprendi marcaram-me neste longo caminho que percorri.

Do 10.º ao 12.º ano, foram uns anos um pouco mais difíceis da minha vida académica, pois com o horário sobrecarregado e um programa extenso da Ciências e Humanidades, a funcionar de manhã e de tarde, tive que fazer um esforço para me adaptar a esta realidade. Mas posso dizer que, nestes três longos anos, tive o prazer de conhecer e de aprender com diferentes professores, tanto timorenses como portugueses, que em muito contribuíram para a minha formação, não só como aluno, mas também como cidadão. Quero acrescentar ainda que os ensinamentos científicos e humanísticos obtidos nesta escola foram de enorme relevância para o começo duma etapa no Ensino Superior.

Por último, aproveitei a oportunidade para agradecer a todos os professores e colegas da turma com quem me cruzei. Dizer-lhes que o meu sucesso também é o seu e desejar-lhes a maior das sortes!

OBRIGADO, ESCOLA DE REFERÊNCIA DE ERMERA!
CAFE DE ERMERA!

Jemaex Madeira – 12.º ano, em colaboração com a avó,
Maria de Lurdes Madeira, 79 anos, professora de Português



Escola, um espaço multifacetado!

PCAFE-Líquiçá



A minha escola

Tem um muro alto...um paredão!
 Não me assusta... oferece-me abrigo
 E livre diversão!
 Às costas, levo a sacola...
 O que tem lá dentro?
 Lápis, borracha e um caderno.
 Com eles... o saber adentro!
 A merendinha é bem vinda
 E com a barriguinha aconchegada
 Sou mais feliz
 E até fico mais sossegada!
 No recreio gosto de brincar
 Com os meus amigos...
 Por vezes corremos, corremos
 até o suor correr pelos umbigos!
 A minha escola é bonita,
 Embelezada com pintura
 Os tais ... a riqueza de Timor...
 E o orgulho da minha cultura!

Cotovia

A escola enquanto espaço multifacetado é mais do que um local de aprendizagem teórica. Destaca-se como sendo um ambiente interativo, dinâmico e propício para o desenvolvimento da socialização, da cooperação e da construção da identidade cultural.

Os projetos colaborativos encontram terreno fértil num ambiente em que a partilha, a troca de ideias, a tolerância e a colaboração são a prática diária! Cada escola é uma realidade! E cada escola precisa de estar atenta aos contextos que a integram e a rodeiam. Assim, pensar cada escola implica envolvimento, partilha, entreajuda e muita colaboração!

O Projeto dos Centros de Aprendizagem e Formação Escolar (PCAFE) em Timor-Leste assume como um dos seus propósitos a construção de contextos de aprendizagem colaborativa, na medida em que a formação contínua dos docentes timorenses e dos professores da formação complementar é realizada, no enquadramento próprio de cada escola, mediante a parceria pedagógica entre docentes timorenses e portugueses.

Ao vencermos aquele que consideramos um dos obstáculos mais consistentes à colaboração que é a partilha do espaço da sala de aula, torna-se possível vencer as resistências à partilha das dificuldades, dos desencantos e porque não, dos sucessos! Um clima de escola favorável à partilha e à colaboração facilita a entreajuda e fomenta a participação na concretização do(s) projeto(s) de escola, de docentes, alunos, funcionários e pais, bem como o extravasar dos muros e a ação na comunidade.

Uma escola ativa, que não se fecha sobre si própria, celebra a diversidade cultural, proporciona um ambiente escolar enriquecido e diversificado em que se procura que cada um seja valorizado nas suas competências, apetências e se sinta parte integrante do todo.

Neste contexto, a construção de atividades que se tornam mais visíveis, ora intramuros, ora fora do espaço físico da escola, integram necessariamente as componentes curriculares, as intenções educativas, os problemas da comunidade, designadamente os

ambientais, celebram a expressão criativa e são oportunidades para exploração de diferentes formas de arte, de expressão, de descoberta de potencialidades e de preparação para um futuro que se adivinha desafiador.

Naquela ordem de ideias, muitas seriam as atividades diárias e outros tantos projetos realizados no CAFE de Liquiçá passíveis de enquadramento. Contudo, neste caso, o espaço não nos permite.

Aprendizagem em diferentes contextos

Os alunos, de várias turmas, participaram em diversos programas na rádio Tokodede, com temas diversificados.

Ao dar voz às crianças na rádio, criou-se um espaço para que expressassem as suas ideias e pensamentos. A colaboração intergeracional envolvendo alunos desde o pré-escolar até ao 12.º ano, oferece uma oportunidade única para a troca de experiências e conhecimentos entre diferentes níveis de ensino, promovendo a construção de pontes entre as várias etapas da educação. Além disso, as presenças dos alunos mais velhos podem servir como modelos positivos para os mais novos. Fortaleceu-se a expressão oral, verbal, criativa e cultural, transformando-se o espaço da comunicação social num espaço educativo. Promoveu-se a comunicação entre a escola e a comunidade.

O Jornal de Parede assumiu-se como o local de exposição da reflexão e da criatividade dos alunos.

O espaço exterior à escola é uma mais-valia para a realização de diversas atividades e promove a iniciativa dos alunos, possibilita-lhes a oportunidade de desenvolverem diversas formas de interação social e exploração de diversos materiais. Ajuda a desenvolver habilidades de observação e comparação, permitindo uma visão mais ampla do mundo e da sua diversidade.

As várias oportunidades proporcionadas aos nossos alunos, como visitas de estudo a várias instituições, as jornadas na praia, na piscina, as deslocações ao circo e ao colégio Inácio de Loiola para a realização de experiências ou a outras escolas do município, são alguns exemplos.

Os alunos participaram, ainda, no espetáculo de sombras chinesas oferecido pela companhia francesa Le Théâtre e em várias atividades apoiadas e propostas pela Fundação Oriente.

A celebração do Dia da Europa, através da construção de estrelas e ilustração da Lenda da Europa, em colaboração com a Embaixada de Portugal em Timor-Leste, ofereceu uma oportunidade para as crianças se conectarem com representantes do seu país, proporcionando um contato real com a cultura timorense

A exploração da história “A Viagem da Sementinha”, ilustrada e legendada em Português e Tétum, pelos nossos alunos, também saiu da sala de aula e foi afixada nas instalações da Timor Telecom, em Liquiçá.

Pintura dos Muros com Motivos de “tais” de Timor-Leste e de figuras com trajes tradicionais timorenses para “FotoFace”

Os “tais” são tecidos tradicionais timorenses carregados de simbolismo, proporcionando uma conexão direta com a rica herança cultural do país. Estas práticas embelezaram o espaço e serviram, também, como ferramenta educativa, desenvolvendo a expressão artística e transmitindo narrativas culturais aos alunos de forma visual e envolvente. A presença dos “tais” promoveu um senso de orgulho e pertença, a compreensão e apreciação das riquezas culturais de Timor-Leste.

Recuperação e embelezamento do espaço escolar

Atividade realizada colaborativamente entre alunos, professores e pais. A participação ativa dos diferentes



membros da comunidade educativa na renovação das pinturas das salas do pré-escolar, a utilização de pneus na construção de espaços lúdicos e ajardinamento do espaço escolar contribuiu para uma abordagem educativa que combinou sustentabilidade, criatividade e diversão, fomentando um sentido de pertença à comunidade escolar.

Construção de Bandeiras dos Países da CPLP, manutenção do jardim vertical exterior e enfeites de Natal com materiais reutilizáveis.

A construção de bandeiras da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) visou consciencializar as crianças sobre a existência e a importância da comunidade de países que compartilham a mesma língua. Permitiu que os alunos aprendessem o nome e respetivos símbolos, nacionalidades, cores, formas e fortalecessem a língua portuguesa como forma de expressão que os une. Os pais/encarregados de educação foram envolvidos no projeto tendo sido utilizados materiais reutilizáveis.

A manutenção do jardim vertical exterior com garrafas de plástico não apenas embeleza o ambiente escolar, mas também educa as crianças sobre questões ambientais cruciais, incentivando práticas sustentáveis desde os primeiros anos de vida.

Os pais e respetivos educandos foram convidados a pôr mãos à obra, utilizando fundos de garrafas de plástico para a construção de enfeites para uma árvore de Natal, no âmbito de uma atividade promovida por outra escola.

O espaço de aprendizagem passou as fronteiras da escola, alargando-se à casa de cada um. A participação ativa dos pais fortaleceu a ligação entre a escola e a família, oportunidade valiosa para que se envolvessem na educação dos seus filhos. O uso de materiais reutilizáveis, não apenas incentivou a criatividade das crianças, mas também transmitiu uma mensagem importante sobre sustentabilidade e responsabilidade ambiental, contribuindo para a consciencialização ambiental, destacando a capacidade de transformar materiais comuns em trabalhos artísticos e educacionais.

A família na escola

Com frequência, os pais foram convidados a participarem em atividades na escola, designadamente ao lerem histórias aos alunos ou falarem sobre as suas profissões, na preparação ou como protagonistas nas



festas da escola, declamando poesias, participando em peças de teatro, danças tradicionais, destacando-se a importância da associação de pais.

O Dia da Família proporcionou uma oportunidade única para fortalecer os laços entre escola/família, criando um ambiente acolhedor e colaborativo. Os pais foram convidados a participarem e a envolverem-se em várias atividades, com os seus filhos, conhecendo melhor o ambiente escolar e as tarefas que os seus filhos realizam diariamente, incluindo jogos, atividades artísticas, momentos de leitura, entre outras. Além disso, foi uma excelente oportunidade para os pais conhecerem melhor os professores e outros pais, promovendo um sentido de comunidade dentro da escola.

No Dia dos avós, os alunos receberam-nos, entoando uma canção e declamando poesias. Ofertaram uma prenda que elaboraram na sala de aula e houve a partilha de momentos vividos na escola, pelos avós, enquanto alunos.

No Dia do Animal foram projetados na escola, para pais e alunos, pequenos filmes sobre a importância dos animais na vida do Homem.

A presença da família na escola, é um fator crucial para o estímulo das habilidades sociais, redução da indisciplina, proporciona segurança, favorece a aprendizagem e fortalece os relacionamentos.

Atividades diversas com outras escolas

A realização de diversas atividades com escolas do município constituiu-se uma prática regular. A leitura e



dramatização de histórias, entoação de canções em língua portuguesa e a realização de tarefas em conjunto, facilita o contato com alunos que têm diferentes habilidades e capacidades, ajudando a desenvolver competências relacionadas com a convivência e o trabalho em equipa.

A realização do Torneio de Futebol Interescolar com os alunos do CAFE de Díli teve como objetivos a realização de momentos de competição e convívio entre a população escolar. A valorização da atividade física traz benefícios consideráveis à saúde, melhora a capacidade cognitiva do aluno, gera cooperação e favorece a socialização entre os participantes.

Em resumo, as atividades apresentadas revelam a importância da escola como um espaço de aprendizagem multifacetada que intencionalmente se estende para além da sala de aula, promovendo a cooperação, a iniciativa, a sustentabilidade, a criatividade e a construção e a preservação da identidade cultural.

Célia Micu
Fernanda Gouveia
Rosa Amaro

Missão e Visão da escola

PCAFE-Lospalos

“A igualdade...

O respeito...

O sucesso...

Passam por atender às características específicas de cada um.

Porque cada ser é ímpar...

Porque cada Homem é único...

Porque cada um é inigualável...

A escola, local afluente de culturas e características diversificadas, deverá promover pequenas vitórias, para que, um dia, cada aluno possa olhar para trás e sentir que a infância foi uma fase simplesmente... feliz!”

A missão da escola é promover a Educação, sendo “o ato de educar a tentativa sempre renovada de encontro com o sentido da vida”.¹ Pressupõe-se, não só saber o que é educar e/ou ensinar, mas também saber para quem e como se educa numa perspetiva de desenvolvimento contínuo. Cabe à escola abraçar o desafio entusiasmante de recolher visões variadas e culturas diferenciadas para os casos específicos que acolhe. Neste trabalho ímpar procuram-se as respostas mais acertadas, nas quais se respeitem os ritmos próprios de aprendizagens e as características singulares de cada discente.

Destes fundamentos emergem as múltiplas formas de ensino. Dá-se primazia a recursos e estratégias multifacetadas capazes de se adequarem a cada aluno. Deste modo, procura-se favorecer e facilitar o processo de aprendizagem, fazendo-o chegar a todos... Todos podem aprender e todos podem ensinar!

Neste processo, imperativamente dinâmico, ressalta a figura do professor, cuja função é gerir a mudança, compreender o aluno para, de seguida, num trabalho colaborativo e em equipa, auxiliá-lo, auxiliando-se também a si!

Apenas desta forma, conseguimos edificar uma escola inclusiva que procura atender a cada caso particular,

implicando os alunos, as famílias, os professores, os técnicos, entre outros.

Torna-se assim proibido desistir, seja de quem for!

A escola passa a ser o local de partilha e troca de saberes. De todos e para todos!

A Educação deverá ter como pilar basilar o conhecimento que se conquista e o esforço despendido, e não tanto o conhecimento que se transmite e o adestramento de capacidades.

Alunos e professores estão implicados no mesmo processo educativo e ambos têm como objetivo conhecer o desconhecido.

“Nascemos não só para ser, mas sobretudo para nos tornarmos em algo melhor”.¹ A função da Escola é criar a oportunidade, o direito e o dever de cada indivíduo, de conhecer o mundo para o explorar e transformar. A escola deve ser um contexto de vida enriquecedor e fomentar não só a qualidade, mas a excelência, valorizando a consecução do potencial máximo de cada pessoa, valorizando cada criança com a sua singularidade e respeitando o perfil de



¹ Cabral, Ruben de Freitas (1999). *O Novo Voo de Ícaro- Discursos sobre Educação*. Lisboa, ESE João de Deus.

funcionalidade de cada um, como se fosse única no meio de muitas outras, proporcionando experiências enriquecedoras, intensas, diversas, únicas e profundas ao nível cognitivo, social, emocional e físico”.

A escola para todos subentende uma mudança de estruturas e de atitudes, adaptando o trabalho dos professores, que deverão reconhecer que cada criança é diferente das outras, tem as suas próprias necessidades específicas e que progride de acordo com as suas capacidades. Deverá fornecer os requisitos básicos essenciais ao desenvolvimento holístico e harmonioso da criança, independentemente das suas capacidades ou falta delas. As escolas têm o dever de receber e preparar todas as crianças e adolescentes, independentemente das características de cada um. E, não basta ser uma sociedade aberta e acessível a todos os grupos, mas também uma sociedade que encoraja a participação e aprecia a diversidade e as práticas humanas.

“A Escola deve transmitir o gosto e prazer de aprender, a capacidade de aprender a aprender, a curiosidade intelectual.”² A função da Escola não pode ser só a de preparar para um ofício, mas para desfrutar da vida. Nesse sentido, deve-se trazer a vida para a escola e na escola dar-lhe sentido - conseguir adquirir, atualizar, usar e organizar a aprendizagem; saber usar a informação para resolver situações reais com sentido crítico e criativo e dar sentido à aprendizagem. Envolver os alunos em atividades várias que lhes permitam aplicar tudo o que aprendem e sabem na resolução de problemas que demonstrem a interligação de conhecimentos.

A escola é espaço. Para muitos, uma primeira casa onde abraçam, desde gente amiga, a comida. Pode ser sala de aprendizagem ou tempo de conforto. Coisa certa é que tudo o que nela é vivido nunca é imaginado e, para sempre, será lembrado.

Em todos os seus tempos de discussão, a escola abraça desde o estudo ao ócio. As discussões fazem-se patentes e interessantes. Os alunos fornecem a vida que borbulha por entre os corredores e a estrutura alberga-os com carinho, tomando grande parte do seu tempo.

Na escola cresce-se, medra-se e também há por quem lá se perca e expire. Tudo depende da bagagem que se leva na mala, das histórias que se contam, matemática fora e das ciências que o estudo acarreta. Importa que essas aprendizagens tenham significado para os alunos, permitindo-lhes interpretar o mundo que os rodeia, responder às suas implicações complexas, construir criticamente o seu próprio caminho, realizar criativamente o seu percurso como pessoas e como cidadãos.

A escola é tempo de aprendizagem no campo particular de cada um que por lá ensina ou aprende. Vale-se do apoio humano, da compreensão e do peso da rega que a cada disciplina se dá. Os conceitos são muitos, os sistemas outros tantos e presume-se que as pessoas ganham grandiosidade na cultura humana e se tornam cada vez mais eficientes nos seus manuais de guerra.

Mas a escola também é partilha de saberes particulares, experiências e resultados que geram avanços e mudanças, potencializando uma nova forma de pensar e construir conhecimentos. Compartilhar envolve entrega, resiliência, dedicação, tempo e coragem. Ir mais além!

E a ligação entre escola e família pressupõe que as normas estabelecidas sejam coincidentes. A família tem um papel essencial e único na vida de qualquer ser humano e a escola uma importância ímpar na instrução de qualquer indivíduo.

Ambas são indissociáveis e promotoras do sucesso de cada indivíduo.

Destinada às crianças, a escola, a pouco e pouco, traz o domínio da história individual de cada um, expande conhecimentos e toca-nos no coração. Dá-nos uma profissão honrada e um futuro promissor. É estímulo para doutores, desde a doutrina à prática. Forma senhores enviados do campo e oferece terreno fértil a quem ao campo se entrega. É para moços e moças, pequenos e grandes e, para todos os tamanhos e géneros, é lugar de passagem com direito a bilhete para viagem de destino. E por entre os caminhos percorridos e férias gozadas, é apoio e saudade de tempo que quando vivido não volta mais.

Com um quadro preto, giz branco e muita vontade de aprender e de me superar a cada dia que passou, fizeram-se verdadeiros milagres. E foram muitos os milagres que aconteceram no CAFE de Lospalos!

A escola onde “vivo” e onde tanto aprendi e cresci, é centro de acolhimento feliz e ternurento, onde a língua portuguesa abraça tudo e todos, numa espiral inclusiva de valorização do que é mais genuíno e familiar na cultura e identidade de Timor Lorosae.

Desde 2002, o Português figura, juntamente com a língua tétum, como língua oficial e de instrução nesse país e o CAFE, espaço de ensino e aprendizagem, polo de investigação bem como de dinamização cultural, é um distinto catalisador da promoção e da consolidação da língua lusa. A promoção da reflexão e do debate entre todos os intervenientes do processo de ensino-aprendizagem, onde a família/ comunidade desempenha um papel central, promovem o objetivo de melhorar o ensino do português, em Timor-Leste.

Atualmente, o país enfrenta ainda desafios vários no que concerne ao desenvolvimento desta língua, e o projeto CAFE tem sido basilar na sua promoção, desenvolvimento e consolidação. O português não é só mais uma língua, mas aquela que faz a diferença em Timor, o único país lusófono no continente asiático, contribuindo para a sua identidade. O facto de ser professora de português permite-me ser uma das protagonistas na difusão e consolidação da língua.

Luís Cardoso, um filho da sua terra e que há décadas abraçou Portugal como sendo também seu, ensinou-nos que todos deveremos escrever e ler um pouco todos os dias, pois só assim nos tornaremos bons escritores em língua portuguesa. Foi esta a mensagem que cultivei nos meus alunos...

A descoberta diária da minha escola fez-me reencontrar com a minha verdadeira missão, uma conquista que foi diária e sempre surpreendente, de alunos que nos demonstravam, incessantemente, o seu respeito, tantos a pedirem-nos a bênção, como sinal de admiração, carinho e respeito. Um emaranhado de atividades transversais, características de uma escola dinâmica sempre em atividades, lúdicas e pedagógicas, numa interajuda e partilha constantes. Encontrei um povo humilde, afetuoso, educado e trabalhador que me motiva, diariamente, a ser uma profissional e ser humano melhores.

A escola de Lospalos é doutrina. Sabedoria. Casa cheia ou vazia. Festa, comemoração, amparo e oração!

Eleonora A. Preces Moita
Professora de Português e de TLC

A minha escola enquanto espaço de aprendizagem

A minha escola! Sim, a minha escola, assim a sinto.

Sinto a Escola CAFE de Lospalos minha também, muito minha. É uma escola onde se respeita a hierarquia, mas onde a hierarquia segue o mesmo patamar, caminham lado a lado professores, funcionários e alunos. Remam para o mesmo lado alunos, funcionários e professores.

A minha escola partilha o espaço com a Escola Ensino Básico Central Centro Lospalos. Aliás, esta última empresta-nos o seu espaço para nos podermos envolver no que realmente importa. E o que realmente importa?

Ora, agora falo eu, uma educadora de infância chegada este ano a Timor-Leste. O que importa é pormos em prática aquilo em que realmente acreditamos e eu acredito na educação com amor, eu acredito que o amor move montanhas, acredito que com amor tudo se faz e o tudo pode ser muito. Na minha escola CAFE há salas de aula, há um recreio enorme, onde na sombra duma bela árvore podemos cantar, contar e ouvir. Nesse recreio as crianças pequenas dão-se conta do valor das árvores, da importância da sombra nos longos dias quentes. Nesse recreio observam borboletas, pássaros, sapos e formigas, projetando-se esta observação em pequenos projetos com os quais muito se aprende. Na minha escola acredita-se, eu acredito que o saber não está só dentro de 4 paredes, o saber está em todo lado, desde que se criem oportunidades de aprender. O saber/o aprender/o educar não é só competência do professor, a verdadeira aprendizagem funciona dentro dum triângulo educativo, constituído pela Escola, pela Família e pela Comunidade. Sem este triângulo não pode haver uma verdadeira e completa forma de educar e de ensinar.

No CAFE de Lospalos as crianças saem das 4 paredes e vão visitar o campo de arroz, o campo de café, o campo de

ananás. Vão ao mercado. Conhecem o produtor e o vendedor. E nas saídas de campo também vão construindo o seu saber ser e saber estar. Sabem que devem circular no passeio, que nunca podem atravessar a estrada sem antes olhar para os dois lados. Aprendem que o arroz, o café, o ananás são plantas, oriundas do mundo vegetal e por dedução lógica, ou porque a idade dos porquês passa para o adulto que questiona as crianças sobre tudo e mais alguma coisa, percebem que existem dois tipos de seres vivos: os animais e os vegetais. Como consequência da aprendizagem fora da escola, criam-se projetos. Projetos que envolvem as famílias, que levam o médico à Escola falar de hábitos de vida saudável, que levam o bombeiro, que envolvem o carpinteiro na construção de pequenos, mas grandes recursos materiais, que nos levam ao Posto da Polícia desmistificar a função do polícia.

E desta forma a criança aprende que existem profissões, o tipo de profissões, as diferentes profissões. nos contactos com as famílias criam-se desafios, desafios que levam estas a desenhar, a escrever, a ensinar, a partilhar hábitos de vida e aqui o professor é também um aprendiz, que cresce com a articulação e envolvimento que tem com as famílias, com a comunidade.

Na Escola CAFE de Lospalos, as atividades/as aulas são planeadas com rigor, sempre tendo em conta o que o aluno já sabe e aquilo que se pretende que continue a aprender. Para isso utilizam-se estratégias motivadoras, que podem ser com recurso à música, ao desenho, à pintura. Com recurso à modelagem. Não importa como cada um aprende, o que importa é que aprende e que sente a escola também como sua, que sente o professor tão próximo como um familiar ou um amigo. Os professores da minha escola sabem que uma simples ida à praia num fim de semana descontraído, pode ser a oportunidade para levar recursos para a escola. E carrega num saco búzios, conchas, pedras e paus. Naturezas



mortas que o professor leva para a escola e às quais as crianças dão vida.

Nas salas do pré-escolar da minha escola, as crianças, com estes materiais colhidos na natureza, formam conjuntos (o conjunto dos búzios, o das conchas, o das pedras...); fazem seriação com estes elementos, formam padrões, fazem contagens, constroem as formas geométricas... e num momento de lazer desenvolvem o raciocínio lógico – matemático. Adquirem também noções alusivas à literacia, quando com estes elementos fazem letras sobre a mesa ou fazem mesmo o seu primeiro nome. Com estes elementos, de manipulação fácil, de baixo custo (não se compram, a natureza timorense tem a magia de nos os oferecer), de exploração livre, os nossos alunos desenvolvem a criatividade, desenvolvem a atenção e despertam para a importância da natureza, de dela cuidar. E aqui entra o conhecimento geral, um conhecimento que permite aprender a contemplar o belo, a ter confiança nas suas capacidades, a crescer.

A crescer por dentro e por fora e a viver cada etapa intensamente, sem a saltar, sem lacunas, para que a etapa seguinte continue a estruturação do pensamento, dê continuidade ao que já se aprendeu. Também nesta minha escola, que funciona desde o ensino pré-escolar até ao ensino secundário, faz-se articulação horizontal e verticalmente. Na articulação horizontal, temos as parcerias, onde se constroem planos conjuntos para desenvolver conjuntamente, tratando-se duma excelente forma de partilhar saberes entre os adultos, de tornar cada um mais rico profissionalmente. Na articulação vertical, as atividades têm outro sabor: os alunos mais velhos encarnam o papel de professores quando, no caminho dos alunos mais novos, criam circuitos de conhecimento, quando criam histórias e as dramatizam com a responsabilidade de quem está a cumprir o roteiro de conteúdos, falando de alimentação saudável, do Hino Nacional, ensinando os mais novos na caminhada da vida. Na articulação vertical também temos os mais novos a ir ao encontro dos mais velhos, permitindo-lhes um momento digno de espaiarem entre o final de uma matéria e o início da outra.

E aqui, depois de o professor do secundário tirar dúvidas, para passar à matéria seguinte, chega a pequenada da pré pronta para cantar uma das suas canções. Uau! Bela pausa. Mas às vezes os pequenos entusiasma-se e aquela que seria uma canção, já vai na quinta.

Os pequenos empolgados, criando e proporcionando a si próprios um momento de alegria, de desinibição, um momento em que até os mais introvertidos se soltam para cantar as canções que com grande entusiasmo aprenderam. E os grandes?? Os grandes, de enorme sorriso nos lábios parecem dizer para si próprios: “Meu Deus, que bela pausa! Que bela forma de terminar aquela matéria!”.

Esta articulação funciona como que uma vitamina, como o elixir pare recarregar baterias e voltar/continuar a aprender mais e melhor.

Na minha escola levam-se os alunos mais velhos a Dili, numa biskota, onde os professores oferecem o seu fim de semana ao trabalho, para proporcionar aos seus alunos o contacto com a arte e com os artistas, o contacto com a cultura. Também se levam os mais novos à praia de Com, e as respetivas famílias, também em biskotas, para um



grande convívio de final de ano, para mais um momento de articulação, de convívio, onde a escola e a família são uma só forma de amar, de ensinar, de ajudar a crescer.

A terminar o ano letivo, o crescimento de todos é enorme, as aprendizagens foram grandes. Sem dúvida alguma que, na escola CAFE de Lospalos se aprende, aprende muito. Aprende-se o que está nos programas, aprende-se que o espírito cooperativo prevalece sobre o competitivo, que a competição saudável é aquela que fazemos connosco próprios, mas quanto baste. Aprende-se que somos seres sociais e enquanto isso, está na base e no topo o respeito pelo outro, o cumprir regras. Aprende-se a importância de sair das 4 paredes e ir ao terreno, observar e explorar o mundo à nossa volta e usar esta observação para desenvolver projetos, explorar temas, aproximar a escola das famílias, aproximar a comunidade da escola. E para isso envolvemo-nos nas atividades da comunidade, aceitamos os convites das famílias, convidamos as famílias, convidamos a comunidade.

Tudo isto não é utopia, não é mesmo! É real. Esta escola existe, esta escola é minha, esta escola é dos meus colegas, é da minha coordenadora, que também é minha colega. Esta escola é das famílias, para quem a porta está sempre aberta. Esta escola é da comunidade, que pode entrar e sair sempre que algo tiver para nos ensinar ou para connosco aprender.

A Escola CAFE de Lospalos, tem aprendizagem cá dentro e lá fora. A Escola CAFE de Lospalos acompanha o real interesse e necessidades dos seus alunos. Dá gosto ensinar na minha escola.

Sara Ramos
Educatória



Textos de Encarregados de Educação e Alunos

“Desde que entrei na Escola CAFE de Maliana, comecei a fazer vida social com os amigos que encontrei. O CAFE oferece muitas coisas aos seus alunos: termos um bom domínio da língua portuguesa na fala e na escrita e, entre outras coisas, termos a oportunidade de ter contactos com alunos de outras escolas CAFE, de outros municípios, através de intercâmbios.

Aqui os professores e alunos partilham experiências de vida, de afetividade e de conhecimento. Possibilitamos, também, criar relações com estudantes portugueses através de troca de correspondência e de atividades. Sou um afortunado por frequentar este projeto que me possibilita pertencer a um coro, participar em competições desportivas, realizar atividades experimentais, etc. Gosto muito de estar aqui!”

Fidélío Barreto 10.º ano

“A escola é um lugar onde eu posso aprender muitas coisas que ainda não sei.

A escola é um lugar onde se fazem amigos para o resto da vida.

A escola é um lugar livre onde eu posso sonhar e alcançar os meus sonhos para o futuro.

Eu amo a minha escola CAFE de Lospalos.
E eu também amo a minha professora Sara.”

Devion Barbosa Castro

“Escola é um lugar onde as crianças vão aprender, ler, escrever e também aprender algumas coisas que eles ainda não sabem.

Nas atividades na escola, as crianças aprendem a escrever, ler, pintar e também aprendem muitas criatividade que os professores ensinam para eles, através dessa criatividade podemos desenvolver a capacidade das crianças para conhecer mais e melhor.

Tua escola, as crianças muito contentes porque a relação com os professores, e também os professores colaboram bem com os pais das crianças. “

Mãe do Willyam

“A escola é um lugar importante, o seu filho pois é nela que aprendemos diversas coisas para termos um futuro melhor. É onde fazemos amigos mas também temos regras para seguirmos.

A escola do seu filho é segunda família, pois passamos maior tempo nela, estudamos e aprendemos.

Como sermos crianças melhores com tudo que aprendemos nela, crianças levam para vida inteira.

Não devemos faltar às aulas pois isso prejudica o estudo das crianças.

É por isso que agradecemos à escola, professores, pela educação.”

Mónica Lina Sarmiento Câncio Ribeiro

Olá bom dia, a minha escola

“A minha escola é Centro CAFE de Lospalos, a minha escola é importante porque a escola eu posso saber quem é bem ou quem é mal, e na escola eu posso brincar e desenho eu muito contente porque a professora ensina muito bem e através da escola eu tenho ambição.”

Imaculada da Conceição Mendes Fernandes Soares

“Escola é a instituição que fornece o processo de ensino para alunos com objetivo de formar e desenvolver cada indivíduo em seus aspetos cultural e social.

Ensinar o aluno a desenvolver suas percepções do mundo.

Escola é importante porque por escola o indivíduo ou alunos podem aprender, vai ter inteligência e conhecimentos de seus professores. Por escola os alunos podem descobrir talentos, conhecimentos, e detetar fragilidade de cada indivíduo, dar informações e sabedoria.

Escola é importante para meu filho, porque na escola o meu filho pode ter educação com alta qualidade e o meu filho pode aprender junto com seus colegas e pode interacionar um a outro. Os professores transmitiram suas inteligências e experiências para meu filho, e o meu filho vai ser maduro e inteligente.

Importância da escola para uma construção da sociedade mais justa. Educação como transformadora do conhecimento teórico. A escola possibilita através de convivência, uns com outros, uma troca de conhecimento, com amadurecimento intelectual.

Educar e preparar crianças para o mundo é um importante papel da escola para desenvolvimento, para a família, comunidade e nação.”

Pai do aluno Iliray

Projeto Latitudes da Língua Portuguesa

PCAFE-Maliana



A escola CAFE de Maliana e o Agrupamento de Escolas de Ribeira de Pena realizaram um intercâmbio no âmbito do Projeto Latitudes da língua portuguesa, iniciativa da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), e cuja finalidade é afirmar a Língua Portuguesa como plataforma global de entendimento e partilha.

Na verdade, esta iniciativa permitiu que jovens de idades próximas, mas oriundos de países e culturas muito diferentes, comunicassem e trocassem mensagens via internet, ficando a conhecer realidades culturais diferentes das suas. Além das mensagens, foi realizado um encontro via Google Meet

onde, apesar dos constrangimentos inerentes à cobertura de rede ou à diferença horária de 8 horas, os alunos das duas escolas puderam conhecer-se um pouco melhor.

Este contacto foi muito participado, resultado da grande motivação e interesse dos jovens em participar neste tipo de iniciativas. É gratificante ver o entusiasmo e a curiosidade manifestada por todos os envolvidos nesta parceria. Por isso, julgamos ser de todo o interesse dar continuidade a esta atividade em que o Português se assume como meio para a descoberta, a partilha e o encontro dos nossos alunos.

Trabalho interciclos e colaborativo

Recentemente, uma ação de formação realizada por dois professores de Ciências e respetivos alunos do 10.º e 11.º anos de Ciências e Tecnologias, na escola CAFE de Maliana, enfatizou o trabalho interciclos e colaborativo, proporcionando uma experiência educacional diferente para os alunos do pré-escolar e do 1.º ciclo.

Os professores de Ciências, com a ajuda dos alunos do 10.º e 11.º anos, desenvolveram uma série de experiências envolventes e educativas. Estas atividades não só reforçaram os conceitos científicos fundamentais, mas também ajudaram a desenvolver práticas fundamentadas de ensino de base experimental enquadradas no currículo do Pré-escolar e 1.º Ciclo.

Os professores do pré-escolar e do 1.º ciclo participaram nesta ação de formação e também desenvolveram as suas competências em ensino experimental das ciências usando materiais do quotidiano. Esta abordagem prática ao ensino das Ciências permitiu que os alunos mais jovens se envolvessem ativamente no processo de aprendizagem, aumentando

assim o seu interesse e compreensão dos conceitos científicos.

O trabalho interciclos, uma abordagem que envolve a colaboração entre diferentes níveis de ensino, foi mais um dos destaques desta ação de formação. Esta abordagem permitiu que os alunos mais velhos partilhassem os seus conhecimentos e experiências com os alunos mais novos, criando um ambiente de aprendizagem mutuamente benéfico, desenvolvendo ainda as suas competências sociais. Esta troca de conhecimentos e experiências não só enriqueceu a experiência de aprendizagem dos alunos mais novos, mas também proporcionou aos alunos mais velhos a oportunidade de aplicarem e partilharem conhecimentos teóricos adquiridos nas aulas de ciências.

Os alunos e professores envolvidos nesta atividade fizeram uma avaliação muito positiva da mesma, tal como se pôde constatar, pelo interesse e entusiasmo demonstrado por alunos e professores durante a realização da atividade.

Vítor e Artur
Professores



Experiências/Vivências



“Olá, chamo-me Martinha Cesarina da Costa Soares, sou professora na escola CAFE Maliana desde 2014. No início quando vim trabalhar para o CAFE de Maliana quis fugir daqui para Baucau, porque fiquei longe da família e as regras no CAFE eram muito rigorosas, mas com o tempo consegui superar todos os desafios. Nesta escola, já passei por muitas coisas. No começo tive muito medo e vergonha de comunicar com outras pessoas, principalmente com alunos e professores, mas com o tempo consegui adaptar-me e superar quase tudo.

Com o passar do tempo, percebi que, seria bom para mim ser professora nesta escola, porque poderia aprender Português e conhecer uma outra realidade. Estou feliz e grata por ser professora no CAFE Maliana, pois aqui encontrei bons alunos, responsáveis, ativos, analíticos e críticos. Uma coisa de que gosto muito é a amizade que une alunos e professores e que continua após a sua saída da escola. Entendo que as Escolas CAFE não instruem apenas os alunos ao nível do conhecimento, mas formam-nos como seres humanos responsáveis por si mesmos, por suas famílias, pela comunidade, município e país.

Para mim, é uma honra ser professora há quase uma década nesta escola, mesmo com algumas dificuldades que encontrei, tenho uma equipa excelente que sempre me apoiaram e colaboraram numa verdadeira comunidade de professores, funcionários, alunos, Associação de Estudantes, Associação de pais e pais.

Estou muito grata ao anterior Ministro da Educação por ter dado permissão para abrir esta escola, não apenas para os estudantes, mas também para os professores jovens, como eu e que nos permitiu aprender muito mais. Agora posso ficar na frente de muita gente e falar Português sem medo e posso ensinar os alunos com diferentes níveis.”

Martinha Soares
Professora



“O meu trabalho no Projeto CAFE começou com meu estágio profissional como professora do Ensino Básico, Município de Bobonaro - CAFE de Maliana.

Iniciei este estágio em agosto de 2015, juntamente com algumas colegas que tiraram o curso comigo em Baucau. No 1.º ano, foi um pouco difícil, porque tive de me adaptar ao Município e ao CAFE de Maliana, assim como à distância da minha família. Com o tempo, fui-me adaptando e criando amigos que me ajudaram, tornando-se como parte da minha família.

O Projeto CAFE foi muito importante para o meu desenvolvimento profissional e pessoal de um modo geral.

Aprendi muito com os professores timorenses e portugueses e com toda a comunidade escolar, desenvolvi muito a língua portuguesa, no contacto com os meus pares pedagógicos, ao longo dos 8 anos a trabalhar neste Projeto.

Também aprendi muito sobre as pedagogias educativas e estratégias, tanto do pré-escolar como dos restantes níveis de ensino tal como o 1.º Ciclo onde desenvolvi também muito trabalho.”

Rosita da Costa
Professora

Quatro testemunhos de alunos

“Quando conheci os meus professores, senti que o meu futuro ia ser melhor. (...) porque a eles devo os meus princípios de vida, que são quatro: olhar em frente, para saber para onde estou a ir; olhar para trás, para saber de onde venho; olhar para baixo, para não pisar ninguém; olhar para o lado, para saber quem me acompanha nos momentos difíceis da vida”.

“Desde que entrei na Escola CAFE de Maliana, comecei a fazer vida social com os amigos que encontrei. O CAFE oferece muitas coisas aos seus alunos: termos um bom domínio da língua portuguesa na fala e na escrita e, entre outras coisas, termos a oportunidade de ter contactos com alunos de outras escolas CAFE, de outros municípios, através de intercâmbios.

Aqui os professores e alunos partilham experiências de vida, de afetividade e de conhecimento. Possibilita-nos, também, criar relações com estudantes portugueses através de troca de correspondência e de atividades. Sou um afortunado por frequentar este projeto que me possibilita pertencer a um coro, participar em competições desportivas, realizar atividades experimentais, etc. Gosto muito de estar aqui.”

Fidélio Barreto
10.º A

“Chamo-me Agnes, sou aluna do CAFE de Maliana e tenho 17 anos. Faço parte da família CAFE de Maliana desde o pré-escolar, mas atualmente frequento o 11.º ano. Quando conheci os meus professores, senti que o meu futuro ia ser melhor.

Aqui aprendi a escrever, a ler, a partilhar, a questionar e a ter amigos para a vida. Sinto muita alegria e orgulho pela dedicação e ensinamentos dos professores portugueses e timorenses, porque a eles devo os meus princípios de vida, que são quatro: olhar em frente, para saber para onde estou a ir; olhar para trás, para saber de onde venho; olhar para baixo, para não pisar ninguém; olhar para o lado, para saber quem me acompanha nos momentos difíceis da vida.

Amo muito esta família: professores, auxiliares e amigos!”

Agnes António
11.º A

“Faço parte da Escola CAFE desde o ano 2011 e sinto que existem diferenças desta escola em relação às outras, a maneira como os professores ensinam, o ambiente em si. Sinto que estou a ter uma oportunidade na minha formação e na minha vida.

Como a Escola CAFE é um projeto de formação escolar em português e que está presente em vários municípios de Timor-

Leste, dá-me a possibilidade de aprender a língua portuguesa e fazer amizades noutros municípios onde o projeto está implementado, principalmente quando fazemos atividades em conjunto. No final de cada ano de estudos, sei que no próximo os desafios serão maiores. Mas não desanimo, pois sei que estou a desenvolver capacidades para a vida. Eu e os meus amigos já conhecemos muitos professores portugueses e timorenses, cada um deles com o seu caráter e maneira de ensinar diferente. Mas todos eles com um propósito, o de fazer com que eu dê o melhor de mim.

Estou muito grato e orgulhoso por fazer parte da história e do processo de aprendizagem deste projeto CAFE!”

Crisónio Amaral
10.º A

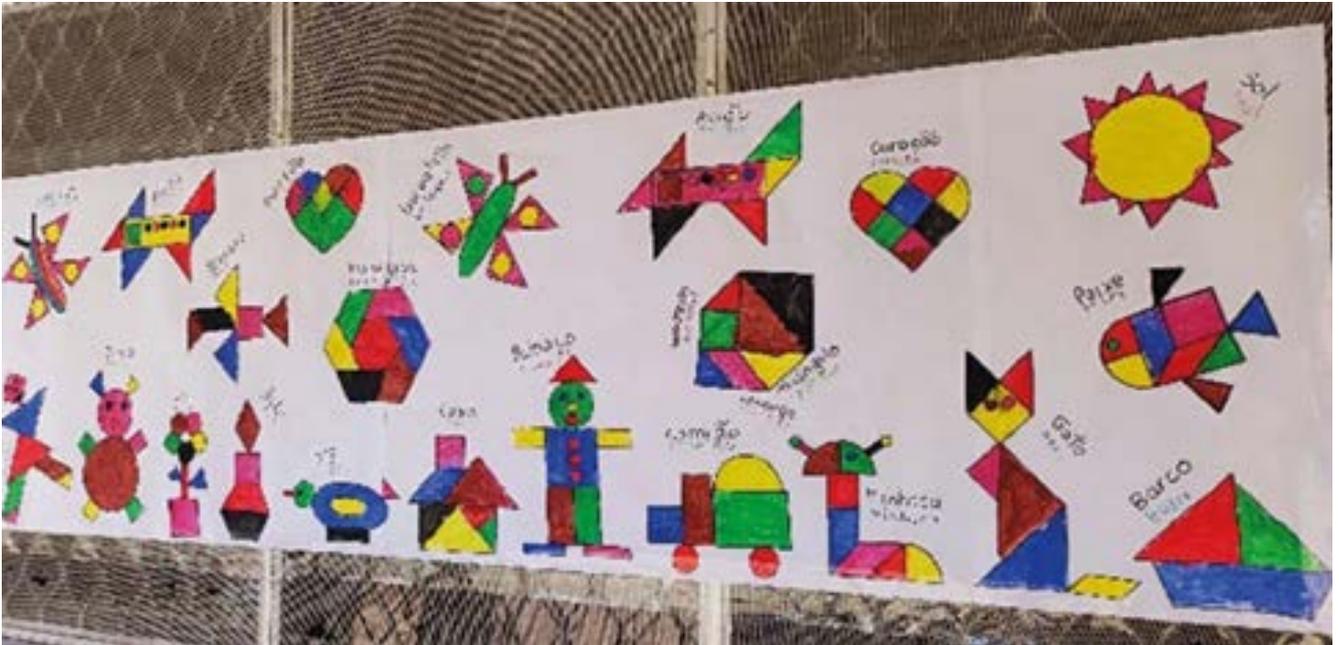
“Sou a Vitória, tenho 17 anos, frequento a escola CAFE desde o ano de 2010. Como passo muito tempo na escola considero-a como a minha casa. No CAFE de Maliana passei muito tempo da minha infância, foi onde cresci, onde fiz muitas descobertas, criei laços de amizade com os professores, alunos auxiliares

Aqui, adiro conhecimentos importantes e aprendo a língua portuguesa que é uma das línguas mais faladas no mundo. Na escola CAFE, os professores (timorenses e portugueses) são dedicados, pacientes e ensinam-nos a ser adultos conscientes que, se quisermos, tudo podemos alcançar. Por vezes também se zangam connosco, pois as nossas atitudes não são as mais corretas. Aqui encontro companheiros de jornada para uma aprendizagem universal e de aventura. Nem tudo é maravilhoso, pois também enfrentamos problemas! Mas juntos sei que seremos capazes de os resolver e de os ultrapassar. Apesar de sermos todos diferentes, somos um só!

Só quero dizer que me sinto grata e orgulhosa por fazer parte desta grande família.”

Vitória Araújo
11.º A

Olhar para mudar



É minha convicção de que os anos do Pré-Escolar contêm VIDA, ou seja, contêm a força da criação e da ligação ao mundo físico e espiritual. Assim como levanto os braços ao céu para agradecer o percurso e o processo de desenvolvimento pessoal, social e cultural, assim como os meus pés sentem a terra quente, húmida, macia e rugosa de que necessito para o meu crescimento e estabilidade e o vento faz dançar os meus cabelos, libertando-me e impelindo-me a “não ter medo de experimentar”, também a criança evolui ao longo dos anos num processo ascendente e estimulante que se pretende estável, resiliente e capaz de construir o desenvolvimento e aprendizagem num caminho iluminado pela felicidade, pelo bem-estar e pelo empenhamento. Este olhar apenas faz sentido num Jardim de Infância com VIDA!

Cheguei a Odomau (CAFE Maliana) e ao entrar na sala de atividades fui acolhida por 33 olhares cheios de brilho, curiosidade, bondade, criatividade, imaginação e VIDA! Tive noção da enorme responsabilidade que me estavam a “por nas mãos”! Vamos lá criar oportunidades que permitam alargar e enriquecer o desenvolvimento e aprendizagem num clima relacional de base sólida e vitaminado com intencionalidade. É fundamental que cada criança tenha vontade para aprender através de atividades que enfatizem o prazer, a liberdade de ação, a curiosidade, a imaginação e a exploração. É necessário alicerçar a prática num ambiente educativo rico e estimulante onde aconteçam experiências e oportunidades de aprendizagem com sentido. Reconhecer a criança como protagonista do seu desenvolvimento, com capacidade para construir as suas aprendizagens num processo de interações com pessoas e objetos e interligadas em todas as dimensões (cognitivas, sociais, culturais, físicas e emocionais), é uma premissa fundamental.

Ao longo do ano letivo foram acontecendo diversas experiências de aprendizagem em ambientes facilitadores

de desenvolvimento, que possibilitaram a cada criança ser envolvida nas descobertas e investigações, em aprendizagens ativas que implicaram ambientes diversificados e em espaços físicos que convidaram a criança a manipular e a explorar com confiança e segurança, a interagir, a cooperar. Nesta construção articulada do saber, brincar foi sempre a atividade natural num olhar holístico sobre aprender.

Ambientes e materiais estimulantes promovem aprendizagens significativas e diversificadas assim como melhoram a qualidade da resposta educativa.

Assim, apostámos como pontos de partida, na exploração das diferentes formas de expressão (física, artes visuais, teatro, música e dança) e no conto de histórias para desenvolver a capacidade de fazer escolhas, de tomar decisões, de assumir responsabilidades, tendo em conta o bem-estar da criança e o dos outros; para desenvolver capacidades expressivas e criativas através de explorações e produções plásticas, permitindo alargar o leque de atividades em espaços onde a socialização, a criatividade, a identidade se traduzem em aprendizagens expressivas e criativas. Surgiram atividades planeadas e espontâneas que permitiram ampliar as aprendizagens, potenciando as interações no grupo e a implicação das crianças na sua aprendizagem tornando-as conscientes dos seus progressos. As histórias foram um dos recursos a partir do qual se desenvolveram pequenos projetos. O contacto com o livro proporciona a descoberta do prazer da leitura e desenvolve (entre outros) a sensibilidade estética, a criatividade, a imaginação, a linguagem oral.

Mobilizar e coordenar diversas estratégias de produção e compreensão de escrita significativa para a criança, torna-se um facilitador que permite um maior domínio da leitura e da escrita. Os instrumentos de registo são uma ótima



ferramenta atendendo a que têm simultaneamente, um papel lúdico, didático e regulador da vida do grupo e das aprendizagens. O desejo de aprender a ler e a escrever pode ser otimizado quando se utilizam em qualidade, frequência e a valor atividades de leitura e escrita.

A dança como forma de movimento expressivo promove o sentido rítmico, aprendizagens cooperadas, noção de tempo e de espaço e a consciência de pertença a um grupo.

Reciclar materiais é acreditar que é possível viver um futuro sustentável.

Modelar desenvolve a motricidade fina, a coordenação motora, a criatividade e a imaginação.

Brincar livremente com jogos de encaixe, construção, letras e números, são momentos de grande alegria e de inúmeras aprendizagens, cheias de imaginação e felicidade.

Realizar atividades no exterior porque este espaço também é um ambiente educativo.

Brincadeiras livres: saber utilizar o poder de escolher, decidir e ser responsável é muito importante na formação pessoal e social pois desenvolve a identidade, a autonomia e o respeito pelo outro.

Desenvolvemos o Projeto “Parar para...ler e falar Português” em articulação com o 1º Ciclo, o que permitiu ampliar formas de comunicação oral e escrita assim como interações pessoais em diversos contextos (adivinhas, trava-línguas, poemas).

Com o Projeto “Somos pequenos grandes pintores” explorámos diversos elementos expressivos da comunicação visual e envolvemos todos os sentidos potenciando a sensibilidade, a imaginação e as possibilidades de criação (Picasso, Miró, Van Gogh, por exemplo).

A participação e o envolvimento da criança foram os alicerces que abriram espaço para atuações autónomas e seguras, capacitando as crianças para tomar decisões relativamente ao seu próprio processo de desenvolvimento e aprendizagem.

O mote que me surgiu ao longo do ano foi “Olhar para mudar”. E o ano letivo em Odomau foi um facilitador por excelência, para aparecerem novos sentidos e novas oportunidades, proporcionando novos olhares sobre a qualidade e eficácia das oportunidades de aprendizagem das crianças, tendo implícita a ideia de que a aprendizagem ocorre em função de ações em parceria, capazes de originar desafios, de propor questões e de fornecer pistas, numa relação entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento próximo da criança. Ter uma atitude de disponibilidade para educar é um princípio que há muito cultivo, tendo sempre o olhar posto numa educação rica e geradora de pessoas equipadas com ferramentas para aprender e para querer aprender.

IGUALDADE – ALEGRIA – UNIÃO – JUSTIÇA – CORAGEM –
LIBERDADE
OBRIGADA TIMOR-LESTE!
OBRIGADA PROJETO CAFE!

Teresa Varela Dias
Educadora de Infância

A Arte como Manifesto

Nas vielas estreitas de Díli, um grupo clandestino de artistas emerge das sombras, cada pincelada e nota musical uma forma de desafio contra a ocupação indonésia. Liderados por Sofia, uma talentosa pintora, e Mateus, um músico corajoso, transformaram a arte num manifesto silencioso.

Sofia, com sua paleta escondida, adornava as paredes da cidade com murais vibrantes que contavam a história proibida. Cada imagem era um ato de resistência, cada cor uma nota de desafio. Os becos tornaram-se galerias clandestinas, onde a verdadeira narrativa de Timor-Leste florescia em cores vivas.

Mateus, por sua vez, compunha músicas que reverberavam nas entradas da cidade. As suas letras eram como mensagens codificadas,

transmitindo esperança, coragem e a promessa de liberdade. Os concertos secretos eram realizados em locais escondidos, onde as notas proibidas desafiavam a opressão imposta pela ocupação.

O ateliê de Sofia e o estúdio de Mateus foram refúgios para os espíritos livres que buscavam uma fuga do peso da ocupação. A arte deles não apenas adornava as ruas, mas infundia vida nas almas daqueles que ansiavam por uma pátria verdadeiramente livre.

Num ato de ousadia, Sofia pintou um mural no coração da cidade, retratando a resistência que pulsava nas veias de Timor-Leste. A obra de arte tornou-se um símbolo de esperança, uma testemunha silenciosa da determinação do povo em preservar sua identidade.

Assim, em cada pincelada e acorde, a arte transformou-se num veículo de resistência, desafiando a ocupação indonésia e deixando um legado de coragem para as gerações futuras.

A Jornada dos Guerrilheiros nas Montanhas

Nas montanhas imponentes, refugiou-se um grupo de guerrilheiros. Eles transformaram as paisagens inóspitas no seu campo de batalha, conduzindo operações de guerrilha contra as forças de ocupação. Cada emboscada era um ato de resistência, desafiando uma presença indesejada.

Maria Isabel Eugénio,
Professora



Dia Mundial da Ciência para a Paz e Desenvolvimento

PCAFE-Manatuto

No dia 29 de novembro, fomos convidados para assistir a uma apresentação de Ciência inserida nas comemorações do Dia Mundial da Ciência para o Desenvolvimento e para a Paz. A apresentação, patrocinada pela UNESCO, era uma competição entre várias escolas de diferentes municípios e existe desde 2013. As escolas presentes pertenciam aos municípios de Viqueque, Lospalos, Bobonaro, Díli, Maliana e Hermera. Esta competição realizou-se na Escola Secundária Kay Rala, em Manatuto.

Estivemos, como outras escolas de Manatuto, presentes como convidados. Ao chegarmos, pedimos para apresentar alguns trabalhos que fomos fazendo ao longo do ano e a comissão organizadora deixou. Não participámos na competição, mas partilhámos o que gostamos de fazer.

Foi um dia dedicado à Ciência e às suas aplicações no dia a dia, da Matemática à Física, da Química à Biologia, passando pela Geologia.

Foi uma oportunidade de mostrar um pouco do que fazemos e de ver e aprender com o que as outras escolas fazem. A brincar, estivemos com Galileu, Newton, Bernoulli, Lavoisier, Pascal, Laplace e muitos outros. Fizemos mensagens secretas, brincámos com a pressão atmosférica, explorámos as leis de Newton, aprendemos mais sobre destilação, transferência de energia, identificação de componentes e, entre outras coisas, lançámos um foguetão.

Foi um dia diferente, com muito significado para nós que gostamos de Ciência porque a Ciência é divertida e é muito importante para o desenvolvimento do nosso país e porque aprender a praticar é muito mais divertido.

Alunos do 11.º ano e Clube de Física do CAFE de Manatuto
Professor Wilson Simões





O Mar é, também, a nossa identidade

Os lixos do século XXI são um grave problema ambiental para o planeta Terra. No município de Manatuto encontramos quantidades grandes de resíduos e lixo nas praias. Há estudos feitos por cientistas que dizem que 80% de lixo nos mares plásticos e derivados de plásticos. Os lixos que vão parar às águas dos Oceanos, matam por ano milhares de animais marinhos e entram na nossa alimentação. Como alunos do CAFE de Manatuto em Timor-Leste, preocupamo nos com o lixo que as pessoas deitam em grande quantidade para as águas das ribeiras. As águas das ribeiras vão para o mar e levam com elas todo o lixo lá deixado para a praia e para o mar. As espécies marinhas e os corais morrem e os seus habitats ficam destruídos. Temos de dar o exemplo às pessoas da Vila de Manatuto. Decidimos, como no ano passado, fazer uma atividade, inserida no “Projeto da Escola Azul”, de limpeza nas praias de Manatuto para recolha de lixo e, assim, dar o exemplo e alertar para a poluição dos habitats marinhos e para a proteção da vida no mar, pois muitos animais marinhos estão em perigo de extinção podendo desaparecer para sempre das águas dos mares e dos oceanos.

A atividade realizou-se no dia 6 de novembro. Participaram todas as escolas de Manatuto Vila que foram por nós convidadas: as escolas de Ensino Básico de Aiteas, de Rentau

e Vasco da Gama, as escolas de Ensino Secundário Geral de Santo António e Kay-Rala e Escola Técnico Vocacional de Manatuto. Também estiveram presentes a administração do município de Manatuto, a administração do Posto de Manatuto Vila, o nosso Diretor Escolar e o Serviço de Águas e Saneamento de Manatuto que nos apoiaram na limpeza e recolha do lixo das praias.

Os lixos recolhidos foram plásticos, roupa, chinelos, pratos de plástico, latas, garrafas de plástico, telemóveis, vidros, fraldas de bebé, embalagens de detergentes, fios elétricos e outros.

O objetivo principal da nossa atividade, além da limpeza das praias, foi sensibilizar as pessoas para um problema ambiental que afeta, de forma direta, e indireta toda a população e todos os seres vivos que nos rodeiam.

No fim, lanchámos com os colegas e divertimo-nos. A praia ficou limpa e nós ficamos felizes porque “O Mar é também a nossa identidade”.

Alunos do 12.º ano



Timor: nova génese da língua portuguesa

PCAFE-Same

“Ensinar em Timor?! És muito corajosa!”

... dizem os colegas portugueses que me veem partir com uma mala a abarrotar de “utilidades” ocidentais (criteriosamente selecionadas) e de muitos sonhos!

As utilidades revelaram-se de menos utilidade que o habitual, num país onde se vive com muito pouco. Os sonhos esses, foram crescendo, alimentados quotidianamente pelo sorriso espontâneo e aberto das crianças, pelo “bom dia professora!”, gritado nas estradas ao avistar a pickup que transporta os professores, pelos colegas timorenses que nos acolhem alegremente, sempre afáveis no trato. Sonhos alimentados também pelos muitos desafios de toda a natureza que fazem transcender em nós as fronteiras do humanamente possível e ir buscar “inspiração” a lugares até então desconhecidos.

Edifícios coloridos. Crianças a rirem e a brincarem no recreio. Vozes alegres numa linguagem desconhecida. Este foi o cartão de visita ao chegar à escola primária de Same, município de Manufahi, numa bela segunda-feira de março. Seguiram-se muitos outros momentos de pura alegria e êxtase, perante uma natureza exuberante e pessoas amigas, cujo lema quotidiano é “dar o seu melhor” num espírito comunitário, alimentado pela ancestralidade das tradições.

Este meu primeiro ano em Timor, enquanto professora da língua portuguesa, foi um ano repleto de

desafios e uma paleta de tantas outras emoções. Confesso que nem sempre foi fácil substituir na minha prática letiva os *smartboard* e computadores de sala de aula pelo quadro negro e o giz branco, os manuais e livros de exercícios pelas frases alinhadas num quadro dramaticamente negro. Mas, depois, havia uma Maria, uma Genóvia, uma Baquita ... “professora, eu ajudo a professora, eu gosto de escrever no quadro!”. Havia um Rizo, um Honey, um Denilton... “professora, eu desenho no quadro o mapa de Timor...”. E assim nasciam as aulas. Dos saberes e dons de cada um, uma teia engenhosamente construída, onde os conteúdos ganhavam novas formas e sentidos.

Na “minha” escola, ouve-se a ladainha das conjugações, música cadenciada na boca de crianças que no dia a dia comunicam apenas com um verbo, sem passado nem futuro, nem terminações. Esta música, repetida dia após dia, ganha um novo significado. O significado de quem na próxima aula já diz, confiante e sorridente: “Professora, posso entrar? Estou atrasado...” em vez de “Professora, eu atrasado...”. Esta autoconfiança na comunicação em língua portuguesa, que vai estabelecendo novas pontes, vai muito além da “estratégia”. Nasce da vontade e determinação em aprender e, principalmente, em agradecer.

Na minha escola, os intervalos são marcados pelo som metálico de um pedaço de ferro a bater na jante ferrugenta de um camião. Mas o momento alto acontece cinco minutos antes, quando da distribuição da merenda. E a única refeição quente

do dia para muitos é generosamente oferecida (“professora, é servida?”) e abençoada pelo gesto sagrado da cruz, antes de ser consumida mais ou menos sofregamente.

Num país onde não há quase nada, os versos de Florbela Espanca ganham sentido prático “Ser poeta é ser mendigo e dar como quem seja Rei do Reino de Aquém e Além Dor!”. E descubro-me muito menos “poeta” perante poetas natos, pois a minha poesia alinha-se nas palavras de um verso, enquanto a deles faz-se de gestos reais! Os meus alunos ensinam-me muito mais que o Tétum. Ensinam-me a generosidade, a amizade, a partilha. O projeto de trabalho mais completo e nobre que um professor pode ambicionar por em prática.

Na MINHA escola, onde as cortinas coloridas ondulam ao sabor da brisa (mimo da professora Maria), os alunos fazem fila para entrar, digladiam-se para irem buscar e levar os livros à sala dos professores. As meninas sorriem, envergonhadas, quando se pergunta sobre os namorados; os rapazes, esses, ostentam um ar de gente crescida com aptidão para constituir família (começando pelo namoro da menina dos seus olhos, obviamente, e pelo bigode que desponta cedo, a marcar a emancipação masculina).

Na MINHA escola, há uma biblioteca que gostamos de frequentar para momentos de leitura recreativa e desenho (para os mais dotados). Os alunos sentam-se com o seu livro, decifrando o texto, perguntando vocabulário desconhecido, mergulhando por momentos em mundos iminentemente virtuais e

pouco tangíveis para eles. “Professora, o que é primavera?”, “Primavera é aquela estação do ano em que as flores florescem, o tempo ameniza e tudo fica muito verde!”, “Não há primavera em Timor?”, “Não, professora, só tempo de chuva e tempo de seca”. Ficamos pela teoria. Descobri, na prática, o significado dessas estações, quando subitamente em outubro para de chover... Quanto a eles, os meus alunos, tardarão a conhecer o significado prático da primavera, ou nunca conhecerão, pois poucos serão aqueles que terão a oportunidade de percorrer os cerca de catorze mil quilômetros que separam os dois continentes.

Na MINHA escola também há os dias especiais, como a primeira segunda-feira de cada mês, à semelhança de todas as outras escolas de Timor. Efetivamente, na primeira segunda-feira de cada mês, o amanhecer da escola é feito de outros sons e movimentos. Alinhados, em formatura, por anos de escolaridade, meninos e meninas aguardam o comando do mestre de cerimónias para irem cumprindo os vários momentos do hastear da bandeira da república timorense.

Por entre os comandos gritados pelo comandante da parada e o movimento sincronizado do “Corpo Içar da Bandeira”, (todos eles alunos, cuidadosamente treinados pelos colegas timorenses), sente-se a emoção de um hino que grita a Liberdade e a Libertação. Todos cumprem religiosamente os momentos de silêncio e de proclamação, sob um sol cruelmente ardente de trinta ou mais graus. Ninguém desalinha ou esmorece até à última ordem “Comandante da parada manda destroçar!”.

Também foi um dia muito especial aquele em que o Presidente da República de Timor apareceu de surpresa na nossa escola. A informalidade e proximidade do contacto foi algo que ficou para sempre na memória de todos – alunos e professores.

Dia após dia, estas crianças atravessam florestas, caminhos de terra batida, pontes (ou rios, na falta destas) para se juntarem aos colegas no edifício cor-de-rosa com um placard gigante que orgulhosamente ostenta uma designação que faz toda a diferença “CAFE DE SAME”. Aqui, convivem pacificamente, conversam das coisas deles e cumprimentam os professores com um alegre “Bom dia, professor!”, “Bom dia, professora!”. Aqui reinventam a cada manhã a sua forma de estar e crescem numa identidade própria e peculiar, feita de saberes timorenses e portugueses.

Para a construção desses saberes, realço o empenho e esforço dos meus colegas timorenses. Diante situações de vida muito precárias, não baixam os braços. Comparecem religiosamente na escola trazendo consigo o desejo de ensinar. Nos olhos, o brilho da paixão que o sacerdócio do ensino coloca em todos aqueles que sentem o chamado. Uma vocação que não se contenta com o sacrifício de uma vida, mas que exige também a dos que lhes são próximos. Efetivamente, é muito frequente que os pais tenham a guarda separada dos seus filhos, não por falta de amor, mas porque o magistério do ensino assim o exige, pois os pais foram colocados em municípios muito distantes... E os filhos crescem, mutilados de uma mãe ou de um pai, que se encontra a centenas de quilômetros, e que só irão poder abraçar quando as férias, as tolerâncias de ponte e os escassos dólares amealhados assim o permitirem.

No CAFE de Same, magistralmente coordenado pela professora Diana Silva, recebe-se crianças desde o pré-escolar até ao ensino secundário. Aqui todos se orgulham de vestir a camisola de um estabelecimento que vai marcar a diferença na vida das crianças, pois o ensino do português é o passaporte que permitirá aceder no futuro a “Serviços” na administração timorense, a profissões liberais e a bolsas para estudar no estrangeiro.

E, por entre aulas, atividades extracurriculares em que os alunos

são convidados a mostrar os seus conhecimentos e saberes, tanto em eventos desportivos como culturais, os dias vão desfilando, num corrúpio serenamente frenético. E o ano, tecido de trabalho, resiliência, sorrisos e muita alegria, chega subitamente ao fim.

Para marcar esse momento final, prepara-se a tradicional festa de encerramento do ano letivo com uma participação massiva de todas as turmas e muita autonomia por parte dos alunos nos ensaios. Todos quiseram marcar a sua presença, ou com uma canção ou com uma dança ou outras manifestações artísticas do seu agrado. Tudo é feito com a sensibilidade de quem sabe que são os últimos momentos partilhados, e por isso vão ficar no coração. No coração de quem parte e de quem fica... ou, parafraseando Saint-Exupery: “Aqueles que passam por nós não vão sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”.

É assim este Timor que encontrei. Um Timor onde a escola é muito mais que um lugar de aprendizagem pura e dura, é um lugar onde se aprende mais do que se ensina. Um lugar onde as trocas são permanentes e recheadas de afeto.

Timor é muito mais que uma ilha no mar. Timor é uma gente que ainda sabe amar!

Hortênsia Inêz
Professora



Périplo pelo Oecusse



Entre os dias 10 e 13 de novembro, os alunos finalistas do CAFE de Same efetuaram uma visita aos seus colegas e amigos do CAFE do Oecusse, sob proposta da coordenação do CAFE de Same.

O programa da visita contou com a componente lúdica e didática, convertendo a estadia dos finalistas do Manufahi num momento de convívio, aprendizagem e intercâmbio. Visitaram-se, entre outros, a Fonte Sagrada, a Associação das Agricultoras, as Salinas, Lifau, a Igreja de Santo António e Sakato, na fronteira com a Indonésia; passeou-se por Pante Macassar e participou-se na vigília noturna do 12 de novembro e na procissão até ao Cemitério, após a missa matinal. Houve um torneio de futsal entre ambas as equipas, no campo de Santa Rosa e, para encerrar o evento, um jantar convívio preparado pelos alunos. Nesse momento, foi pedido aos alunos que caracterizassem a sua estadia com seis

palavras. Same nomeou 'amor', 'amizade' e 'obrigado'; o Oecusse, mais uma vez as palavras 'amor' e 'amizade' e, finalmente, 'partilha'.

Os convidados, alojados na escola de Quiumaria previamente preparada para receber os ilustres visitantes, chegaram às 6 da manhã do dia 10. O regresso teve lugar no dia 13, depois do almoço. Quatro professores de Same, incluindo a Coordenadora e um dos Coordenadores Interinos, acompanharam os finalistas até ao enclave timorense numa viagem de anguna e de barco que durou dois dias para percorrer 233Km, até chegar ao destino.

Trabalho realizado pelos finalistas do 12.º ano do CAFE do Oecusse, sob a orientação das professoras Lara Campos e Mariana Neves, e com o contributo fotográfico de finalistas e professores do CAFE de Same.



Multiatividades desportivas e artísticas

CAFE-Suai



Comemoração Dia da Proclamação da Independência de Timor-Leste

Dia 27 de novembro de 2023, pelas dezanove horas, os alunos do 1.º e 2.º ciclos do CAFE de Suai apresentaram os espetáculos, como: dança suru-boek, dança bum-bum, canção " ser feliz", dança piky-piky e dança travessura no campo de Ladi para comemorar 48 anos do Dia da Proclamação da Independência de Timor-Leste. Estas apresentação foram acompanhados pelos professores Aniceto Alberto, Abreu Sarmiento, Isabel Gusmão, Gabriela Siva e Santina de Fátima. Os participantes e os acompanhantes ficaram muito contentes.

Distribuir os Livros à Escola do Ensino Básico Filial de Loqueu.

Dia cinco de dezembro de 2023, pelas nove horas de manhã, os professores de CAFE de Suai, Aniceto Alberto, Carla Couto e Maria Amaral foram distribuir os livros portugueses, os contos tradicionais, Saúde, Estudo do Meio e entre outros ao Ensino Básico Filial de Loqueu. Eles ficaram com muita alegria com a nossa presença.

Um laço de amizade e fraternidade entre as escolas de Covalima

Somos doze alunas voluntárias da Escola CAFE de Suai, que em 2022 e 2023, formaram o Clube dos Contistas, isto é,

treinamos e contamos de forma expressiva (leitura bilingue - tétum e português) contos e lendas da tradição oral timorense: para jovens da nossa escola, de outras escolas do município de Covalima, na rádio local e em dias festivos.

Preparamos histórias com origem em vários municípios que estão recolhidas no livro, "*Contos e Lendas de Timor-Leste*" e também lendas ouvidas dos nossos avós e antepassados. Este trabalho que desenvolvemos, foi um marco na nossa vida, pois sentimos que melhorou a nossa mentalidade, capacidade a sermos mais ativas, a saber falar e apresentar a um público variado. Através de falar e ouvir, podemos contar de boca em boca as nossas tradições.

Sentimos também que foi uma nova experiência que não vamos esquecer e que nos deu força e saber, para nós alunas pré-universitárias, pois, mesmo com pequenas dificuldades que enfrentamos durante estes dois anos, soubemos continuar a exercer este conto - a nossa própria história - até ao fim. Estamos felizes e orgulhosas e desejamos que este projeto possa ser continuado porque com o Clube dos Contistas aconteceu um laço de amizade e fraternidade entre as escolas de Covalima.

Carmelita Frederico dos Santos e Rojinova de Araújo Amaral

Dia do Pai

O Pré-Escolar do CAFE de Suai dá primazia à articulação entre a escola e as famílias.

Destacamos alguns destes momentos, com os testemunhos de alguns encarregados de educação.

Atividade de Expressão Plástica

“Eu sou o pai de um aluno que os professores do CAFE de Suai convidaram para participar nas atividades na escola no contexto para celebrar o dia dos pais com os alunos. As atividades que fazemos juntos entre (o aluno e o pai) como; pintamos juntos os desenhos, trocar as ideias entre pai e aluno, e outros atividades. Estas atividades são muito importantes porque os pais do alunos podem dar o tempo para acompanhar o aluno na escola, para poder saber o desempenho do filho na escola, também através destas atividades pode-se criar mais laços de amizade entre os pais e os professores, e também tem ainda mais pontos positivos. E também o filho muito contente com estas atividades no contexto trabalham junto entre o filho e o pai.”

Almerio Gusmão, pai do Jenadio

“Naquele momento as professoras convidam aos pais para participar nas atividades desenvolvidas na sala com a minha filha, assim a filha está muito feliz com esta atividade. Com esta atividade fazem uma boa relação entre os pais e filhos e professoras.”

João Moniz, encarregado de educação da Baquita

Preparação da festa de final de ano

“Festa final que é muito importante para os alunos e pais que participaram na atividade de preparação, que começou no dia 16. Esta actividade faz aproximar famílias professores e crianças. Os alunos que participaram nesta festa, estavam muito contentes e festejaram e depois a relação entre os pais e os alunos melhorou muito. Naquele momento os alunos apresentaram danças, poemas na escola. Através destas actividades aumentou a capacidade e conhecimento.”

Fernando Ferreira, pai de Clarissa

“Foi espetacular porque a preparação da festa envolveu todos os encarregados dos alunos do pré-escolar. Naquele momento, os pais vieram muitos participar neste dia. Por isso, a festa estava muito divertida, porque os alunos apresentaram diferentes espetáculos. Para além disso, os meninos ficam muito contentes, porque eles receberam os seus diplomas da escola. E até alguns, obediamente, deram um passo para tirar fotos juntos, com os seus pais e também com os seus educadores.”

“Sente orgulho ser os pais dos alunos CAFE porque a maneira de ensinar do professor português bem estimulado. O encarregado dos alunos sente contente porque colaboração entre os pais e com os professores na escola CAFE Suai bem organizado. Agradece e muito obrigado.”

Andre de Oliveira, pai da Novaliani

“Durante a festa os alunos e os pais gostam muito, convivem muitos felizes até terminar a festa.”

Ferdiano Madeira Gomes, pai da aluna
Carissa

“Caros professores,

Em princípio fico muito contente porque a minha filha tem oportunidade a estudar no CAFE de Suai, fico muito orgulhoso pelo método de ensino, pela maneira de organizarem as crianças. Neste momento a minha filha que tem 5 anos de idade é faladora e tem muito comentário em casa. Fico muito contente também pela boa colaboração dos professores comigo. Por último, obrigadíssimo pela oportunidade para eu poder expressar meu sentimento como um pai. Muito obrigado.”

Teotónio da Cruz Tele, pai de
Felícia da Cruz

“Sou pai da menina Maria, estou muito contente com estas atividades que foi realizarem no dia mundial dos pais, porque através destas atividades conseguimos fazer aproximação entre os outros como professores, pais e as crianças, assim sugeriram que no futuro podem continuar a fazer destas atividades.”

Joanito Agustinho, pai da Maria

“Concluindo, da minha parte, eu fiquei muito contente, porque uma das minhas filhas também recebeu o seu diploma nesse dia.”

Odete de Jesus Amaral, encarregada de educação da Alexandrinha



Abreu Sarmento, Filomena Sousa Hermínia da Costa, Maria João Ferrari. Educadores

A escola é nossa

CAFE-Viqueque



Somos alunos do CAFE de Viqueque e gostamos muito da nossa escola. Passamos os intervalos na brincadeira, mas trabalhamos com afinco nas aulas. No início do ano letivo, estamos sempre ansiosos por aprender novas matérias e por reencontrar os nossos professores e colegas. A chegada dos professores portugueses é um momento de festa e de alegria. Gostamos de os receber bem, por isso organizamos uma pequena recepção, com danças e músicas tradicionais timorenses. Esta escolha é um ponto de honra porque queremos mostrar, preservar e praticar o melhor do nosso país – a sua cultura. No entanto, estamos sempre abertos à modernidade, sendo estes momentos fotografados e postados nas redes sociais, que ficam repletas de imagens de alegria e de confraternização.

Estes encontros ou reencontros marcam o início de um novo projeto, em que todos temos de dar o melhor para atingirmos os melhores resultados escolares. Nós e as nossas famílias achamos que a nossa escola tem qualidade. Os professores acompanham-nos, esclarecem dúvidas, usam métodos modernos, enfim, preocupam-se

com a nossa vida escolar e pessoal. Nas ciências fazemos experiências, participamos em formações, debatemos ideias e escrevemos relatórios. As aulas são ativas e podemos expressar as nossas opiniões, aprendendo os valores do respeito e tolerância. Participamos ainda em atividades extracurriculares que nos ensinam a saber estar e conviver.

A aprendizagem da língua portuguesa é muito importante, porque é uma das línguas oficiais do nosso país. Não esquecendo que os manuais escolares, a legislação e os exames são redigidos em português, tornando o seu conhecimento essencial para uma comunicação eficaz dentro da sociedade timorense.

A nossa biblioteca escolar tem muitos livros escritos em língua portuguesa que podemos requisitar para leitura domiciliária e, assim aprender mais a língua, ter novos conhecimentos e desfrutar de novas histórias e aventuras. Sabemos que o domínio e a boa fluência em português poderão proporcionar-nos melhores empregos, como nos setores do turismo, comércio externo

e organizações internacionais que mantêm laços com países lusófonos.

Ansiamos também o nosso bom desempenho linguístico nos dê acesso a bolsas de estudo para frequentar universidades em países da CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa).

A língua portuguesa também está ligada à história e cultura timorenses. Foi a língua da resistência face à invasão da Indonésia e foi a língua aprendida pelos nossos avós nas escolas. Desta forma, temos oportunidade de explorar e compreender melhor as nossas raízes, fortalecendo a nossa identidade nacional e valorizando a herança cultural do país.

Acabamos como começamos – “gostamos da nossa escola CAFE”, porque:

A escola é nossa.
A escola dá-nos asas para voar.
O futuro é já agora.

Alunos do Ensino Secundário do CAFE de Viqueque

Sintonizando o poder da palavra: A Rádio Escola e a promoção da língua portuguesa

A Rádio Escola do CAFE de Viqueque é um verdadeiro mundo radiofónico em 87,5MHz FM! Aqui, mergulhamos numa mistura vibrante de música, informação e aprendizagem, tudo transmitido em língua portuguesa.

Este projeto pioneiro, a 'Rádio Escola', nasce da certeza de que a rádio é um meio acessível e poderoso próximo de uma comunidade ativa que não oferece apenas oportunidades educativas, mas também enriquece culturalmente.

Os objetivos da rádio escola prendem-se com o reconhecimento, por parte dos alunos, do valor desta ferramenta de comunicação por forma a fortalecer os laços entre escola e comunidade escolar, aumentar a participação dos alunos, pais e responsáveis pela educação, enquanto promovemos a língua portuguesa.

A Rádio Escola teve grande importância para encurtar a distância entre a escola e os alunos durante o período de encerramento das aulas presenciais devido à pandemia da Covid-19. Desde então, mantemos uma programação semanal repleta de conteúdos escolares, música e notícias, tudo em português.

Os conteúdos têm origem na escola, com a colaboração dos alunos, sendo os mesmos trabalhados em conjunto com os professores, em sala de aula, garantindo uma programação dinâmica e envolvente.

Mais recentemente, integrado num projeto escolar sobre as energias renováveis e proteção do meio ambiente, iniciámos alguns testes com um sistema de emissão totalmente autossuficiente com recurso a energia solar. Sendo um projeto experimental, com falta de recursos técnicos como uma mesa de mistura adequada, a nossa rádio tem um alcance limitado à comunidade de Viqueque Vila. Mesmo assim, estamos aqui para inspirar, informar e unir através das ondas da rádio.

Vítor Carvalho
Coordenador da Escola CAFE de Viqueque



Destiques



Inauguração do Polo do Mindelo da Escola Portuguesa de Cabo Verde (EPCV-CELP)

O Ministro da Educação, Doutor João Costa, inaugurou, no dia 10 de outubro de 2023, o Polo do Mindelo da Escola Portuguesa de Cabo Verde - Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPCV-CELP), na ilha de São Vicente, numa cerimónia que contou com a presença do Ministro da Educação de Cabo Verde, Dr. Amadeu Cruz, do Presidente da Câmara de Mindelo e de outras autoridades locais cabo-verdianas.

A importância deste Polo para a cooperação educativa entre Portugal e Cabo Verde, o primeiro a ser criado numa Escola Portuguesa no Estrangeiro, foi destacada pelo Senhor Ministro João Costa que expressou a vontade para que este seja “o lugar onde todos os que aqui vivem possam encontrar felicidade, aprendizagem e crescimento” e “um ponto de referência para a formação de professores”.



Polo do Lubango da Escola Portuguesa de Luanda (EPL-CELP)

No passado dia 23 de novembro, foi publicada em Diário da República a Portaria 389/2023 que cria o Polo do Lubango da Escola Portuguesa de Luanda, Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPL-CELP).

Este Polo, situado na cidade do Lubango, na província de Huíla, constitui-se como uma extensão da Escola Portuguesa de Luanda, Centro de Ensino e Língua Portuguesa e terá como

objetivo primordial o de promover a descentralização da oferta de formação, educação e de ensino, de acordo com os currículos definidos pelo Ministério da Educação de Portugal.

Inauguração do Polo da Beira da Escola Portuguesa de Moçambique (EPM-CELP)



No dia 7 de dezembro de 2023, foi inaugurado o Polo da Beira da Escola Portuguesa de Moçambique - Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP). A cerimónia contou com a presença do Secretário do Estado da Educação, Dr. António Leite, do Embaixador de Portugal em Maputo, Dr. António Costa Moura, da Senhora Diretora-Geral da Administração Escolar, Dra. Susana Castanheira Lopes, do Sr. Cônsul da Beira, Dr. Bernardino Azevedo, da representante da Associação de Pais, de representantes das autoridades moçambicanas e demais personalidades.



A inauguração deste Polo é um marco importante para as comunidades educativas de Portugal e de Moçambique e representa um compromisso com a promoção da aprendizagem da língua portuguesa, língua global e de criação e transmissão de conhecimentos.



Seleção e recrutamento de docentes

O Decreto-Lei n.º 139-B/2023, de 29 de dezembro, é o primeiro normativo a aprovar um regime especial de seleção e recrutamento de docentes das escolas portuguesas no estrangeiro da rede pública do Ministério da Educação (EPERP). Este diploma legal tem como objetivo primordial o

de possibilitar às EPERP disporem de um quadro estável e permanente de docentes para o efetivo cumprimento da sua missão, com reflexos positivos na concretização dos seus projetos educativos, documentos orientadores e identitários de cada uma destas escolas.

II Jornadas da Educação para as Escolas Portuguesas no Estrangeiro

Na sequência da realização das I Jornadas da Educação, nos dias 7 e 8 de março de 2023, a Direção-Geral da Administração Escolar irá promover, através da Direção de Serviços de Ensino e das Escolas Portuguesas no Estrangeiro, a realização das II Jornadas da Educação. Perspetivadas para o primeiro trimestre de 2024, pretendem constituir-se como um espaço de formação em áreas transversais às Escolas Portuguesas no Estrangeiro, potenciando lógicas de ação para o desenvolvimento do trabalho colaborativo.



III Encontro de Escolas Portuguesas no Estrangeiro

Dando continuidade ao I Encontro Anual de Escolas Portuguesas no Estrangeiro, que teve lugar na Escola Portuguesa de Cabo Verde - CELP, de 3 a 5 de maio de 2019, na cidade da Praia, em Cabo Verde e ao II Encontro Anual de Escolas Portuguesas no Estrangeiro, que decorreu na Escola Portuguesa de São Tomé e Príncipe - CELP, de 2 a 5 de maio de 2023, a Direção-Geral da Administração Escolar irá promover em 2024, o III Encontro Anual de Escolas Portuguesas no Estrangeiro, a constituir-se, quer como uma oportunidade para conhecer e divulgar as Escolas Portuguesas no Estrangeiro, os seus projetos e as suas áreas de intervenção, quer como reconhecimento à valorização e aos seus contributos maiores, enquanto agentes educativos no espaço da Lusofonia.





L / ATITUDE

ESCOLAS PORTUGUESAS NO ESTRANGEIRO